

2510
893
F m 755
f
5

ROZENDO MONIZ

FAVOS E TRAVOS

ROMANCE

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO

69, Rua do Ouvidor, 69



Francisco Octaviano d'Almeida Rosa

LUMINAR DA IMPRENSA, ESTADISTA PHILOSOPHO
E DEMOCRATA DE CORAÇÃO

EXIGUA PROVA

DA

ESTIMA E ADMIRAÇÃO

QUE LHE CONSAGRA

O AUTHOR.

A D V E R T E N C I A

Por ser este o primeiro romance que lhe sahiu da penna, o autor de um livro tal antes de tudo invoca a benevolencia do publico.

Quando isto não baste para captar a indulgencia dos leitores, fiquem todos desde já sabendo que o autor deste livro, não querendo, nem devendo desnaturalisar a verdade dos factos, para ser fiel a um compromisso, viu-se apertado n'um circulo de acontecimentos que não perderiam, se tivessem mais vida.

Tambem, a não ser phantastico o romance da vida intima, o escriptor moderno pouco aproveita da fibra da sociedade actual, cujos lances mais patheticos cifram-se n'umas ameaças, n'uns prantos, n'uns faniquitos e n'uma contumelias que não desafiam o trabalho de pennas como o pincel de Rembrandt.

Á leitora que se enfastiar do frouxo enredo que aqui vae, promette o autor d'este livro. apresentar mais tarde um romance tão cheio de peripecias como as *Proezas de Rocambole*, que tanto lhe deram no gotto.

Não ha remedio senão viajar com a phantasia pelos mares do sublime-horrivel, ainda que naufraguem o bom senso e a verosimilhança, até porque já vae cahindo em desuso ou esquecimento aquelle bello hemistichio de Boileau :

Rien n'est beau que le vrai.

Se a rigorosa critica entender que esta obriuha não merece as honras da publicação, agora é tarde e já não ha remedio senão esperar que o inexoravel olvido castigue o atrevimento de mais um rabiscador.

Mas, á muita gente que só lê almanaks e é indifferente á aquisição d'este livro, cumpre notar que o editor precisa de indemnisar-se dos dispendios que fez com a typographia.

FAVOS E TRAVOS

I

O QUE É AMOR

Se nos fosse dada a previsão dos martyrios que quasi sempre acarreta o amor, haveria ainda algum mortal que se offercesse ao supplicio como a Salamandra ao fogo?

Pode ser, porque infelizmente ha homens para tudo; jámais quem escreve estas linhas.

Recorrei os grandes livros repassados de sabedoria, vêde o que elles dizem do amor, e depois reconhecei que todas essas maximas e dissertações sobre tão corriqueiro ponto tem o valor de uma gotta d'agua no oceano, de uma chispa na massa electrica e de um grão de areia no Sahara.

Quanto mais vivemos, mais nos persuadimos de que a pratica do amor não corresponde a essas theorias vans, externadas como preceitos pelo estudo de genios transcendentales.

Propercio dizia: *No amor basta uma noite para fazer de um homem um Deus.*

O Mantuano assim se exprime a respeito d'esse poder irresistivel:

Omnia vincit amor et nos cedamus amori.

Camões, abrazado na lembrança de Nathercia, assim vibra as cordas amorosas:

*Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dóe e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.*

O incomparavel fabulista La Fontaine tambem não deixou de prestar o seu lucido contingente de luz, quando disse:

*Amour! amour! quand tu nous tiens,
On peut bien dire: — adieu, prudence!*

E Victor Hugo, nos seus *Miseraveis*, escrevendo uma carta de namoro em nome de *Mario* à *Cosetta*, prorompe n'estes aphorismos:

« — A redução do universo a um unico ente e a dilatação de um unico ente até Deus, eis o amor.

« O amor é a saudação dos anjos aos astros; é a respiração do ar do paraizo.

« *Em materia de amor não ha meio termo possível, porque o amor ou perde ou salva.* »

E como essas expressivas, mas insufficientes proposições, que podem dar logar a milhares de milhões de argumentos, ha outras tantas que só servem de atropellar o espirito e cada vez mais incapacital-o ás perscrutações dos caprichos do amor!

Caminhe a sociedade, como vae caminhando, impellida pelo genio do progresso, redobre de luzes a civilisação, perca-se o homem nas mais arrojadas investigações scientificas, caiam gigantes, subam pygmeus, e sempre o amor hade ser um mysterio para o homem, por mais que n'essa chamma inapagavel ardam todos os corações e até se purifiquem todas as almas.

Se quem ama não sabe ao certo o que é o amor, como pode sabel-o ou bem pintal-o quem possúe um coração ferrado de couro ás suaves blandicias d'esse travesso menino, que tem visto amortalharem-se tantos seculos?

E desgraçadamente os que menos soffreram dos influxos d'essa eterna magia, são os que mais querem abrangel-a pela idéa.

Que tentativa irrisoria!

Ella faz lembrar a preocupada creança que se afadigava com uma concha a querer deslocar o oceano para a cavidade de uma pedra!

O amor não se descreve; sente-se.

E nem se diga, como Alphonse Karr, que o amor está menos no amante que no objecto amado, á semelhança da musica que, por não impressionar o tympano de um surdo, nem por isso deixa de ser maviosa e arrebatadora.

Não, mil vezes não.

Quanta adoravel mulher que nos induz ao amor, sem que fosse ao menos um minuto repassada por elle!

Quanta vez n'esse lindissimo involucro, que se chama a belleza, julgando encontrar o amor, deparamos com um vazio, sem o minimo vestigio de que por ali se deslizesse uma particula si quer do celeste veneno!

Não; o amor exercita-se no seio do mundo, como a alma trabalha dentro do corpo; é como um circulo de que não se pode ver o centro.

Busque-se agora a origem, limite-se a extensão e chegue-se ao verdadeiro termo do amor!

E ha quem tenha a pretenciosidade de querer desradicar o amor que se insinúa contra a vontade!

O amor é o delirio d'essa febre incuravel que até se apoderou de Jehovah, quando Elle encarnou-se em Christo para remir a humanidade.

Desgraçado do homem que se enche de tal molestia, e vae pedir remedio a uma pobre creatura que se acha vazia de amor!

Infeliz da mulher que, tomando a nuvem por Juno e a sombra pela luz, no seu empenho de agradar a todos para ao menos escravisar um só, julga-se occupada pelas innumeras graças e influencias do amor, sem saber, coitada! que esse espesso e pezado orgulho, que a invadiu, é incompativel com a presença do mais gostoso visitante — o amor!

Quem suppõe-se e diz-se refractario aos dardos do amor, ou mente á sua propria condição ou não sabe o que diz.

Vêde o que assevera o auctor do *Homem que ri*:

« Lucifer estava tranquillo, avistou Eva e tornou-se Satanaz! »

Se o anjo do mal foi seduzido pelo amor, já se

vê que a tentação amorosa é mais forte que a tentação diabolica. Não se negue, portanto, ao amor o direito de regenerar do crime e do vicio, quando lucha com Satan em favor do homem; e muito menos o homem se considere irresistivel ás graças do amor disfarçado na belleza, quando por taes graças perdeu-se um anjo para sempre.

Onde nasceu o amor?

Onde pronunciou-se o verbo de Jehovah, quando enfastiado da propria solidão, disse ao cahos: — Anima-te e vive!

E logo a liberdade, vibrando nas vozes dos seres animados, como nas cordas de uma lyra immensa, foi o hymno com que o amor retribuiu a creadora graça de Deus.

Porem desde que o amor, concentrando-se no gozo, distrahiu-se de Jehovah, e, vaidoso de si proprio no meio de tanta liberdade, suppoz-se maior que o poder infinito, então fez-se o primeiro escravo, fechou-se o Eden e o mundo perdeu-se!

D'ahi vem chamar-se egoista o amor; e se por essa culpa, com que foi tão mal correspondida a liberalidade divina, perdeu-se o mundo para com Deus, não admira que pelo egoismo do amor perca-se o homem para com o mundo.

Não estranhe o leitor que as linhas acima traçadas sirvam de prologo á historia da vida de um moço, porque n'essa historia, ainda que abrangida por alguns mezes, está comprehendido um subitaneo e ineffavel amor.

II

P E R F I S

O romance phantastico é quasi sempre o caprichoso parto de fogosas imaginações.

Quem se deleita com romances, e gosta de scenas inverosimeis, não leia estas paginas, escriptas pelo coração e para o coração.

Este romance é verdadeiro.

Aqui apenas vislumbra as alegrias de uma existencia que ama, e vazam-se as tristezas de um espirito precocemente annuviado pelo desgano.

Esta historia representa a reunião de dous crepusculos sobre a esphera de um pensamento: o fim da juventude virgem dos cuidados do amor, e o principio do scepticismo inspirado contra os enleios do amor pelos caprichos sociaes.

Alfredo é um joven de 24 annos de idade.

Alto, moreno, de cabellos quasi negros, de olhar languido a desmentir-lhe as impetuosidades d'alma; cheio de vida e de aspirações, olha mais para essas flores lucidas, que esmaltam o manto do firmamento e que se chamam astros, do que para esse amalgama de luzes e de lodo, que se chama a terra, e em que revolvem-se os vermes orgulhosos chamados homens.

Terá razão o moço?

Ha momentos em que olhamos para cima como que lobrigando a nossa verdadeira patria.

Para que melhor se conheça a indole de Alfredo, basta dizer que ella é o meio termo entre *Antony* e *Romeo*.

Detestava Lovelace, lamentava Chatterton, regalava-se em Sardou e não pendia muito para o *Jacques Rola* de Musset, quando travou comigo relações no Rio de Janeiro, esse moço que acabava de concluir os seus estudos em S. Paulo.

Que elle é de limpa ascendencia, que não tem manchas na sua vida, que é rico de talentos, pouco importa saber, porque nada d'isso valeu-lhe á sinceridade e empenho da sua primeira aspiração.

Entrou no torvelinho social como os que

entram no estridor das batalhas e pouco se lhes dá de morrerem, porque esse festim de sangue e de fogo os halucina e deslumbra.

Queria subir na escala social, buscava corresponder aos extremos da educação que lhe deram, trabalhava para justificar esse pergaminho que já vae sendo uma carta de recomendação contra o laureado, porque as nossas academias tem despejado contra o paiz tantos... bachareis!

Alfredo raramente frequentava bailes, porque n'elles via mais um mercado de noivas do que uma innocente recreação. Mas, quando vencida a sua natural repugnancia, entrava n'aquelle jardim artificial, n'aquelle turbilhão de sedas, n'aquellas ondas de luz, e voejavam-lhe em torno essas borboletas doidas pela valsa e ricamente ornadas para a perdição, dizia tristemente consigo: — Tenho pena e raiva d'estas irrequietas mariposas.

E é bem provavel que elle ainda não soubesse que a deslumbrante e festejada sylphide; — que não descansa as azas emquanto com ellas não leva para o seu leito parte da luz do baile, mal que lá chega e despe-se dos vaporosos trajos, que

no dizer de Alencar, faziam aquelle niveo collo parecer-se com um cysne nadando entre espumas, — não carece de invocar as sombras do somno, porque a fadiga de tantos rodopios já lhe peza nos olhos buliçosos e fallazes como a tampa do sepulchro sobre o peito do morto. Coitada! ella dorme, ufana de não amar a ninguém, de ter seduzido e calcado leões, mas não sabe que o genio do infortunio, irritado por tanta volubilidade, lá vive desperto, e não socegará enquanto não empanar esses vividos olhos, enquanto não desfolhar a rosa d'esse riso descuidado, enquanto não enrugar prematuramente esse rosto — lago ainda não escrespado pela ventania da paixão — e enquanto não abater para sempre esse donairoso talhe, como a linda palmeira curvada aos embates do pampeiro.

Se Alfredo soubesse de tudo isso, talvez que não auctorisasse mais com a sua presença as desgraças provenientes de um baile.

E que diremos da aversão de Alfredo a esse prostibulo animado pelos encantos da musica para mais facilmente enredarem-se nas armadilhas das Laises e Sempronias os incautos

elegantes, os figurinos de carne e osso, os filhos-familias e até os paes desses filhos?

Referimo-nos ao antigo *Alcazar*.

Quando passava pela rua da Uruguayana e ouvia aquelles applausos que estrondeavam lá dentro aos *cancans e coups-de-pied*, dizia Alfredo, quasi indignado: Sodoma e Gomorrha não foram totalmente sepultados na chamma; alli ainda referve um resto d'essas malditas sociedades.

Agora não vá pensar alguém que Alfredo é um d'esses beatos ou jesuitas, uma especie de Tartufo precoce, que se quizesse distinguir entre os seus companheiros e amigos por essa rara antipathia ao tão festejado *Alcazar*.

Que querem? São gostos; e contra os gostos não prevalecem razões e argumentos, comquanto diga o rifão hespanhol que — *hay gustos que merecen palo*.

Mas quem póde contestar a sobreexcellencia do theatro lyrico italiano em relação ao desenfreado theatro francez, quando não comsubstancia os modelos litterarios de Racine, de Molière, de Feuillet, e de Sardou, ou as grandes obras musicaes de Boieldieu, de Auber e de Gounod?

Quem prefere a *Belle Hélène* e o *Barbe-bleue* à *Muelle de Portici*, ao *Chéval de bronze* e ao *Faust*?

Só quem não tem ouvidos affeitos ao verdadeiro bello e se utiliza da musica para matar o tempo em que o somno é pernicioso á digestão, ou em que a *Luciola* não pode dispor de si para as orgias espumosas do *champagne* lá por esses hoteis de Bota-Fogo.

O theatro italiano ! o theatro italiano, lyrico ou dramatico, é deliciosissimo passatempo !

Quem se extasia com os padrões musicaes d'esses abalisados *maestros*, quem tem a honra de ouvir a *Africana*, os *Huguenottes*, o *Moyse*, a *Lucia*, a *Norma*, o *Hernani* e até o nosso *Guarany*, poderá ainda ter alma para applaudir os artificios lubricos de Offenbach ?

Quando Novalis diz : — A musica é architectura dos sons — não é para que atiremos flores e palmas n'esses cubiculos em que rouqueja a cançoneta da bacchante, e volvamos as costas, fechando os ouvidos, a esses indemoliveis monumentos de Meyerbeer, de Rossini, de Donizetti, de Mercadante, de Bellini, de Verdi e de Carlos Gomes.

O theatro italiano é um poderoso distrahente de vicios e até de crimes.

Já prescindindo das pompas musicaes, com

que tanto sobresahe esse mavioso sanctuario d'arte, haverá coração semi-morto para o bello que se não galvanise, tocado pela electricidade magica de genios como Ristori, Salvini e Rossi, quando interpretam a inspiração divina da tragedia vazada nos portentosos moldes de Shakspeare, de Schiller, de Alfieri, de Corneille, de Giacometti e de Legouvé ?

Quem fica maravilhosa e docemente captivado pelo soberania e imponencia de Rossi, quando ruge de zelos, transfigurado no mouro de Veneza, quando aconselha á innocencia ou glorifica as peregrinações artisticas no *Kean*, e quando geme e soluça de amor na *Julieta e Romeo*, pode um só momento preoccupar-se das obscenidades e desenvolturas que lá tripudiam, ao som da musica, dentro do theatrinho francez ? !

Seria o mesmo que sahirmos de uma fonte chrySTALLINA e doce para nos rebolcarmos n'uma chafurdal, ou deixarmos a clareira aviventada pelos volateis cantores para nos entranharmos n'um antro virgem dos raios do sol !

Pois bem, longe de querer impacientar o leitor, tudó isto ahi fica escripto para justificar apenas o bom gosto de Alfredo.

O sr. Roque de Souza é um verdadeiro homem da epoca.

Os leitores de certo não o conhecem.

E as leitoras? Ainda menos.

Pois é justo que se familiarisem com tão estimavel pessoa, até porque ainda se conta no numero dos vivos.

O sr. Roque goza a saúde d'aquelle deão do *Hyssope*. Baixo, gordo, rosado, bem fallante, com um rosto sempre mascarado por um riso forçado, esse homem não se poupa a esforços para insinuar-se em todos os animos masculinos e femininos.

Tem ás vezes a apparencia de um juiz romano, quando se intromette a fallar dos publicos negocios; porem, quando advoga os interesses particulares, momentaneamente os seus, tem o positivismo verboso de um negociante de carne secca, e então, sim, encontra-se alli um homem ás direitas.

Antes de tudo, porem, respeitem no sr. Roque um diligente pae — de familia, — que em materia de educação não admittre progresso. É homem do rojão antigo. As meninas não se guardam por si mesmas; convem que saibam pouco; não devem frequentar muito os theatros, e quando lá estiverem ou mesmo na janella, não devem cravar

os olhos em objecto algum animado, desde que reconheçam que isso desagrada a seus paes.

Eis a maxima habitual d'esse esmerado educador: O progresso está atrazando tudo; e quando todos souberem ler, ninguem mais se entenderá com tanta sciencia.

Agora aprendam Jules Simon, Pelletan, Castilho e Laboulaye, que tanto propugnam e apregoam os infalliveis proventos da instrucção popular.

Em materia de politica o sr. Roque diz-se conservador, porém só conserva o que é seu.

Olha de soslaio para quem se jacta de liberal e não admitte que em sua casa se falle muito em liberdade, pois que é desafôro.

Inflexivel nas suas aspirações, com fumaças d'aquelles que descreve Sá de Miranda, o sr. Roque de Souza, que ás vezes parece um Rabbino e outras vezes parece um Apicio, não admitte patriotismo com detrimento do estomago, pelo que a séde de suas radicadas crenças está na barriga.

É dos taes que supplicam a Deus com aquella devoção que se não importa de que os outros morram de fome, quando pronuncia o *panem nostrum quotidianum da nobis hodie*.

hendida pelos annuncios e uma ou outra vez a folhinha, para variar.

III

ANJO E MULHER

Virginia... Mudemos de penna, como os grandes pintores mudam de pincel para retratar as imagens delicadas e meigas.

Virginia é a fragrante mulher apenas sahida da infancia para a adolescencia.

É uma creança ao mesmo tempo garrúla e candida como a *Derruchette* dos *Trabalhadores do mar*.

N'aquelle involuero terreno, em que ainda se derramam as luzes e os aromas do céu, não se póde dizer o que mais encanta e seduz, se a humanisação do anjo ou se a divinisação da mulher.

Seja como fôr, Virginia é o anjo do lar.

Não tem azas, porém ás vezes parece que vòã, arrebatada pelos vividos descuidos da propria innocencia!

Dorme com a facilidade do passaro que, extenuado dos remigios, se entranha em seu

hendida pelos annuncios e uma ou outra vez a folhinha, para variar.

III

ANJO E MULHER

Virginia... Mudemos de penna, como os grandes pintores mudam de pincel para retratar as imagens delicadas e meigas.

Virginia é a fragrante mulher apenas sahida da infancia para a adolescencia.

É uma creança ao mesmo tempo garrúla e candida como a *Derruchette* dos *Trabalhadores do mar*.

N'aquelle involucro terreno, em que ainda se derramam as luzes e os aromas do céu, não se póde dizer o que mais encanta e seduz, se a humanisação do anjo ou se a divinisação da mulher.

Seja como fôr, Virginia é o anjo do lar.

Não tem azas, porém ás vezes parece que vòa, arrebatada pelos vividos descuidos da propria innocencia!

Dorme com a facilidade do passaro que, extenuado dos remigios, se entranha em seu

ninho; desperta como as creancinhas que se espreguiçando e esfregando as palpebras, quando lhes interrompe o somno e bulicio domestico, dão a entender que estavam fóra d'esta vida a conversar com os anjos.

E não tem mais viço e frescura a magnolia que, impregnada dos beijos silenciosos da noite, desabotôa, mádida e pura, aos primeiros albores da madrugada.

Virginia ora indica ter saudades da infancia, quando ainda se distrahe graciosamente com alguma boneca, ora denota possuir-se do antegosto sublime da maternidade, quando sofregamente beija e acaricia algum infante.

Dentro dos lares paternos realisa-se n'essa creança-mulher o que disse Castilho a respeito da influencia feminil: — Triumpha da luz como uma aureola; insinua-se por todos os poros d'alma; é uma para todos e toda para cada um!

Essa adoravel vivacidade basta para povoar de graças o ambiente em que respira!

Os gelos que se doiram e enrubecem, reflectindo a aurora boreal, as phosphorescencias do oceano que se desenruga e amansa aos suaves lampejos da lua, são como os rostos que se

expandem, tocados magneticamente pelo riso luminoso de Virginia.

Quereis a copia d'esse ineffavel sorriso, buscae-a nas virgens de Tiziano.

Virginia tem a alvura alabastrina; tem a noite estrellada nos olhos rasgados e francos; tem os cabellos castanhos e sedosos como algumas das madonas de Raphael; tem na boca dous fios de perolas, precedidos por labios que são como um grande rubim bipartido; tem no talhe a elegancia da palmeira; tem no passo a ondulação do cysne; tem mãos que serviriam bem para recompor-se a estatua truncada de Milo; tem um pé que confirma a mimosa inspiração de José Bonifacio quando diz:

— *Sem azas a voar um pé de fada.*

E do conjuncto de todos esses primores, que adiantam ou corrigem as mais determinadas regras da plastica, diffunde-se um espirito que vale a synthese animada da esthetica.

Virginia é a formosura de Campaspo copiada pelo apaixonado escopro de Praxiteles, sendo ao mesmo tempo um suave mixto da candura de Psyche e da viveza da *Diva* de J. de Alencar.

Quando ella apparece e falla, emmudecem e desarmam-se todas as eloquencias e odios; quando se escapa, saltitante como a limpida caudal que se desliza e some por entre flores, queda-se o espectador, enamorado e absorto, a mirar aquelle rastro da virgindade, haurindo particulas do celeste perfume que, como um involucro invisivel, acompanha esse buliçoso corpinho de Athalante!

Oh! quem seguindo em pós dessa feiticeira creatura, não pensará que se approxima do céu!

E quem não concentra todas as suas faculdades para admirar essa obra divina transmigrada na terra; quem não põe n'um olhar toda a effervescencia d'alma para comprehender toda essa belleza, é porque ou não tem olhos, ou se não sente com alma.

Ai cegos de espirito! ai paralyticos á luz. Homens que vos enleiaes na contemplação de uma feitura assim, não careceis de levantar a vista para os astros, porque essa virgem é o transumpto ambulante das graças, é o humanizado resumo das emanções sidereas, é o paraizo que se incarnou como para restituir o homem á doce alienação da culpa.

A presença d'essa mulher, quando é circumdada por avidos olhares, bem que justifica a exprobração de um predestinado que disse :

— Olhamos para uma estrella, porque é luminosa e impenetravel ; entretanto junto de nós temos um esplendor mais suave e um mysterio mais profundo : — a mulher.

Virginia conta apenas quinze annos.

Nessa moça irradia a primavera da vida.

Cada anno d'essa florida idade tem decorrido entre os carinhos maternos como as paginas de um mystico livro attentamente lido e cuidadosamente folheado pela attricção de uma castidade como a de Suzana, ou de um arrependimento como o de Magdalena.

E n'essa alacridade e descuidos virginaes, que parecem tão transparentes, que de arcanos insondaveis ás tentativas do amor !

Aos quinze annos a mulher inspira mais medos do que aos trinta, porque recebe a ddiva da mais seria paixão, como se fosse um brinquedo infantil.

A primeira idade foge até de macular-se nas descabidas inquietações do primeiro amor.

E por essa prevenção da innocencia aos cegos

ataques da paixão, já Gonçalves Dias se lamentou, ameaçando a belleza, n'estes delicados carmes :

*Por innocente tens medo
De tão cedo
De tão cedo ter amor?
Mas sabe que a formosura
Pouco dura
Pouco dura como a flor!*

Teria razão o poeta ou a innocencia parece que adivinha, quando foge de acordar nas caricias do amante para depois morrer-lhe nos braços como *D. Branca* enleada por *Aben-Afan*.

Tem razão a innocencia que foge da lagrima, ainda que ella seja o preludio do gozo.

Fez-se o amor para o casamento ou o casamento fez-se para o amor?

Ainda que a tradição vertida na Biblia não comprovasse a independencia do amor para o casamento, e a soberania da natureza perante a sociedade, em nada aproveita uma resposta affirmativa a um dos termos d'essa pergunta, porque ou o amor pelo casamento ou o casamento pelo amor depara sempre com o seu irresistivel inverno.

E a primavera de uma alma de mulher só almeja converter-se no eterno estio.

Diz, aquelle conto arabico reproduzido por Victor Hugo : — A rosa era branca ; porem, desde que Adão cravou-lhe o primeiro olhar, tornou-se rubicunda.

A innocencia é talvez essa mesma rosa rubicunda, que hoje tem receios de empallidecer e enrugar-se quando rodeada pelas afagos do thalamo.

Na placida mente de Virgina, n'essa consciencia pueril, que ás vezes engana figurando-se de maliciosa ao pensamento de erroneos investigadores ; n'essa alegria desarmada e natural de creança já terá penetrado ou penetrará amanhã a idea do casamento ?

Eis o que deseja saber o leitor.

Com um pouco de paciencia tudo se consegue.

Sem carecer de um profundo estudo psychologico, chegaremos a traduzir por factos o verdadeiro estado do coração de Virgina, do qual se ufana de ser dono e occupador esse pae que já foi descripto.

Roque de Souza liga ao coração da filha o valor de uma preciozissima alfaia.

Nesse apreço assemelha-se ao suberbo procer, progenitor de *Hermengarda*, que motivou as desgraças e o triste acabamento de *Eurico*.

Roque de Souza julga hoje dispor desse coração como de um brilhante de raro quilate e, jogador astucioso, diz lá comsigo, todo embebido nos seus calculos infalliveis :

—No *jogo* social, se me perseguirem as adversidades, hei de *codilhar* a fortuna, triumphando dos homens com essa encantadora menina que é a minha *espadilha*.

Pergunta-se: Um pae terá direito de jogar com taes cartas?

Responda o criterio do leitor.

IV

UM POUCO DO CASSINO E DA RUA DO OUVIDOR

Morava Alfredo Gomes na rua de Riachuelo. Vivia no seio de sua familia que o idolatrava.

Quando não ia ao theatro lyrico, entretinha-se esse moço com os livros ou com os frequentadores de sua casa.

E então podia-se apreciar uma interessante pratica familiar, da qual só não fazia parte a caustica maledicencia contra a vida privada.

De ordinario, quando se reuñem moços com senhoras, ou ellas com ellas, ás vezes nem lhes escapa o inoffensivo silencio dos mortos.

A conversação versa sobre todos os pontos sociaes e politicos imaginaveis.

— Então foste ao baile do Cassino?

— Infelizmente não, porque logo uma prima nossa achou que era occasião mais azada para sahir d'este mundo! Estamos de luto.

— Pois, olha, eu fui e gostei muito.

— Havia muita gente elegante? Que taes foram as *toilettes*? Dansou se muito? Quem dansou mais? Qual era o primeiro valsista?

— Meu Deus do ceu, quantas interrogações a um tempo! Assim não se pode responder!

— Mas, dize, houve alguma cousa extraordinaria?

— Se houve! Um namoro escandaloso de uma bem nossa conhecida com um dos empregados da legação hespanhola. Estava aquillo com tal franqueza que já aborrecia a todos.

Como se nas outras occasiões houvesse mais recato e menos derricho n'um baile. Consintam ao menos este aparte que não perturba de modo algum o importantissimo dialogo.

Continuam com a palavra as duas amigas ou, quem sabe? rivaes que se beijam.

— Quantas quadrilhas dansaste?

— Dansei todas...

— Com effeito! És uma perfeita sylphide! E não te afadigaste?

— Pergunta isso a ti mesma, quando reservas a ultima para alguém, e queres dansar todas para cohonestar a tua reserva ou para que não digam que já se não lembram de ti.

— Mas, vamos lá, não te zangues comigo... dansaste *comme il faut*, déste que fazer aos galanteadores, puzeste-os debaixo dos pésinhos, foste n'aquelle mundo o pomo da discordia, e por fim de contas ninguem teve as honras do triumpho. Travessa Mariquinhas!

— Dize o que quizeres, Julinha, mas não me julgues pelo que praticas ordinariamente com os teus innumerados adoradores.

— Adoradores! Como póde ter adoradores um demonio qual sou para todos; uma voluvel, uma pretenciosa, uma igaorante enfatuada, uma *loureira* emfim?

— Tu, sim, que és um anjo de bondade...

— Já começas com as ironias, e eu não as admitto, porque bem me conheço...

— Não te encolerises, minha pomba sem fel! Olha que se elle entra agora mesmo e te sor-

prende tão vermelhas essas rosas da face, hade imaginar que és um dragão, e assim o negocio vae mal.

— Que me importa a mim? Eu não me quero casar com elle...

— Vê o que dizes...

— Já disse que não quero, não quero. Isto é que se chama fallar claro.

— Mas para que lhe escreveste? Para que lhe prometteste a mão, quando elle dansou contigo n'aquella ultima partida do Club?

— É falso, eu não, nada lhe prometti e nem lhe escrevi. Escrever assim a um desconhecido! Estás louca, Mariquinhas? Parece que já me não conheces?

— Pois elle m'o assegurou...

— Mentas... ou elle mentiu-te como um diffamador. O que mais admiro é que elle entre n'essas confidencias contigo, sem seres sua parenta ou conhecida velha!

— Que queres? Gosto d'elle... é tão bom rapaz...

— Pois então casa-te com elle...

— Eu não preciso de tomar os noivos de minhas amigas... Estás hoje de mau humor, Julinha.

— A culpa não é minha. Tu não queres ver-me socegada; bem sabes que não tenho paciência de Job.

É aquelle dialogo que principiou sob tão bons auspicios, termina debaixo de uma chuva de pragas, rompem os faniquitos e ás vezes chegam a vias de facto as duas mimosas interlocutoras!

Ai, Molière! Que falta nos fazes n'essas aproveitabilissimas occasiões!

A rua de Riachuelo á noite não é das mais frequentadas na côrte.

Está-se alli perto do borborinho da cidade, porém os moradores d'essa rua ás vezes pensam que os rodeia a solidão ou o silencio dos campos.

Alfredo Gomes não tinha visitas n'essa noite e estava enfadado com os livros.

Cousa bem rara.

Levou a scismar, recostado n'uma poltrona, acompanhando com a scisma as espiraes do fumo de um *havana*, até que volvendo a si, levantou-se arrebatadamente, e disse:

— Vou encontrar-me com Ricardo na rua do Ouvidor.

Vestiu-se pressurosamente, desceu com a rapidez do relampago as escadas, cahiu na rua dos

Invalidos, tomou depois a do Rezende, até que entrando na do Lavradio, sahindo do largo do Rocio e atravessando o de S. Francisco de Paula, deu comsigo na tão concorrida rua que tantas preciosidades encerra, e que tantos damnos tem produzido, de dia ou de noite, nos transeuntes que alli dão cara á cara com as mais caprichosas hetairas ou hieródulas.

No borborinho d'aquella rua pode-se dizer que muita vez refervem as caldeiras do Averno contra o coração mais prevenido.

Alli trata-se de politica, de religião, de modas, de diplomacia, de arte dramatica, de litteratura, da vida alheia e bem pouco de commercio.

Alli falla-se de tudo.

É o logar onde primeiro circula a noticia da queda de um gabinete.

O ministro está bem tranquillo em sua casa, machinando contra o proximo, e, antes de saber da crise que assalta de improviso a sua querida pasta, já na rua do Ouvidor se declina o nome do substituto para aquelle ministro!

Quantos casamentos fazem-se e desfazem-se alli! Alli vazam-se as algibeiras como no tonel das Danaydes! O politico decalhido, procura alli

sondar terreno para recobrar o fastigio do poder. A politica dominante derrama alli os seus espiões para bem precatar-se contra os surdos ataques da opposição. E alli apertam-se as mãos, abraçam-se e beijam-se inimigos politicos, emulos dissidentes e rivaes que se detestam!

Pois alli acabava de cahir o pobre Alfredo Gomes.

N'aquelle *mure magnum* de luzes, de sedas de brilhantes e de mexericos, o nosso bacharel mal tomava pé, e na sofreguidão com que os passageiros o acotovelavam, para chegarem ao seu destino, Alfredo incommodou-se a tal ponto que, estugando o passo, entrou na rua Direita, como um inglez que nas ruas de Londres barafusta pela multidão, ameaçando varal-a com o seu guarda-chuva até galgar as escadas do escriptorio.

O veloz caminhante tomou a direcção do arsenal de marinha, porem antes de lá chegar sumiu-se por uma porta, subiu de um pulo as ingremes escadas de um grande predio, e puxando com vigor a campainha, atirou-se fatigado n'uma poltrona da sala.

V

VISITA INESPERADA EM CASA DE RICARDO GARCIA

— Então que é isso, meu caro Alfredo?

Porque aqui, a estas horas, tu o assiduo frequentador do theatro lyrico?!

— Hoje não ha espectaculo. Foi transferido para amanhã.

— Logo vi; se assim não fosse, estaria eu longe de merecer a tua aprazivel e honrosa visita.

— Não tens razão, porque te procuro sempre, e ás vezes me privas de tua presença, dando-me o trabalho de pesquisar-te por esta Babylonia-sinha como agulha em palheiro.

— Como deixará de ser assim, si vivo atarefado com a litteratura e com a politica?

— Quem sabe se melhor não seria trocar esses substantivos femininos pelos nomes proprios de duas galantes creaturas que dão-te agua pela barba?

— Misericordia! Antes uma boa morte. Depois que li Balzac, Paulo de Kock e Castello Branco, fiquei respeitando essas desgraças encantadoras, cobertas de folhos, de rendas e de flores.

Fujo d'ellas como o demonio foge da Cruz. Atiram com mais pernície ao coração e tem mais precisão nas pontarias do que um bom artilheiro prussiano com uma metralhadora de Krupp, ou um caçador francez com um fuzil a Chassepot.

— Não ha de ser tanto ássim, porque tens bastante ligeireza para livrares o peito á carga, quando seja mortal.

— Qual! Isso é bom para a tua pessoa, que já anda avesada a taes ataques.

— Como te illudes! Até hoje felizmente sinto-me virgem d'elles e dou graças a Deus.

— Outro tanto não dizem alguns leões.

— Que queres? Elles são peiores que as mariposas, sabendo que a chamma, a que se atiram, caminha inexoravel contra elles, quando tentam fugir.

— Desastrados!

— No dia em que a mais bonita mulher convergir com todos os fogos de sua belleza contra a minha isenção, hei de com o gelo da minha indiferença reduzir o idolo a uma sombra ambulante, hei de vingar o meu sexo!

— Não falles assim, que podes ser castigado, e serás colhido mais depressa que os outros na in-

extricavel armadilha da formosura, como aquella divindade bellicosa nas rêdes de Vulcano.

— Quem ? Eu ?

— Tu, sim ! Has de cahir como um patinho, entoando arrependido e ajoelhado o *mea culpa* d'essa tua baldada isenção.

— Ricardo Garcia, tu ainda me não sondaste o coração.

— Pelo que dizes, és mais privilegiado que os outros miseros viventes que só vieram a este valle de lagrimas para pagar um tributo á belleza !

— Pensa o que bem te occorrer ao bestunto, mas te affianço, uma vez por todas, que sou refractario á mulher, que não me escravisarei nos laços do amor.

— Inexperta creatura, não sabes o que dizes ! Se queres sustentar essa tua precoce virtude, procede como eu, fuge das viboras dolosas, no dizer do Milton portuguez.

A virtude que tenta arrostar os perigos, quando menos cuida que a vencem, desarma-se ; e lá vem uma capitulação mais inesperada e vergonhosa que a de Sédán. A virtude que se quer guardar é a que fuge, e já não é pouco o fugir.

N'este interim bateram á porta, cortou-se a

animada conversa e assomou na sala o vulto de um homem.

Os leitores não adivinham quem era essa visita.

Era o sr. Roque de Souza.

O recémchegado vinha, como diz o vulgacho, a suar em bica!

Entrou mais solícito e cortez do que nunca, a desfranzir os labios n'aquelle sorriso proprio do agiota atracado ao devedor que vae satisfazer-lhe as exigencias da sordida usura; entrou como quem buscava um amparo n'esse domicilio; entrou como quem viesse repellido lá de fóra, quasi como um cão apedrajado que busca esconder-se da canalha que o persegue.

Pobre do sr. Roque de Souza!

Feitos os primeiros e usuaes cumprimentos, repimpou-se n'uma estofada poltrona, enxugou a testa, sorveu uma longa pitada e, assuando-se estrepitosamente, preparou o exordio do seu discurso, isto é, a justificação da sua inesperada visita a Ricardo Garcia.

É falta de polidez, da parte de quem escreve estas linhas não dar a conhecer ao publico o character do dono da casa em que ora se acha o anafado e grotésco pae de Virginia.

Ricardo Garcia é um moço-velho.

Cedo impellido aos certamens politicos e litterarios, dispondo de intelligencia não vulgar e possuindo uma illustração precoce, aviventado por madura experiencia em verdes annos, esse raro e sympathico joven é o constante alvo de muitas esperanças e de muitas invejas.

E, se no meio de conspicuos amigos, Ricardo não contasse alguns encarniçados zoilos, estaria fóra da orbita em que giram os espiritos predeterminados e lucidos.

N'uma sociedade em que o mal vive armado contra o bem, em que o dinheiro tenta subjugar a honra, em que a ignorancia investe contra o talento, em que o vicio escarnece do estoicismo, em que o genio da ambição insulta o anjo da caridade, em que o amor converte-se em vil mercado, em que a pobreza chama-se inutilidade, em que a palayra se franquêa para esconder o pensamento, em que os altares se reduzem a mercenarios balcões, em que dominam o egoismo, o orgulho, a vaidade, a intemperança, o scepticismo e a devassidão; n'uma tal sociedade o homem, que não inspira gratuitos e rancorosos inimigos, pode considerar-se um elemento sem prestimo, uma cousa somenos, um corpo que não faz sombra a ninguem.

Ricardo Garcia felizmente não se encontra em taes condições. Emprega os lumes da sua intelligencia e os fervores do seu coração contra essa lepra social que vae lavrando assombrosamente, e que destruirá as mais vigorosas fibras, se um prompto reagente, composto das indoles arrojadas e puras, não vier de prompto neutralisar os perniciosos effeitos d'esse estímulo infernal.

Ricardo Garcia, quando o assaltam seus inimigos, consola-se com a maxima do heroe de Salamina.

— O homem que não tem adversarios e invejosos é uma entidade inutil.

Na ordem social como na ordem natural encontram-se admiraveis analogias; a electricidade faz-se de dous elementos oppostos; o sol precisa da noite para comprovar a esplendidez da sua triumphante soberania; os pintores carecem da sombra para os grandes effeitos de luz; em tudo se manifesta o claró-escuro.

Não admira portanto que a idéa luminosa se perpetue na lucta com o espirito das trevas; que o zoilo se arraste iracundo para nivelar-se com o genio; e que a maledicencia, desenfreada e injusta, forme, sem o querer, o primeiro e mais solido degrau para a glorificação da virtude.

Não ha pois conveniencia em proceder como Achilles quando deu um ponta-pé em Tersites.

Os invejosos cahem e somem-se por si mesmos.

Assim pensava Ricardo Garcia.

Agora demos logar á verbosidade peculiar de Roque de Souza a desfazer-se em cumprimentos á modestia de Ricardo.

VI

VEIO BUSCAR LAN E SAHE TOS-QUEADO

Alfredo Gomes olhava para essa especial e rotunda figura como que perguntando a si mesmo se já não a tinha visto em outros tempos ou em outro logar, até que Ricardo, perscrutando o pensamento de seu amigo, dissipou-lhe as duvidas n'estes termos :

— Sr. Roque de Souza, apresento-lhe o meu amigo dr. Alfredo Gomes.

— Alfredo Gomes? Esperem.... Alfredo Gomes?...

— Será filho de um meu companheiro de infancia e hoje fazendeiro em Minas, Fernando Pereira Gomes? perguntou com interesse o sr. Roque.

— Justamente, respondeu Ricardo.

— Pois olhe, meu caro doutor, continuou Roque estendendo a mão para Alfredo pode contar com um dedicado amigo, tem uma casa ás suas ordens no Cattete. La almoça-se, janta-se e ceia-se com franqueza. Minha porta nunca se fecha para os homens de bem, e os filhos dos meus amigos não carecem de mais recommendação, quando se me apresentam. Appareça, quero mostral-o á minha familia.

A todos esses offerecimentos, dictados talvez pelo refinado fingimento, correspondeu Alfredo com o laconismo de um — muito obrigado.

Roque de Souza requintando em falsas cortezias com o seu apresentado, acudiu-lhe n'um tom exprobratorio e carinhoso :

— Não senhor; não fique isso em — muito obrigado — ; creia que me não expando com todos; sou inimigo de andar mostrando os dentes ás pessoas de quem não gosto ; pode contar com a sinceridade do meu coração ; utilise-se da minha pessoa e da minha casa sem ceremonias, como se eu fosse seu pae, ou como se o sr. estivesse em propriedade sua.

E dirigindo-se a Ricardo Garcia disse-lhe:

— Mas vamos ao que importa e me trouxe até cá.

— Ao seu dispor. Diga o que deseja, enquanto não nos interrompe algum importuno.

Atalhou Ricardo Garcia.

— Quero esmagar um tractante que hoje teve a audacia de criticar-me pela imprensa. Não gosta de mim porque contrariei-lhe os planos n'uma pretensão junto ao ministro da justiça. Queria fazer um tenente-coronel da guarda nacional, e como me empenhei contra a nomeação do afilhado, que é meu adversario politico e que trabalhou muito para derrotar-me n'uma cabala eleitoral, ficou todo estomagado contra mim, deitou os bofes pela bocca até que, reconhecendo a sua insufficiencia no animo do ministro, correu a uma especie de pasquim jornalístico e vomitou sobre a minha inoffensiva pessoa toda a atrabilis dos seus despeitos!

Forte miseravel! Porém hei de vingar-me; ha de pagar-me com lingua de palmo.

Sr. Garcia, prepare-me um artigo expressivo e picante como os que sahem da sua boa lavra. Preciso, quanto antes, de esmagar esse cão damnado.

Ando tão occupado que nem tenho tempo de escrever!

Ai d'elle, se eu não vivesse tão abarbado com as minhas transacções commerciaes !

Já fui escriptor publico, já dei que fazer a muito figurão ; dei brados na imprensa ; hoje sou um leão sem garras e sem dentes.

Porém o tal peralvilho não me hade bigodear, sr. Ricardo. Faça-me um artigo que encha muitas columnas do *Jornal do Commercio* ; não me poupe o insolente ; dente por dente, olho por olho ; quem póde, póde ; e eu não ólho a despezas, quando se trata de honra.

— Porém bate em porta bem má, sr. Roque de Souza, porque ando agora muito atarefado com importantes trabalhos que prometti dar promptos de hoje para amanhã, disse Ricardo Garcia.

— Ora historias... o sr. não precisa de pensar muito para dizer cousas bonitas, retorquiou todo aflautado o sr. Roque.

— É o que o sr. pensa ; ás vezes procuro uma idéa e não posso dar com ella, tornou Ricardo.

— Forém repare que o seu tempo, empregado na minha desaffronta, não é perdido em vão. Retribuirei o seu trabalho com a generosidade digna d'elle e que me é habitual.

— Tenha paciencia, meu caro. Nem gosto de

servir de instrumento em favor de mal cabidas vindictas, nem minha penna se molha em fêl para sustentar polemicas injuriosas, nem estou acostumado a desaffrontar caprichos por dinheiro, respondeu formalizado o joven litterato.

— Misericordia! Não se agaste comigo; sabe que ando bem longe de vir offendel-o em sua propria casa. Deus me guarde de tal. Irei bater a outra porta. Já não está ahí quem fallou!

E, todo perturbado, a limpar o suor que lhe escorria pelo cachaco, ergueu-se o sr. Roque de Souza sofrendo os impetos do seu desgosto, por não dispôr de um cão de fila.

Alfredo Gomes chegou a ter lastima do sujeito, quando elle, tomando-lhe a mão e com os olhos quasi arrazados de lagrimas, disse-lhe, buscando desabafar-se, após um prolongado suspiro:

— Meu amigo, a calumnia é uma cega armada e irascivel contra todos nós. Nem Jesus Christo escapou-lhe, quanto mais eu! Onde irá parar tudo isto, meu Deus!

Até a primeira vista, sr. Gomes; quando escrever a seu pae conte-lhe os meus pezares e dê-lhe saudades minhas.

E, voltando-se para Ricardo Garcia, gaguejou esta desculpa:

— Dê o dito por não dito, e não se zangue comigo. Tenho muito medo da sua inimizade.

— Não ha razão para tanto; quando o sr. pretender com a minha penua favorecer ou louvar sentimentos philantropicos, não tem que pedir, basta indicár-me o assumpto, respondeu Garcia com affabilidade.

— Não dispensarei os seus offercimentos em melhor occasião.

E, dizendo isto, sahiu veloz como um gamo, doido para desembuxar as furias da sua profunda decepção com o primeiro fabricante de pasquins que se lhe deparou na rua e que, por alguns vintens, não tardou a macular com a peçonha da mais injuriosa penna os antecedentes de uma vida, talvez illibada!

No dia seguinte, enquanto Ricardo Garcia escrevia um artigo de fundo, inspirado pela magna e transcendente questão do elemento servil, essa imponente rainha, cujo diadema, reverberando fulgores de quatro seculos, quer illuminar os povos como o sol illumina os continentes, a imprensa, desvirtuando a sua augusta missão, servia de torpe Messalina a miserrimos odios no desultraje atrabiliario e grosseiro de Roque de Souza!

É o caso de repetir-se com Alexandre Herculaniano:

— Orgulho humano, qual és tu mais: feroz, estúpido ou mesquinho?

VII

PHILOSOPHIA DE SOCRATES, THEATRO DE BELLINI

Eram, pouco mais ou menos, seis horas da tarde de uma sexta-feira.

Haviam decorrido dois dias callidos e enfadonhos para Alfredo Gomes, depois do encontro que tivera com Roque de Souza em casa de Ricardo Garcia.

Annunciara-se para esse dia, no theatro lyrico, a grande partitura de Bellini, a sempre applaudida *Norma*.

Alfredo era apaixonadissimo pelo suave e plangente *maestro*, e pois decidia-se a passar algumas horas deleitado pela magia do immortal compositor da *Sonnambula*.

Quando já se dispunha a sahir, entrava Ricardo Garcia e logo travou-se entre os dois a seguinte conversa:

— Então não vaes ao espectaculo no theatro lyrico?

— Ando atrapalhado com assumptos mais positivos. Não tenho tempo de distrahir-me com a musica.

— Pois é pena! Entendo que commettes um crime de lesa-gosto.

— Antes incorrer n'um tal crime qua divertir-me quando não dormem os meus antagonistas, e depois ficar atirado para um canto. Nada; estou moço; primeiro a fadiga depois o gozo. Quando possuir alguns vintens de renda segura, então sim, quebrarei a pena e, saboreando o *dolce far niente*, frequentarei os theatros e os bailes, certo de que os esbirros não me baterão á porta, no dia seguinte, para levarem-me a ultima cadeira.

— Com tudo isso pretenderás fazer-me alguma censura?

— De modo algum, porque não te deparas nas mesmas circumstancias. Tens familia, eu sou um engeitado; não és pobre, e eu sou quasi um indigente; ainda estás virgem da lama politica, e eu já vivo impregnado d'ella.

— Não ha de ser tanta a differença...

— Oh se é!... Agora mesmo acabo de lêr uma formidavel descompostura á minha entidade. Taxam-me de escriptor mercenario e versatil.

Ao lado d'estes convícios arrêmeçados contra a minha pessoa, vinha felizmente um artigo virulento contra uma respeitosa influencia eleitoral e defendendo ao mesmo tempo no sr. Roque de Souza o ministro da justiça. O nosso homem sempre encontrou sapato para o seu pé! Esse viperino desforço, comprado por tão vil preço, veio tranquilisar-me um pouco a consciencia contra os botes da opinião que me ataca.

— Tua consciencia não carecia de tão pouco para sobranceiramente neutralisar essas vans investidas.

— Não é tanto assim como pensas... Sempre é bom, quando entramos n'esse fôro intimo, levarmos de fóra, isto é, das exterioridades sociais, as victorias que alcançamos do pestifero contacto com as almas abastardadas e tenebrosas. Já que o homem vive para o homem, para a patria e para si, desde que não quer morrer para a gloria que é synonymo de Deus, convem dar uma satisfação opportuna e directa a todas essas imprescindiveis entidades. No tribunal inviolavel, que se chama a consciencia, não devo comparecer sem o meu inseparavel e poderoso advogado, que é o socego com que deixo o labyrintho das ambições e choques humanos, para entrar desassombrado em mim mesmo.

— Estás hoje philosophando quasi como Socrates.

— Felizmente o teu *quasi* val o infinito na differença do espaço e a eternidade na differença do tempo.

Socrates! o rei do intellecto! o unico ante-Christo! Mais inspirado que Josué, mais convincente que Salomão, mais brando que David, sem ser tão poderoso como Moysés e tão fiebil como Jeremias.

Socrates, o sublimado martyrio da razão pela razão, deveria ser hoje o melhor estimulo d'esta nossa corrompida sociedade; porem se elle acordasse do eterno somno, para reencarnar-se n'esta vida precaria, invejosas da tão singela e augusta mortalha, essas lepras moraes disfarçadas sob lentejoulas e arminhos, em paga da cicuta que elle bebeu, talvez que lhe bebessem o sangue!

Não me falles d'esse homem divino, porque então começo n'uma dissertação e n'um enlevo com que te impedirei a ida ao theatro.

— Então é melhor deixarmos o sabio a dormir o somno tumular. *Parce sepullis*, diz a santa escriptura. Vou despertar do lethargo da vida no mago seio das melodias de Bellini. Decididamente não vens comigo?

— Palavra de inglez, que não. Vou concluir um importante artigo de fundo.

E affectuosamente despediram-se os dous dessemelhantes ainda que coevos amigos.

O recinto do Provisorio estava regorgitando de espectadores. Era o que se chama uma enchente real.

Cada ordem de camarotes assemelhava-se a uma grinalda immensa, cada rosa da qual era constituída por uma linda ou bem adornada mulher.

E d'essa vivida grinalda se diffundiam perfumes, graças e luzes que traziam a platéa n'uma constante ondulação, produzida pelo fluxo e refluxo dos sentimentos que se dilatavam ou recolhiam no animo de cada espectador.

Que cruzamento de olhares! que encontro de risos! que eloquencia de gestos, apezar da interposta distancia!

As loureiras não descansavam os imantizados leques; os leões assestavam para ellas os seus inevitaveis binoculos; os Adonis recompunham no corredor os seus finissimos trajos, como que fazendo parte da representação prestes a exhibir-se; os maridos não perdiam de vista as mu-

lheres; estas só buscavam distrahir-se d'aquelles; o moço esquecia-se da morte; o velho só se lembrava do seu tempo.

Havia tal comunicação entre os camarotes e a platéa, ia ascendendo tanto o sussurro e desenvolvia-se por tal sorte o movimento, que se já não fosse começar o espectáculo, talvez que a alma d'essa anhelante platéa absorvesse todo o fulgor animado d'esses tentadores camarotes.

Felizmente a pomposa ouverture do singelo Bellini chamou cada coração á ordem, convidando cada espectador ao seu determinado assento.

Subiu o panno.

Todos concentravam-se no palco, menos um homem.

Era Alfredo Gomes, que de olhar cravado n'uma friza, tentava devorar com a vista os lumes que se desparziam de um rosto de *huri*, denotando, pela suavidade do perfil e pelo viço do semblante, haver sido tocado apenas pela adolescencia como a corolla de uma bonina roçada pelo surrateiro focinho da gazella.

Terminou o primeiro acto da *Norma*, e Alfredo, estatua do esquecimento immersa n'aquelle

oceano buliçoso da harmonia, só deu pelo fim do acto, quando a revolta platéa tumultuosamente derramou-se pelos corredores do theatro, buscando esparecer em novo ar, com o agodamento da vaga que busca espadanar-se d'encontro á inacessivel rocha.

Ha curiosidades que são capazes de matar-se se lhes oppõe mais um pouco de tempo.

Alfredo passava por uma d'essas crizes.

Avido como o abutre que demanda a presa e bem longe de ser a immobilitade do basilisco a magnetisar a pomba, o curioso joven atravessou a linha de cadeiras, que lhe embaraçavam o transito, com a ligeireza da corça que foge da matilha; e, sem que o soubesse explicar a si mesmo, achou-se cara á cara com o sr. Roque de Souza, á porta de um camarote.

Este, apertando-lhe ambas as mãos, quiz logo obrigar o a entrar, mas Alfredo tentando esquivar-se á mais importuna e esteril das sécas, deu lugar a que se travasse entre si e Roque o seguinte dialogo:

— Então, meu amigo, além de fugir da nossa casa, que está longe, foge deste camarote que é tão perto.

— Não ha tal; não fujo.... ficará para outra

ocasião. Tenho que visitar uma familia de quem sou intimo amigo.

— Alto lá ! Familia por familia, aqui tem o senhor a minha que deseja conhecê-lo.

Minha mulher é d'aquellas que mettem todos no coração; quero tambem apresentar-lhe a menina dos meus olhos, a minha filha, que é menos má. Vamos... entre !... entre... ! não escapa desta vez, ou tomo a sua recusa por uma formal desfeita.

— Eu não sabia que sua familia aqui se achava; ainda que o subesse, talvez que me não animasse a entrar, porque ainda não a visitei em casa ; porém já que tanto insta...

— Sim... sim... não percamos tempo.

E logo Roque de Souza, apresentando Alfredo á sua consorte, foi lhe dizendo, como se houvesse descoberto um thesouro :

— Aqui te recomendo, Iphigenia, aquelle sympathico ingrato de quem ha dias te fallei. É filho do commendador Pereira Gomes. Entrem-te com elle, faze-lhe as honras da casa, apresenta-lhe Virginia, enquanto eu vou tomar um refresco e palestrar alli com o nosso compadre Pantaleão.

VIII

FASCINAÇÃO

Feitos os primeiros cumprimentos á dona, imagine o leitor quão grande foi a surpresa de Alfredo ao fitar os olhos na donzella que alli se achava, na filha de Roque, a mesma por quem o avido moço ha pouco ardêra na mais fervida curiosidade!

Era Virginia!

E elle agora mesmo acabava de busca-la, sem saber que ia fugindo-a. Como o abysmo tenta o abysmavel, o amor arrasta para si o coração mais immune.

Essa deslumbrante moça trajava quasi com a simplicidade das formosuras antigas, quando a moda nem estava no seu embryão.

O anjo annuncia-se pela aureola, por mais que se esconda sob a nuvem; o passaro só carece de unas pennas para ter por morada o infinito; á rosa basta o perfume para interromper em osculos o irriquieta esvoaçar do colibri.

Virginia, occultando sob um vestido de gaze, que era antes uma nuvem, as linhas corree-

tas do talhe, tendo ennastrado ao cabello um ramo de flores que pareciam quererem radicar-se-lhe á frente, e trabalhando por esconder a graça na diminuição do movimento, apesar de tudo isso, tinha a agilidade graciosa do passaro, a irresistivel fragrancia da rosa e a irremediavel transparencia do anjo.

Quando essa virgem movia os braços para vivificar o leque ou reprimir sob a coifa os ondulantes cabellos, as mangas diaphanas do seu vestido eram quasi umas azas, as flores da sua nitida frente eram mais que um diadema.

A belleza de Virginia, cercada por tantos olhares, fulgia no meio d'elles, como o plenilunio, cercada por myriadas de astros!

Desde que Alfredo poz os olhos em tanto mimo e singeleza, sentiu dentro de si novo ser e em roda do seu corpo um ambiente mais puro e animador.

Toda a sua isenção se havia perdido, mal que o seu olhar se confundira no olhar de Virginia.

Como se explica essa prodigiosa subitaneidade!

Parece que para a manifestação do amor

concorre o mesmo que para a manifestação do relampago! o elemento positivo e o elemento negativo que se neutralizam dando lugar ao desprendimento da carga electrica.

Apparentando a inoffensibilidade da mosca que foge da arachneida, Virginia tinha a insuperabilidade deste contra aquella; era, pois, o elemento positivo.

Coitado de Alfredo!

Como se confundem n'um só lampejo dous raios luminosos, como se convertem n'ua frôco de espuma duas ondas, e como se encontram n'uma só haste duas flôres, assim se encontraram, se converteram e se confundiram para o amor essas duas almas que apenas se avistavam agora!

Como na ponta da setta hervada e certeira do indigena abate-se para sempre a soberania da rainha dos ares, assim nos poucos olhares, dardejados por essa virgem, cahiu mortalmente ferida a presumpção anti-amorosa de Alfredo.

Ao pé de tantos attractivos e tendo que attender á D. Iphigenia o mancebo sentia-se preso, como se entre seus pés e o chão já não houvesse uma solução de continuidade.

É esse gigante, de ainda ha pouco, influido pelos effluvios desse corpinho subtil, tremia ás vezes como um caniço levemente soprado pelo vento.

Alfredo reconhecia que era dever o retirar-se d'alli; porém força maior que esse dever grudáva-lhe cada vez mais os pés.

Ha momentos em que um minuto de mais de demora na presença inopinada de um idolo póde para sempre desconceituar a mais bem armada prudencia de um homem.

Se a retirada não fôr prompta, está tudo perdido. Em vez de um vidente inspirado, hallucina-se um cego.

Não admira que a chispa do raio, penetrando na massa compacta de um corpo inflam-mavel, occasionhe horriveis detonações; admira que da centella de um languido olhar, cahida no escuro vazio de uma alma, resulte a irreparavel explosão que vem a ser o delirio do amor.

Graças á reapparição de Roque de Souza no camarote, Alfredo Gomes ponde reassumir um pouco de coragem, despedir-se da recém-conhecida familia, sem ouvir estas palavras articuladas pelo pae de Virginia:

— Então já sei que conversaram muito... não póde dizer que perdeu o seu tempo... agora é voltar, quando bem lhe pareça. Ande, maganão; corresponda melhor ás sympathias que lh'etenho.

Correu entre freneticos applausos a original e imponente *Norma*.

Alfredo só cuidava em volver ao camarote de Virginia, para ainda aproveitar um pouco de aroma e de luz, porém não dava com um licito meio de chegar a tanto.

Cego e surdo aos mais patheticos lances da opera, o apaixonado mancebo não tirava os olhos d'essa frisa, aguçando os ouvidos, e esperando o silencioso extase da platéa, só para perceber ao menos um suspiro da virgem. Mas, quando no final da partitura, executou-se o duetto da *Norma* com *Polião* n'essa ternissima e arrebatadora despedida — *Ah troppo tarde l'hó conosciuto*, Alfredo já scismando na solidão que o esperava, não poudo conter esta arguição a si mesmo: — Porque não conheci a mais tempo aquella mulher?!

Poucos minutos depois, o sanctuario das musas, tão cheio de movimentos, de aromas, de vozes,

de luzes, e de graças, recahiu na mais lóbrega e silenciosa apathia.

Virginia enlelava-se no mais placido somno. Sua mãe rezava, cogitando no futuro d'ella.

Roque de Souza roncava como um porco, depois de haver praguejado contra o theatro lyrico, em que, dizia elle, não conseguia entender nada do que cantavam n'uma lingua que só termina em *inis* e em *onis*.

E que era feito de Alfredo Gomes?

Não lograva conciliar o somno.

A influencia do amor é antagonica da narcotisação produzida pelo opio: sustenta a vigilia.

O homem que recolhe-se ao leito, fascinado pelo primeiro encontro com uma linda mulher, não pode conter-se por muito tempo entre quatro paredes e alumiado pela frouxa luz de uma vela. Essa luz e essas paredes representam-lhe um grande sarcasmo contra a fascinação com que elle veio e contra a amplidão para onde só quer ir-se.

Então, abrindo as janellas do seu dormitorio, desafogando-se nos sopros da aragem nocturna, e erguendo a fronte para a celeste abóbada, como o neto de *Guillenormand* entusiasmado pela

aguia de Austerlitz, o homem que principia a arder pelo amor, agora procura devassar, com um olhar que hontem não tinha, todo esse jardim, que se chama — firmamente — recamado de lucidas rosas que se chamam — estrella:

Constrangido no acanhado espaço em que labuta, o espirito, assim revolucionado pela tentação do amor, parece transfundir-se por todos os póros do corpo até dilatar-se n'um involucre mais folgado — o infinito. Mas, baldada expansão! quando o espirito, enlevado em toda essa mystica e tacita adoração de que se possue, esmorece pela idea de que o idolo está longe lá no seio do finito, então o proprio infinito amesquinha-se ante a imaginação, só porque lhe não pode mostrar esse atomo fugaz — a mulher!

E o desvaireado seismador, cansa de perguntar á mudez dos astros, ao silencio da noite e á sua propria solidão:

— Para onde foi ella?... Quando revê-la-hei? como hei de patentear-lhe o fundo de tantos e tão encontrados anhelos?...

É bem possível que n'essas indescriptiveis occasiões o pensamento, impellido pelo amor, sobreponha-se a todas as grandezas e magestades da terra, para exclamar como Henrique Heine, arrebatado pela musa:

— Ah quem me dera arrancar um dos colossaes pinheiros da Scandinavia, e servindo-me d'elle, como de uma penna, molhal-o na cratera do Etna, só para gravar em carecteres de fogo, na face do firmamento, o teu inolvidavel nome, ó minha querida Amelia!

O homem apaixonado é um captivo vôa.

As outras azas só demandam a tranquillidade do pouso; as azas d'elle só evitam a immobillidade.

Quanto mais elle se altêa, mais lastimas inspira: n'aquella ascensão como que elle sobe para a desgraça! Menos compunge as vezes uma subita descida para o remanso do tumulto.

Que improficia extenuação! Que nova tentativa de Prometheo, para depois ir paralyzar-se d'encontro ao inexoravel escolho do desengano!

Ha menos tortura, ás vezes na inercia do prisioneiro agrilhoado á masmorra, do que no vertiginoso movimento de quem se exforça por abraçar a sombra de uma feiticeira mulher, já que não pode conter e tangenciar esse corpinho fragilissimo e célere, que se escapa quasi tão impalpavel como o fluido!

A cegueira incutida pelo amor, sem que o revele o corpo, faz que o espirito cambaleie após o

objecto amado, como um doente da dança de S. Guido.

O delirio da paixão é um vôo sem rumo em busca do invisivel.

Quão menos desditoso seria o tão louco voador, se, mal que as sentisse, pudesse calcinar as lassas azas n'essa chamma ambulante que se denomina — belleza !

Alfredo Gomes reduzira-se á triste passividade d'esses erroneos voadores que são completos automatos.

Para elle o mundo se resumia na pessoa de Virginia.

Desastrado alhêamento que impossibilita o homem para as cousas mais serias e importantes da vida !

Mas ao mesmo tempo tanta exprobração desarma-se ante o arroubo de um preclarissimo espirito :

— Tiree do mundo a mulher e desapparecerá a ambição das almas generosas.

Alfredo, sendo uma alma generosa, já não comprehendia a felicidade da vida sem a candura de Virginia.

Victor Hugo descrevendo revoluções no craneo de um homem diz :

— Impedir que uma idéa volte ao pensamento fôra tão baldado esforço como impedir que o mar volte á praia. Para o marinheiro isto chama-se maré; para o culpado chama-se — remorso. —

Diga-se antes que não ha fixidez de idéa que tantas vezes se expresse melhor do que a que se encerra n' esta palavra — saudade — primogenita do amor abraçado com a solidão.

IX

EMBEBECIMENTOS VESPERTINOS

Declinava a tarde.

Como que se despedindo do sol e recebendo em cheio os fulgidos e avermelhados raios vespertinos, o Corcovado rasgava o seu véo espesso de brumas para acompanhar a ridente continencia da natureza ao eterno soberano da luz.

A bahia do Rio de Janeiro estava então mais pittoresca do que nunca!

Esse liquido gigante, o oceano, *cançado de correr largos desvios*, como bem o diz Thomaz Ribeiro, vinha espreguiçar-se e adormecer no seio de Nictherohy, embriagado pelos dulcissimos effluvios da tarde.

Sobre essa limpida e ondulante alcatifa, afagado pelos osculos do vento, como uma grande gaivota que abaixa o vôo e vai rento com a superficie das aguas, só para matar a sede, desliza-se gentilmente o veleiro batel ancioso de atracar-se ao porto!

Tocados pelas suavidades do crepusculo, os que já não descansavam do trabalho quotidiano, embebidos naquelle maravilhoso panorama, e os que já não desfructavam em santos ocios o grato premio das baseadas fadigas, volviam, sofredos e contentes, á tranquillidade dos lares.

Éra a hora, em que a sua plóvida e insuperavel mãe de todos — a natureza — transforma-se em outros tantos ninhos quantos são os innumeros seres que lhe pedem abrigo e quietação.

E o sol, arredondado e rubido como um enorme aerostato, não tardava a esconder-se por detraz das cumiadas da serra. O facho do dia, querendo despedir-se e ser visto por todos os animaes, já não diffundia raios que offendessem os olhos. Era qual o moribundo, que subjugado pelos eculeos da dôr, recáe n'essa mystica apathia que é o prenuncio da eterna calma no seio da outra vida melhor.

Como que traduzindo em sons a tacita e poetica eloquencia do firmamento, o bronze do templo, entre pausados e melancolicos dobres, convidava a humanidade ás bemaventuranças da pree.

E, ternamente ouvindo esse irresistivel convite, as mães conchegavam mais aos carinhosos reguços os seus semi-dormidos filhinhos; o amor conjugal requintava de extremos e doçuras n'essa inexplicavel, mas bem sentida fassão de duas vidas; a virgem retrahia os niveos dedos aos magos soluços do teclado, aviventado pelas melodias de Schubert e de Ravina, para de mãos postas e erguidas ao ceu, encostada ao piano como n'um genuflexorio, balbuciar a tranquilisadora reza que lhe ensinaram seus paes; as feras deixavam de rugir, como que absorvas na beatifica placidez da natureza; o sabiá desatava, no seio virgem da floresta, o derradeiro hymno aos beneficios do dia; e em tão melifluas quão languidas estrophes vazava-se brandamente a inspiração que n'alma sonora do poeta resumia todos os reconhecimentos e jubilos da terra para com a luz, do finito para com Jehová!

Na folha que sussurrava, na veiga que floria,

no arroio que fecundava, no balouçar dos lençoes do coqueiro, no chilrear das aves, no voejar do beijaflor, no silencio do mar, no cicio fragrante da brisa, na mudez das bestas-feras e nos extases do homem, ascendia, religiosamente afervorada pela mais intima attrição, a gratidão da terra deliciosa e magneticamente impregnada da *Ave, Maria, gratia plena!*

Oh! tudo pedia o descanso! Como que de tudo era espancado o remorso! Que bemfadada alienação para os pobres mortaes, que n'essa hora como que se desprendem da idéa fixa da morte!

Dizem que na tarde amortalha-se a vida para o sepulchro-noite; mas n'essa mortalha de luz se encobre por momentos á creatura o genio sombrio da dôr!

A essa mesma hora, debruçado de uma janella que dava para o mar, Alfredo, todo enleiado na imagem de Virginia, que lhe dominava o pensamento como o angelical resumo dos influxos da tarde, repetia, muitas vezes sem o querer, estes expressivos e cadentissimos versos do mais aprimorado lyrismo, com que Mendonça retratou a virgindade:

— « Também a virgem na terra
que tem da estrella o fulgor
nos olhos castos e bellos ;
que vence a rosa em pudor ;
ou é a flor da innocencia,
ou a innocencia da flor. »

E depois de recitar baixinho e vagarosamente essa estrophe, o silencio de Alfredo, acompanhando os finaes suspiros do dia, os derradeiros lampejos do sol, parecia realisar o imaginado e innocente recurso do secular poeta, quando interpreta os desesperos do saudoso amor em lucta com o receio. Como que Alfredo dizia comsigo :

— O' murmurio da tarde, tu és uma carta que lhe escrevo !

Mas de repente bateram-lhe ás costas, e Ricardo, tirando-o subitamente d'aquella profunda contemplação, disse-lhe entre risos :

— Então o leão vae-se convertendo em cordeiro !... Teremos por aqui um novo Romeu em perspectiva ? Onde pára a seductora Julieta ? Quem ella é ?

Ao que respondeu Alfredo, imitando o sublime laconismo do auctor do *Frei Luiz de Souza*, e negando a existencia de Virginia com

o mesmo desembaraço com que o apóstolo negara o Divino Mestre :

— Quem ella é ? — Ninguém.

Depois de tal negativa, reinou, por alguns instantes, profundo silencio entre os dous amigos.

Alfredo, volvendo a si mesmo d'aquella inebriante concentração nos fulgores da tarde, como que baqueava das ethereas alturas para cravar os olhos no chão.

Ha d'esses momentos em que se alquebram as azas da phantazia, em que o mais elevado sonhador cae do céu para, medindo resignado os poucos palmos de terra em que se hão de limitar as mais altaneiras ambições, reconhecer finalmente que não passa de um verme como os outros.

X

AMIZADE ENTRE DOUS EXTREMOS

Alfredo, sobresaltado pela interrogação de Ricardo, parecia estar medindo o seu tumulto. Ricardo, inspirado pelo instincto da verdadeira

amizade, lia no interior de Alfredo como no seu mais conhecido livro.

— Meu caro, não te enfades commigo. Desconfio que estás seriamente apaixonado. Assim prorompeu Ricardo o silencio, logo promovendo o mais vivo dialogo.

— Como te enganas! Eu apaixonado?!

— Sim apaixonado como um escravo que foge de tornar á sua liberdade!

— Não me creias tão nescio.

— Porque não, se és de argila como os demais. Então cuidas que ignoro o teu encontro com a filha de Roque de Souza no theatro lyrico? Devias ter evitado um sitio tão publico.

— Como se evita o accaso?

— De accordo. Mas, não me negues o encontro...

— E d'ahi?...

— D'ahi para uma fascinação vae um passo apenas; o tempo sufficiente para que a faisca do raio, invadindo um paiol de polvora, leve tudo pelos ares.

— Mas nem essa menina é tão fogo, nem eu sou tão polvora.

— Nem uma, nem outra cousa, estou certo; porém, por mais suave que tenha sido o pri-

meiro olhar d'essa moça, vaes começando a ser victima d'uma inflammacão que te hade consumir.

— Tenho muita força de vontade.

— Eugano! quando tentares retroceder á antiga calma, já será tarde. E agora ainda é tempo. Attende ao meu conselho, Alfredo, não te exponhas ao coração de uma criança de quinze annos!

— Porque?

— Porque buscas a peor escravidão aos pés de quem não sabe o que faz. Como pode restituir-te a liberdade quem não comprehende que te captiva! Que culpa tem o passarinho, cujo gorgoeio nos arrasta, em pós do qual cegamente corremos, se quando mais cuidamos agarrar o seductor, resvala-nos o pé... debalde nutamos... até que vertiginosamente se nos esmigalha o corpo no mais fundo abysmo encoberto por flores? O passarinho voava cantando para abysmar-nos! Não, cantava para cantar. Pois assim é a moça que dardeja olhares sem atinar com os infortunios que prepara.

-- Mas para que tudo isso? Não sou tão abysmavel como pensas.

— Pouco te falta para seres o mais incuravel paralytico! Anda, recobra os teus movimentos! Não te entregues em corpo e alma á mais insupportavel das inercias, cuidando que tens agora toda a luz dos astros na cabeça e o impulso de todos os vapores no coração!

— Se eu me suppozesse tão enfermo, não seria tão ingrato que já não tivesse chamado para acudir-me o meu infallivel medico d'alma.

— Quem?

— Tu.

— Mentos; porque atacado pela mais violenta e fulminante das molestias, és hoje a meus olhos como essa creança spartana a esconder o abutre que lhe devorava as entranhas!

— Não passas de um visionario, meu Ricardo!

— E tu não passas de um escravo de hoje que já se esquece da liberdade que fruiu até hontem.

— Mas, se n'essa escravidão acompanha-me a sombra da gloria?

— Não ha gloria que se escravise para acompanhar um cego, nem escravidão que se glorifique em acompanhar uma sombra.

— É a gloria dos martyres?

— Dá signaes de vida, quando elles acabam de morrer.

— E Tasso? e Camões? e Dante?

— Desfazem-se em suspiros e versos, enquanto Eleonora, Nathercia e Beatriz esquecem-se delles, entretidas pela mais rude prosa, e tratando de multiplicarem-se com a mesma prodigiosidade da reproducção dos dentes de Cadmo!

— Então acreditas na constancia da mulher?

— Creio tanto como na coherencia do mar e na invariabilidade do vento, abstrahindo-me do ciumento bardo que assevera que — *mulher pura e fiel não ha nem houve!*

— Não sejas tão injusto! Pois hão de pagar as justas pelas peccadoras, as innocentes pelas criminosas, a dedicação de uma Iro pela infidelidade de uma Dalila?

— A mulher de Sansão era talvez mais candida que a amante de Leandro. Se ao menos algumas nas suas perversidades ou virtudes, fossem tão transparentes como agora és tu no fervor com que defendes todas, só para que uma não soffra, então seria bem outro o meu fallar. Porém ellas *com flores o punhal disfarçam rindo.*

— Basta! basta! que te encontrei hoje mais acrimonioso e indisposto contra essas encantadoras fraquezas, do que Cicero contra as justificações de Catilina.

— E tu por tão injustificavel defeza, estás hoje capaz de inspirar á soffredora humanidade a mesma apostrophe excitada pelo celeberrimo conspirador ao gigante da tribuna romana: — *Quousque tandem abutere patientia nostra?*

— E que direi de ti que investes contra a candura da mulher com a impetuosidade dos lobos famintos contra a indefeza ovelha?

— É para bem corresponder á moralidade da fábula da formiga que escarnece e morde o leão acorrentado.

— E que valor dás á historia, em que resplandecem epopéas no heroismo de Débora, nas predições de Cassandra, nos arroubos de Sapho, na supplica de Veturia, na abnegação de Cornelia, na condolencia de Maria de Bethania, e na resignação de Maria Stewart?

— Tambem a historia me ensina que da belleza corruptivel de Helena provieram as desgraças de Troya; que a insomnia de Athalia só buscava afogar-se n'um mar de sangue;

que a volubilidade de Maria Tudor estimulou muito braço de assassino; que na astucia de Sempronia apressurou-se a decadencia de Roma; e que o favoritismo das Maintenon, Dubarry e Montespan atopetou de innocentes muitas masmorras.

— E ainda que tão negro seja o passado para que nem sequer lobrigues uma sublimidade feminina, não reflectes que o presente possa ao menos representar-te a bondade de uma mulher?

— Que mulher?

— Tua mãe...

— Não, porque sou um engeitado.

— E não haverá por ahí alguma tua irmã na desgraça, que tanto careça de ti quanto prescindes d'ella?

— Não, porque só creio em tres irmans que adoro, e que não precisam de mim, que hão de ser reconhecidas pelo futuro, por mais que tentem derrubal-as dos braços d'esse paciente Briareu, appellidado — democracia. — Essas irmans chamam-se *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*.

Bravo! Temos um novo *Enjolras*!

— Com uma differença apenas: elle ataca-

va a aristocracia com a sua carabina ; eu defendo o proletariado com a minha penna.

— Então sempre adoras a mulher denominada revolução ?

— Adoro a filha da plebe com o heroismo, a musa eterna do genio, companheira da gloria e promettida do futuro. — *Ave libertas !*

— Idolatras uma senhora que vive sollicitada por muitos affectos, cada qual mais poderoso e egoistico. Antes aspirar ao amor de alguma que não tenha amado a ninguem.

— Ama a quem quizeres, menos a escravidão.

— Quem se escravisa a um anjo, se asenhoreia do paraizo.

— Mais vale que o homem não se acerque do anjo, para não enfastiar-se do paraizo que admitte senhores.

— Estás hoje interessantissimo.

— Só porque me interesse pela tua isenção.

— Realmente não imaginava que fosses tão zeloso da minha liberdade !

— Confrange-me ver um homem arrastado pela imperiosidade de um corpinho tão leve como uma penna. Respeito o axioma de Francisco I :

*Souvent femme varie ;
Bien fol est qui s'y fie.*

— Ha quem discorra melhor que esse rei: é um proecto physiologista das paixões; é o proprio retratista do heróe de Pavia no *le Roi s'amuse*, é o autor dos *Miseraveis* que o diz:

*— Todos nós temos os nossos entes respira-
veis : se elles nos faltam, falta-nos o ar, aba-
famos !... Então morremos. Morrer por falta de
amor é horrivel ! A asphixia d'alma.*

— Mas quem é o teu ente respiravel?

— Ella !

— É um pouco vago ; mas, não póde ser outra coisa senão mulher. Enfim já me dou por satisfeito. Confessas que estás apaixonado?

— Já tinhas lido muito melhor a confissão em meu rosto.

— Sim ; porque a fallar a verdade inda não encontrei melhor espelho ; e Talleyrand dizia que a palavra é a mascara do pensamento.

— Apezar d'isso, bem vês que já nem me sirvo d'essa mascara para enganar-te.

— Se assim não fosse, peor para ti ; serias um ridiculo ou insipido mascarado. Mas vamos ao que importa saber : Que pretendes fazer com tanto fogo ? Penças na alliança conjugal ?

— Não sei o que penso !

— É assim mesmo. Todos os novos apaixonados são grandes palermas. Porém attenta bem no futuro ! Mede as escabrosidades que virão depois da gostosa alfombra com que os fallazes amores deliciem te os pés. Desfolham-se as rosas puras da illu-ão, e depois só ficam os duros espinhos da carga de familia. Não ouves já um bando de crianças apoquentando-te, todos os dias, os ouvidos com uma orchestra desafinada de chôros ? Teu pae é remediado, porém tens muitos irmãos ; Roque de Souza é quasi tão pobre quanto eu sou.

— Mas para que fallar já em casamento ?

— Por causa das duvidas.

— Quero empregar-me primeiro.

— Ha incompatibilidade absoluta entre a idéa que te occupa a phantasia e qualquer outra especie de emprego. Fóra a carga da paixão, ou temos naufragio de sensatez !

— Meu Deus, que sinistros agoiros ! O navio nem faz ainda uma polegada de agua !

— Podera ! se está cheio de fogo !

— Dize o que quizeres, mas acredita uma coisa : Virginia é para minh'alma como a agua é para o peixe, como o ar é para o pulmão, como a luz é para o vegetal.

— Reduze tudo isso a quantidades chemicas. Com um pouco de hydrogeneo, oxigeneo e azoto estás livre de morrer sedento ou asphixiado. Elimina essas formulas vans e continúa a respirar, como d'antes, sem a despotica pressão dos caprichos de uma mulher, por mais bella que seja.

— Perdôa que te diga: Estás prégando no deserto.

— Então não devo perder o meu tempo.

Vejo que não te posso servir de Mentor. Adeus. Conversa com as sombras da noite que é a socia propicia dos inutilizados sonhadores.

— Espera; eu vou contigo.

E pouco depois, unidos como Castor e Pollux, lá foram tomar um *bond* os dous amigos que voltavam para a cidade velha, depois d'essa intima pratica entretida n'uma casinha recentemente alugada por Alfredo na praia dos Flamengos.

XI

SUB UMBRA NOCTIS.

Realmente pôde reputar-se um desalmado quem resiste ás instancias de um convite como o que fez Roque de Souza a Alfredo Gomes, mormente depois que esse moço foi tão sollicitamente introduzido n'esse camarote-paraizo pelo marido de Iphigenia.

Muita gente de gravata lavada obstina-se em não beijar a mão do seu rei, por mais virtuoso e convidativo que se mostre o soberano ; ha sempre uma boa evasiva para qualquer pessoa justificar a sua falta de comparecimento á mais attrahente e concorrida cerimonia ; porém outro tanto não succede com o mais entranhado escrupulo que oppomos á força magnetica de um auspicioso lar para onde nos arrasta o coração.

Baldado proposito de lá não comparecermos ! Mais dia menos dia lá damos com os ossos, ao mesmo tempo sorpresos de tanto atrevimento e arrependidos da nossa excentricidade até que nos deparamos alli.

Ha tanto motivo para a surpresa quanto para o arrependimento.

Pois não é muito conseguirmos entrar n'um domicilio que se nos affigurava tão vedado como o ceu? E assim pensando, quem se não arrependera de haver despresado tantos dias em que retrahiu-se aos regalos de tão cubicavel ingresso?

Respirarmos o mesmo ar limitado que o nosso idolo respira, merecermos a honra de entrarmos na doce intimidade de suris insontes garrulicas, que edenizam esse cantinho da terra, sentarmo-nos ao mesmo nivel d'esse thesouro humanizado, nós que nos reputavamos nimiamente indignos de tocarmos si quer a fimbria do seu vestido! e ainda mais, quando nos consideramos importunos e enfadonhos no meio de tão delicioso remanso, dentro de tão amenas e puras alegrias, ouvirmos fagueiras palavras que nos tranquillizam da justa desconfiança, porque são dictadas pela mais singela franqueza sequiosa de adivinhar-nos o pensamento, quando successivamente nos fazem transbordar de jubilo e ufania, se nos dizem:— *Esteja a seu gosto, converse; não faça ceremonias; se nos perguntam — Gosta de tal musica?... Tem inclinação por tal canto?... e logo vae satisfazer-se o nosso gosto, como se cumpre uma ordem, quando a*

affectuosa mãe ordena á filha : — *Anda a cantar um pouco, menina, antes que chegue a hora de irmos tomar chá.*

Haurirmos as fragrancias de um tal ambiente, sermos o alvo incessante de tantos obsequios, encontrarmos uma parte do céu no proprio seio da terra, impregnarmo-nos de tanta suavidade carinhosa e modesta, sem nos expormos aos pezados e incommodos olhares da sociedade maledica ; e, no fim de tanto gozo, sahirmos d'alli com a convicção de que não fomos por demais no seio d'essa bemaventurada convivencia familiar !... onde se encontra mais impagavel felicidade, onde se desfructa melhor a consubstanciação da maior gloria a que se póde aspirar ?

Quantos saltimbancos e criminosos tem damnificado a sociedade mais polida, só porque o unico meio de arredal-os da devassidão e do crime é justamente aquelle que os miseraveis evitam, isto é, a convivencia de caracteres bem formados longe do borborinho social e no rigoroso cumprimento dos mais proficuos deveres !

O esplendor da moral e da educação infelizmente menos transparece nas festas publicas e

nas grandes reuniões de gente do que nos divertimentos particulares e nos limitadissimos gremios.

Ganha-se muitas vezes mais com o frequentar-se assiduamente uma familia de irrepreheniveis costumes, do que em assistir-se frequentemente á degradação mais torpe e franca da moral n'esses ostentosos circulos, que são verdadeiros theatros do vicio, onde entre ondas de perfumes, de harmonias e de luzes, o progresso da cidade tem com que horrorisar muito mais do que a barbaria da floresta, porque o prazer apunhala ou corrompe as indoles mais puras !

Quereis aproveitar alguma cousa do contacto com os vossos semelhantes? Entrae na imperturbavel habitação em que a pobreza se abraça com a honestidade, em que o regosijo não se mescla de pretenciosidade ou hypocrisia.

Ha certos lares cujo remanso infunde no animo dos visitantes a mesma idéa de veneração com que penetramos um templo, porque pratica-se entre essas acanhadas paredes o culto de uma verdadeira religião que vive de poucos adeptos, e que não exige provas superiores aos recursos do proximo. É a religião

da amizade que não carece de exercer a estúpida autocracia do pensamento com que tanto se desvirtuam e perdem as mais fervorosas e profundas dedicações.

Nada mais fácil que imaginar-se a íntima reverencia com que Alfredo entrava pelo pensamento, ainda que vendado pelas illusões, na mais que invejável morada de Virginia, na preciosa concha de tal perola, no preservado canteiro de tão mimosa flor, na redoma do seu idolo, na venturosa gaiola tão gostosamente recobrada pelo recato d'essa mulher-passarinho, todas as vezes que ella se afadigava e tremia das ruidosas e concurredissimas festas.

Amesquinhando-se a seus proprios olhos, suppondo-se indigno de merecer a gloria de visitar quotidianamente a casa da senhora de sua alma, o ardente mancebo, transfigurado pelo amor, doudejava, noite e dia, em torno do lar de Virginia, como se a tranquillidade de um tão afortunado continente estivesse entregue á sua guarda; porém, quanto mais se acercava d'alli, menos coragem tinha de annunciar-se áquella familia, porque dizia com-

sigo:— Por que doloroso transe não passarei, se, depois de frequental-a, habituando-me a respirar em tão grato e novo ambiente, vir-me obrigado, por um incidente alheio á minha vontade, a retirar-me d'essa feliz habitação? Não; é melhor não impregnar-me do paraizo, para não experimentar o angustioso revez de uma inopinada volta ás attribuições do purgatorio. —

Só quem já passou por taes hesitações, que ás vezes se apoderam de um espirito com a mesma torturante adherencia das serpes de Laconte, poderá bem desculpar os exquisitos receios de Alfredo.

Era ao cahir da noite.

Rodavam os carros n'esse tumultuoso vaivem que principalmente constitue a vivacidade ás vezes incommoda de uma côrte.

A noite, como que de acinte ao seu eterno competidor, faz que os vivos tornem-se mais buliçosos e festivos na ausencia do dia.

Ha certa parte da população das grandes capitaes que em nada tem que lamentar a vida dos vampiros, porque esconde-se ou dorme na presença do sol, e apresenta-se expan-

siva e risonha, mal que a noite desenrola sobre a terra o seu pesado manto de sombras.

O dia é o facho de Deus com que se anima e esclarece o trabalho; a noite é quasi sempre o seio infernal em que se desprende e campeia a ociosidade.

Ha pessoas que razoavelmente evitam a luz do dia, porque receiam que mais se lhes descubram nos rostos as nodos indeleveis da consciencia.

Isto não quer dizer que estejam ennodoados todos os que vivem melhor durante a noite.

Tambem fôra injustiça negar que o sombrio regaço da noite patrocina as mais ineffaveis e ternas venturas, bem que muitas vezes, menos por culpa dos amantes que pela malignidade do espirito das trevas que as envenena em seu transito, maculem-se de perpetua deshonra essas inoffensivas e sobresaltadas entrevistas amorosas.

A taciturnidade e escuridão da noite, se favorecem o innocente encontro de *Julietta* com *Romeo*, produzem ao mesmo tempo a exaltação do scepticismo de *Hamlet*, a reaparição do espectro de *Banco* ao remorso de

Macbeth, as exacerbações ferozes do ciúme no indomito peito de *Othelo*, e o hediondo requinte da libertinagem nas orgias de *Sardanapalo*.

A noite é a companheira dos desvarios de *Werther*; é o infallivel estímulo das larvas e dos mochos, como das tacitas lagrimas da miseria e das explosões da fúria jubilosa.

Quantas vezes, enquanto a noite cerra as palpebras do infante na placidez angelical do sono, abre se a voragem do prostibulo para sepultar mais uma victima das vertigens sociaes!

E já não é muito que o genio da noite, estimulado pelo convite das almas tenebrosas, guarde ainda esse respeito para com a candura da innocencia?

A noite favorece o estalar do beijo impuro do *Lovelace* na *Lais*; a noite doura e multiplica os bustos de *Messalina*; a noite honra a soberania de *Aspasia*; a noite desperta o punhal do assassino.

A desgraça, que diverte-se bem póde paraphazar em honra da noite a saudação feita a Cezar:

Ave, nox, morituri te salutant.

Pois bem; querendo subtrahir-se aos maleficos influxos da noite, que bemfazejo coração não arde por encontrar o dia no rosto da creatura que adora?

Atordoado pelo estrepito das ruas da côrte reanimada para o revolto cortejo da noite, tal era o sentimento dominante de Alfredo que, dentro de um tilbury e sequestrado do turbilhão social, lá dirigia-se para o Cattete, em busca do lar de Virginia.

Iria Alfredo resolvido a reavistar-se com Virginia dentro da habitação d'essa linda moçoila?

Quem sabe! É bem possível que elle mesmo não o soubesse.

Em todo caso não se deve perder o tempo, que, bem aproveitado, é a moeda preciosa do narrador contra a impaciencia dos leitores.

Enquanto esse tilbury, mencionado ha pouco e em que roda o nosso amoroso bacharel, passa, repassa e torna a passar diante da residencia de Roque de Souza, sem que se atreva a parar ahi, semelhando a hesitação d'uma sortida de infantaria que explora muitas vezes o terreno de uma fortificação, antes que

o exercito se atreva a dar-lhe a primeira investida ; emquanto Alfredo Gomes foge de penetrar esse novo Eden emparedado e coberto de telhas, com o mesmo estonteamento e desazo do passarinho que mil vezes saltita a gorgear fóra do alçapão até cahir irremediavelmente na bem preparada armadilha, devassemos um pouco a vida privada, vejamos o que succede no interior d'essa caza, que tanta quietação apparenta.

XII.

UM INIMIGO DE BUNTON

O snr. Roque de Souza nesse dia estava de máo humor. Parecia mordido de cão damnado! Tinha que vomitar toda a sua raiva em quem quer que fosse.

D. Iphigenia, habituada a taes assomos de colera, já sabia rebater os assaltos do marido com a eloquencia do silencio.

O homem não gostava muito de tão invencivel recurso, porém, não dando com outro remedio, e cheio de bilis até os olhos, desfogava-se nos pobres escravos.

Virginia, quando antevia a enormidade da borrasca domestica, acoitava-se na sua alcova, tão caladinha e reprimindo tanto a respiração, que ás vezes parecia morta, se não fosse ora um ligeiro sorriso que lhe sahia a furto dos cerrados labios, ora o rapido movimento com que folheava quasi imperceptivelmente o livro mais apeteccido á sua leitura.

Tambem seja dito de passagem, Roque de Souza, quando se enfurecia, só poupava ás suas contumelias a pessoa de Virginia.

Expliquem os sabios da Escriptura essas predilecções respeitosas de tigre assanhado que se arreceia de tocar na tremula e fragil ovelha.

Roque de Souza espumava de cólera pelos cantos da bôcca ; suava por todos os póros ; inchava como a rã da fabula a querer assumir as dimensões de um boi ; crescia, ainda que irrisoriamente, com a mesma elasticidade do Rossi quando, abrindo o tumulto de *Julieta*, encontra-o vasio e, indo a descer, estaca de estupefacção ao achar-se frente a frente com a desertora do sepulchro.

Roque de Souza estava como um possesso ! Andava da sala para a cosinha e da cosinha para a sala com o desabrimento do tufão que

desaba ! Era uma fogueira ambulante, ameaçando devastar todas as pessoas e cousas que se lhe oppuzessem ao transito. As objurgatorias lhe irrompiam dos labios com mais ardor que todos os fachos de Gedeão accezos contra os Madianitas ; e quando toda essa hediondez inflammada, incutindo vans esperanças de uma pequena intermittencia ás erupções da raiva, atirava-se, como se fosse massa bruta, na mais proxima cadeira, encolhia-se todo e a rugir como a panthera que arma o bote á subtiliza da lebre. Roque de Souza era em taes occasiões indomavel.

E o que fez damnar por tal sorte essa tão mansa creatura ? Nada mais nada menos que a inesperada falta de um escravo empregado no ganho, que, na hora da prestação de contas juntamente com os seus parceiros, deixou de entregar ao seu senhor toda a quantia correspondente aos lucros de uma semana.

O desventurado captivo desfazia-se em protestos e desculpas ; rogava a benevolencia do seu donò, invocando a compaixão de todos os santos ; pedia pelo amor de Deus, da *sinhôra* e dos *sinhozinhos* ; promettia na outra semana

saldar essa conta com o duplo da quantia exigida : porém o snr. Roque de Souza, não querendo estar por cousa alguma, vociferava, fechando o punho d'encontro á cara do misero, fazendo-se ouvir n'estes philantropicos termos.

— Ou pagas-me a semana, ladrão, ou tiro do teu corpo o meu dinheiro ! Então queres brincar comigo, negro ? Cuidas que estás tratando com a mosca morta de tua senhora ?

Ella anda com fumos de santa... Peior para ella ! Chora quando lê a *Cabana do pae Thomé* ! Não consente que ninguem ponha um dedo nas malcriadas crias !

Deus a ajude ! Ha de se achar com os seus estupidos carinhos... Eu não... Comigo hão de andar muito direitinhos... não tenho sangue de barata.

Roberto, que fizeste do dinheiro ? —

Então respondia o negro a chorar e quasi de joelhos :

— Mê sinhô, tê pacença... eu paga tudo que mê sinhô ké, ma mê sinhô péra outra sumana... su sicravo nau come, nau bebe ni fruta dinero de mê sinhô... ma tê pacença, mê sinhô, su sicravo paga notra sumana.

Ao que rebramava com mais furias esse

inimigo natural de Wilberforce, de Buxton e de Beeker:

— Has de pagar hoje mesmo, se não, te esfolo debaixo d'aquelle *bacalhão*.

E empunhando-o, como um sceptro, esse vil instrumento que tomava tão indignamente o nome do peixe cujo figado é um grande reconstituente, levou-o ao nariz do escravo, dizendo-lhe:

— Cheira, tratante, cheira e reconhece para quanto eu presto. Cheira, que esta casa cheira a homem! Emquanto os politicos de meia tigela e os taes doutores da lei, á fiuza de reformas de progresso e civilisação, tentam perder o meu paiz defendendo a tua pessoa e a dos teus companheiros, hei de mostrar que d'aquella porta para dentro quem governa sou eu. Não de compral-os pelo contado, se entenderem que a liberdade fez-se para todos. Liberdade! Se esta canalha póde apreciar o que é liberdade! Liberdade tem nas linguas os taes parlapatões com ares de caridosos, porque talvez não possuam uma cabeça de captivo! Não façam cor-tezias com o chapéo alheio, nem beneficios á custa das algibeiras do proximo. Quando empreguei meu dinheiro em tão má hora, não pedi

favores a ninguém. E agora exigem que eu perca pelo menos metade do meu capital empregado! E então? Não é má! não é má! Esta nem lembra ao diabo!

Quando Deus consentio por tanto tempo escravos no Brazil, não é para que elles desapareçam da noite para o dia. Fallam da Hollanda, da França, da Inglaterra, dos Estados Unidos, da China, do Japão, da Groelandia, do inferno e que sei eu! Que me importa o que fazem os outros. Cada um governa a sua casa como póde! Está porque nos chamam de macacos. E' por essas e outras. Qualquer gato pingado, com presumpções de bem fallante ou de escriptor, sóbe á tribuna, invade as typographias e grita muito ancho de si para o povo: — *A escravidão é um cancro, é uma vergonha para o Brazil, unico paiz em que gemem escravos!* E' um sermão de lagrimas todos os dias! E *cancros e vergonhas* são esses chichisbéus que só trabalham por atacar e destruir a propriedade particular. Mas Deus não ha de consentir em tal, ou toda essa futrica desarma-se a machado e a cacetete! Irrha! que o dinheiro, tão bem ganho com o suor do meu rosto, não será consumido.

pelas arengas do primeiro vadio que especula com a palavra liberdade. Mas o que vale é que temos pannos para mangas, antes de lá chegarmos! —

E voltando-se para os escravos alinhados á porta da cosinha, depois de haver limpado bem o azorrague nas costas do infeliz Roberto, assim despediu-se de todos, carrancudo e minaz!

— Psiu! refinadissimos peraltas! Não quero que ninguém tuja nem muja, fóra d'aqui, a respeito do que acabei de fallar. Aguenta-se comigo o atrevido que pedir negocio de alforria ou mesmo de venda. Desaforo! como se estivessem melhor debaixo de outro senhorio, ou senhores de si. Desgraçados, pestes, que não teem onde cahir mortos com a tal liberdade, e só querem ser livres e para que?! para andarem bebados pelas ruas, como o cão tihoso e faminto, ou a pedirem esmola!

Sumam-se da minha presença em quanto não esmago um por um! —

E depois de um longo resmonear, a que não escapou mais uma censura á molleza de d. Iphigenia, e aos philantropicos desejos da grande opinião nacional, deu-se por terminada a bor-

rasca furibunda de Roque de Souza, que mui placidamente recalhiu na sua calma habitual, saboreando uma longa pitada do grosso e dizendo com os seus botões:

— Tudo isto vae mal! Deus se amercie de tal gente!

Felizmente a maioria da sociedade brasileira não pensa como Roque de Souza *et reliqui!*

Felizmente não tardará muito o dia em que se extinga completamente, para descanso do seculo e por honra d'America, esse barbaro e vil desconhecimento do mais sagrado direito perante a natureza e Deus.

Houve tempo em que o *bill Alberdeen*, aliás excessivo para com um paiz brioso, no meio de repressão contra o detestavel trafico, representou um monstruoso insulto e uma enorme calamidade para o Brazil, principalmente no animo suspeito dos sordidos traficantes.

Insulto ou desgraça, verdade é que entre um e outra sustou-se nas praias da Libia adusta essa importação da maior infamia mercantil que só tendia a envenenar mortalmente a vigorosa circulação do gigante americano.

Se esse *bill* era de alguma sorte affrontoso,

já foi revogado pela cavalheiresca influencia de Mr. Gladstone. Se da repressão do trafico provieram maleficios, ahí assoma o irrecusavel desmentido nos immensos embarços com que hoje arca o Imperio para extirpar a ignominiosa excrescencia que lhe devora o seio; para vigorar o trabalho ao calor da liberdade, derretendo os grilhões de milhares de homens arrancados de seus berços, e que de lá vieram ennegrecer o sangue de um povo tão puro, multiplicando assombrosamente, como por castigo divino, os germens do captiveiro nos verdes seios de uma nação que de tanto heroismo cobriu-se para ser morada de livres!

Queiram ou não queiram os refractarios á luz do Golgotha, os apedrejadores da obra de Lincoln, os iracundos e hodiernos Cains, teem que ceder, por força maior, ao grandioso lema da humanidade uma parte dos tão zelados direitos com que regateam, em favor da fortuna propria, a redempção do proximo, contra os brios de uma nação que, vendo-se em odiosa unidade, appella para a intelligencia dos seus melhores filhos, tentando rehabilitar-se ante o futuro.

Jorra em catadupas a liberdade, por mais

que a seita escravagista opponha-lhe espessos diques.

Emquanto os patriotas espurios insistem na sustentação do abuso anachronico, doiram-se de manumissões os testamentos ; surgem de todos os cantos do paiz os gremios abolicionistas ; a melhor parte da imprensa toma a responsabilidade, da sublime propaganda de Clarkson, de Broglie e de Necker ; o theatro repercute magicamente os brados da imprensa ; os poetas como Castro Alves anathematisam em opulentas estrophes o monstro execravel da escravidão ; quasi todas as festas religiosas ou profanas são coroadas pelos resplendores de uma alforria ; vultos eminentes dos partidos diametralmente oppostos convergem para a salutarissima reforma, influidos pela mesma inexpugnável idéa ; emfim o norte do Imperio representa ao mundo civilizado uma grande bocca de que o visconde do Rio Branco é o mais commovente e generoso grito !

D'esse oceano insondavel, cada vez mais crescente que chama-se — progresso humano — já não é possível reprimir-se a onda immensa que se altêa para afogar no Brazil o genio da escravidão.

Tanto não se afigurava ao bestunto de Roque de Souza, quando acabou de ameaçar os seus escravos, porque, a ser assim, o homem teria enlouquecido de raiva ou de medo.

Pouco depois de asserenar-se o nosso anti-abolicionista, ouviu tocarem-lhe a campainha e mandou ver quem era.

XIII

RECEPÇÃO AFFECTUOSA

A morada de Roque de Souza era uma casa abarracada com quatro janellas e porta na frente. O corredor da entrada, que não era mui longo, dizia para a sala de jantar, onde se achava sentado a fallar comsigo mesmo o dono da casa.

Nada mais facil que ouvir-se da sala de jantar o que dizia-se até de fóra da grade posta entre o corredor e a escada.

Roque de Souza, ouvindo o seu nome pronunciado por quem quer que era, ficou, como diz o vulgacho, de orelha em pé e ao mesmo tempo balbuciando o seguinte: — Que quererá comigo este massante? Não ha de ser para dar-me boas novas ou algum presente. —

Depois, tomado de curiosidade, ergueu-se da cadeira em que estava, e encaminhando-se á escada, gritou para a escrava com quem fallava o desconhecido:

— Então, Leopoldina, quem é que me procura?

— Alfredo Gomes, um seu criado. Respon-
den o nosso bacharel.

Então Roque de Souza, transfigurado completamente, correu até a grade, tomou pela mão a sua inesperada visita e, ordenando á preta que fosse pôr luzes na sala da frente, saudou por este modo a apparição de Alfredo:

— Ora, graças a Deus, que veio honrar esta choupana. Até que enfim! Não ha nada como um dia depois do outro! Pensei que o meu convite já tinha cahido no esquecimento. Venha lá este abraço.

E, estreitando o moço no mais fervido amplexo, continuou a desfazer-se com elle em obsequiosas perguntas e admirações, banalidades que de ordinario constituem a parte menos sincera de qualquer conversação iniciada entre duas pessoas que se encontram.

Depois, assoviando para dentro e acudindo ao chamado um dos escravos, Roque de Souza

ordenou-lhe que fosse avisar sua mulher e sua filha para que não tardassem muito a comparecer; e abrindo a porta da sala de visitas, que ficava á direita de quem subia a escada, disse para Alfredo:

— Entre, sente-se, descance, em quanto a minha familia se atavia lá por dentro. Bem sabe o que são senhoras. Primeiro que arranquem o cabello, mudem de vestidos até que se apresentem, póde incendiar-se um quarteirão de casas, extenuar-se um camello e impacientar-se um novo Job.

Deixemos de parte o que lá sahe da bocca do pae de Virginia em seu *lête-à-lête* com Alfredo, até que appareçam as duas pessoas do sexo feminino, por uma das quaes é desnecessario dizer que foi motivada a visita do moço que, fatigado de tantas idas e voltas ao redor d'essa casa, tomou a resolução de entrar-a, entrou, chegando ainda a tempo de ouvir perfeitamente o que se passava lá dentro entre o villão senhor e os miserrimos escravos.

Alfredo imaginára tudo, menos que o interior do seu tão almejado Eden fosse theatro

de fúrias mais hediondas e repulsivas que as Eumenides. Não obstante o mancebo deixou-se ficar á porta, esperando que amainasse a trovada da lingua de Roque de Souza.

Um sogro tal era de fazer arripiar carreira ao diabo; mas Alfredo em buscar a convivencia de Roque de Souza, tinha uma grande vantagem sobre Lucifer, para não correr d'aquelle homem: tinha dentro de si o insaciavel desejo de reencontrar-se com Virginia. Perigos e difficuldades que não supera o amor, nada mais póde vencer n'este mundo.

Alfredo, entrando n'aquelle inferno para buscar ao menos o olhar ou o sorriso de um anjo, quasi que se egualava em arrojado ao caçador que penetra sósinho no covil da leãoa afim de roubar-lhe um cachorrinho.

Ha occasiões á que podemos sem injustiça applicar o verso do portico do inferno de Dante, quando ao transpormos o limiar de uma casa de familia, surprende-nos o contraste do socego tumular do exterior com os rumores satanicos e prolongados que lá vão no interior. E é bem possivel que Alfredo, temendo que Virginia já tivesse sido victima d'aquelles trovões domesticos, repetisse comsigo:

— *Lasciate ogni speranza ó voi ch' entrate.*

Sem termos a especial habilidade e delicadeza do pincel de Eugène Sue, descrevamos em poucas palavras a sala de visitas de Roque de Souza e a disposição dos moveis que a ornavam.

Já dissemos que a frente da casa tinha quatro janellas. Pois bem, todas essas janellas occupavam um lado da sala que figurava um rectangulo, sendo que o lado correspondente apenas apresentava duas portas que davam para duas alcovas, uma das quaes dormitorio de d. Iphigenia e outra toucador de Virginia.

Nos dous lados menores e parallellos não havia janellas, por causa da entrada na frente da casa, e por achar-se esta mettida entre dous grandes predios.

N'um d'esses lados estavam um elegante sophá de jacarandá empalhado, quatro cadeiras de braços e duas de balanço, da mesma madeira; no outro lado achava-se um piano de armario entre dous modernos consolos, sobre os quaes viam-se dous lindos candieiros de porcelana, quatro jarras para flôres, imitando louça do Japão, estatuasinhas de bronze, receptaculos de bilhetes de visita e outras bugigangas proprias do logar. Junto do piano havia uma estante cheia de musicas, entre o piano e o

sophá uma bem envernizada meza exagonal, sobre cujo fino marmore assentava uma grande e rica serpentina de bronze, rodeada por quatro vistosas caçoulas. Arandelas de crystal, cadeiras empalhadas e um grande espelho oval compunham e embelleciam as duas faces longitudinaes da sala que nem era tapetada, nem esteirada, mas forrada de bem escolhido papel e dignamente assoalhada para uma valsa.

Fingindo attender aos cumprimentos e sensorias de Roque de Souza, que realmente era incansavel para tanto, Alfredo estava a correr um album de retratos e todo embebido na photographia de Virginia, quando esta appareceu-lhe como que involta n'uma especie de aureola.

Alçar-se da cadeira, cumprimentar a recém-vinda, offerecer-lhe assento e sentar se ao pé d'ella, não foi cousa tão facil ao deslumbramento do joven.

Mas só o orgulho da muita educação e cavalheirismo póde triumphar da nimia timidez do primeiro amor.

Foi o que succedeu com Alfredo, a quem logo acudiu Roque de Souza, dizendo-lhe que sua

filha era uma creança e como tal devia ser tractada.

Virginia, coraudo subitamente, como a papoula beijada pelo sol, e desfranzindo os labios n'um sorrir mais expansivo que o desabrochar da cecem ao roscio primaveral, exprobrou graciosamente o pae, dizendo-lhe :

—Não diga assim, papae, que o sr. dr. Alfredo pode pensar que é verdade. Completei quinze annos ; já não sou tão creança.

Ao que respondeu Roque de Souza :

—Quando estão moças querem ser velhas, quando envelhecem querem parecer moças ! Caprichos da tal gente que veste saia ! Ora esta menina que ainda hontem andava de calçolas, corria pelas ruas e queria trepar nas arvores para comer fructas verdes, hoje fica toda agastada quando eu chamo-o creança ! Estou vendo a traquinas, como se fosse agora mesmo, saltar, gritar, judiar das gallinhas, apanhar moscas, jogar a cabra-cega, esgravatar o nariz, enrolar-se pelo chão, cuspir e apredrejar os visinhos e....

—Não me envergonhe, papae — redarguiu Virginia, sem denotar a minima perturbação á franqueza do seu desabusado e rude progenitor.

E Alfredo, todo enlevado n'esse bello claro-

escuro produzido pela aspereza de Roque e pela suavidade de Virginia, pelos grosseiros arrancos do pae e pela brandiloqua ingenuidade da filha, pela opacidade d'aquella velhice brusca e pela diaphaneidade d'aquella adolescencia meiga, por tudo isso enfim que caracteriza a enorme differença que ha entre o que vae sumir-se na terra e o que baixou, por encanto, do céu; Alfredo, repetimos, todo enlevado n'esse contraste, dispunha de dous olhares, um - - o do corpo — fitado na corpulencia terrena, chamada Roque, outro — o d'alma — captivo da subtileza angelical, chamada Virginia. Era um olhar para as misérias abertas do finito, outro olhar para o mysterio deslumbrante da virgindade, irman da innocencia, e o mais vivo representante do Infinito em sua misericordia incarnada em prol dos homens.

Mas suspendeu-se tão gostosa contemplação com a chegada de d. Iphigenia.

Então houve, n'esse pequeno recinto, para o coração de Alfredo, alvo de tão preciosos afagos, uma trindade, reflexo profano da divina que adoram os christãos. Pae, mãe e filha, cada qual empenhou-se mais no doce captiveiro de um ente, que havia pouco tempo se arrancara da propria liberdade!

D. Iphigenia conversou á larga sobre religião, sobre deveres domesticos, sobre almas de outro mundo, sobre ladrões e sobre a filha que era o maior ladrão da alma que escutava a conversa d'essa terna e virtuosa mãe-de-familia.

Roque de Souza não teve remedio senão recolher-se ao silencio, enquanto sua metade dava á lingua com desejo de nunca mais acabar, para que o marido não despejasse da bôcca alguma nova parvoice. Não ha vozes que exprimam a tortura de tão forçada mudez como a que soffria Roque de Souza.

Emquanto d. Iphigenia fallava, sob os niveos e mimosos dedos de Virginia a deslisarem-se como pingos de cascata entre lirios, ou como alvissimos collos de um bando de cysnes suavemente levados pela murmurante e chrystalina lympa, despertava o piano, confidente da virgem, seu melhor e incansavel companheiro, estimulador dos santos effluvios de sua alma a expandir-se das creaturas para os anjos, quando essas teclas, magicamente aviventadas pelos mysticos arroubos da moça, choravam e sorriam, gemiam e soluçavam, repetindo extases de Chopin, saudades de Gottschalk, arrebatamentos de Schloff e fantasias de Prudent.

Sentindo-se e reconhecendo-se justamente preterida no animo de Alfredo pelas irresistiveis effusões do piano, por essa divina influencia, chamada musica, mediante a qual evocamos e ouvimos junto de nós o espirito que nos foi ou que nos é mais caro, sem que precisemos de vel-o corporisado; comprehendendo que estava a pregar no deserto, porque a alma de Alfredo passára a pertencer ao corpo denominado piano, d. Iphigenia entendeu melhor dar uma prova de sua requintada generosidade para com a distracção do mancebo e, pois, dirigindo-se á filha, disse-lhe:

— Virginia canta alguma aria italiana.

Ao que ajuntou Roque de Souza: — Já sei que vou ficar em jejum.

XIV.

O PARAISO ENTRE QUATRO PAREDES.

Virginia promptamente obedeceu á vontade materna, cantando o romance do *Roberto do diabo*, forçado á soprano.

Quem fechasse os olhos á formosura do anjo humanisado n'essa virgem, poderia tomar pelos

gorgeios da patatiba os módulos que desferia aquella garganta argentina.

Todos os sentidos de Alfredo para logo resumiram-se na mais apurada audição. A existencia do moço, eliminando-se repentinamente da terra, concentrava-se-lhe nos ouvidos para receber uma parte do céu nos sonoros influxos que alagavam-lhe o pensamento em ondas de harmonia.

Magneticamente arrebatado por essas notas melifluas, que trasvasavam-se da rosa de uma bôcca virginal em seu mudo e extasiado coração, o ditoso ouvinte, librado nas atrevidas azas da callida imaginação, como que percebia na voz angelical de Virginia um inesperado convite do celicos espiritos que diziam-lhe: — Desata os vinculos da materia que te aca-brunha, despe-te da culpa!... vôa... vôa para nós até que não possas mais recahir no lôdo immundo, em que debatem-se os vermes teus irmãos!

Onde se nos depara enlevo mais doce que nas melodias vertidas de uma garganta afinada por Deus?

N'um olhar de Psyche irradia o beuvinado sol que alimpa as cerrações da mente; n'um sorriso

ingenuo de Graziella se inflora o deserto mais arido de um pensamento; n'uma lagrima compassiva de Haydêa banha-se e revigora para a crença o coração mais myrrado pelo desalento do scepticismo; um gemido angustioso de Agar reabre para a caridade os ouvidos mais tapados pela surdeza do egoismo; porém no canto de uma virgem-passaro, que arremeda os cadentes sons de uma harpa eolia, tangida pelos osculos do vento, parece que Jehová restitue á creatura proscripta nos antros do peccado as chaves do paraizo em que tanto franqueou-se ao homem primitivo a eternidade do bem!

Se queres fechar os olhos á tentação do vicio e ao phantasma da desgraça, tens o infallivel recurso, fragilissimo vivente!—abre os teus ouvidos ao mais grato dos dominios, enche o vazio de tu'alma com as maviosidades do canto da mulher que idolatras!

Vontade que se não dobra ás supplicas moduladas de um anjo desconhece a soberania do proprio eu.

Estudando de mais perto a atonia moral d'esse infeliz surdo para o sublime, heis de convencêr-vos de que elle não passa de um cadaver ambulante.

A soberba magestade da noite, que protege o crime, retira-se de envergonhada ao presentir o gazear do passarinho que chama pela aurora. Tambem a aurora humanisada, que chama-se virgem, só bem desata-se do somno entre os modilhos da graúna que lhe poussa no auspicioso tecto.

Se todos os sorrisos não se equiparam á influencia de um canto que nos reanima ao prazer, ha cantos que nem se pagam com perpetuas lagrimas de jubilo.

O terno canto de uma carinhosa mãe, que embala a sua tenra prole, quer dizer a dulcissima escada por onde sobe o descuido transitorio da infancia para communicar-se com a lucidez eterna dos anjos.

E o canto plangente da virgem que acalenta em seus accordes os morbidos espiritos que a cercam, dá a entender que o infinito suspende seus hymnos para melhor escutar as queixas do finito.

Bemaventurado o canto da virgem que é o seguro mensageiro das maguas retrahidas da tumba para o ceu!

A insinuação irresistivel de um mago canto faz com que as mais annuviadas almas tornem-se transparentes,

Vos consumieis de raiva, e o canto vos dissipou as furias; vos entenebreceis de pena, e o mesmo canto illuminou a vossa razão para as mais ignotas alegrias!

Agradecei o incomparavel talisman d'esse canto que vos arrancou das garras da loucura! Bemdizei essa branda e momentanea soberania que talvez vos afastou para sempre da mortifera voragem!

e Qual dos dous mais admira? Stradella ou Malibran?

Ele commoveu os instrumentos da morte, inutilizando os punhaes de assassinos comprados pela mais cega das vinganças; ella, emmudecida pela morte, quasi fez estalarem de dôr as sublimadas cordas da lyra de Alfred de Musset!

O' sobrehumano poderio do canto!

Tal era o que se exercia n'alma apaixonada de Alfredo Gomes todo ouvidos aos feitiços da voz do seu idolo, quando repetia com a maviosidade de um brioso soprano a bella inspira-

ção do grande Meyerbeer n'essa ardentíssima phrase musical — *Roberto ó tu chi adoro*.

Terminado o romance, Virginia deixando o piano e dirigindo-se francamente para Alfredo que, mudo e absorto representava o vivo petrificado pelo enthusiasmo, fez-lhe a seguinte exprobração:

— Então, cantei e ninguém deu-me uma palma! Parece que não gostou!

Ao que respondeu Alfredo, como que despertando de um lethargo:

— Gostei tanto quanto gosto da cantora!

— Então já vejo que me não enganei, quando disse que o snr. pareceu-me não ter gostado.— Ajuntou a gárrula donzella.

— Porque?— Perguntou o mancebo um pouco embaraçado na presença de d. Iphigenia que, muda e risonha, era a unica testemunha, ainda que um pouco surda, d'esse primeiro e vivo ataque á queima roupa, visto que Roque de Souza retirara-se para dentro antes de findar a cantoria.

— Porque?! Repetiu admirada a buliçosa moçoila e logo ajuntando:— porque não ha tempo sufficiente para que o snr. goste um pouco de mim.

— Pois olhe, continuou Alfredo, para ficar-se captivo de uma pessoa como a snra. basta vê-la uma só vez.

— Seria preciso que os homens não mentissem ha tantos seculos, sem interrupção de um só dia -- acudiu logo Virginia.

— Pois então creia que tenho a felicidade de desmentir os seculos e os homens, depois que se me confirmou a bondade do seu coração nas effusões da belleza do seu canto. Gostei tanto de ouvi-la quanto de vê-la : — ponderou Alfredo com ares de triumpho.

— Então, redarguiu Virginia, já sei que lhe pareço horriavelmente feia, porque canto horriavelmente mal. Não é assim?

— Se a formosura não fosse corôada pela modestia, qual seria o venturoso da terra? Se as aves tivessem consciencia da inspiração que motivam seus trilos, talvez que se calassem para sempre; se as flores soubessem do gozo que produzem seus aromas, talvez que todas se fanassem n'um dia. E a Snra. não comprehende que pode ser como as aves e as flores? Não é quasi irman d'ellas?

Perguntou Alfredo enthusiasmado e cravando um olhar de fogo no semblante da sua perigosa interlocutora.

— Ai que já tenta confundir-me com perguntas a que não posso e nem sei responder. Está-me parecendo um refinado galanteador, tão ardiloso quanto injusto — proseguia Virginia, alimentando o dialogo que findou n'estes termos.

— Injusto e ardiloso porquê?!

— Ardiloso, porque descobre-me um parentesco, que estou bem longe de ter, com as rosas e com os passarinhos; injusto, porque figurando-me assim, nega-me até o uso da consciencia! Pois acredite que já disponho de bastante idade para não contradizer o meu fiel espelho.

— E como supõe-se feia?! Não é isso o que lhe assevera o seu espelho.

— Que importa, se o contrario diz a sua consciencia que foge de espelhar-se lhe no rosto e só deseja falsamente consolar-me!

— Que lhe fiz eu para julgar-me tão mau?

— Abusou da confiança que lhe dei, quando vim perguntar se havia gostado da musica de Meyerbeer. Queria eu experimentar se tinhamos o mesmo gosto musical...

— E commetti o gravissimo crime de encarnar o bello d'essa musica na sua pessoa.

— No que fez muito mal, porque eu estava

bem longe de querer indagar se lhe agradava a minha pessoa.

— Porque ?

— Porque só a auctoridade do tempo responde satisfactoriamente a taes indagações.

— E ha pouco taxou-me de injusto ! De que modo explica a repentina sympathia que identifica dous entes como se fossem conhecidos de muitos annos ?

— É verdade ! Intrometteu-se no dialogo, com voz de trovão, o snr. Roque de Souza com a mesma pretenciosidade dos doutos da escola de Sagres oppostos a Cristovam Colombo — como explicas, menina, a sympathia que nutro pelo snr. Alfredo ? Vamos, responde !

— Eu sei, papae ? ! Os meus livros ainda me não ensinaram tanto. Respondeu Virginia.

— Então rasga os teus livros, que de nada servem, e entretém-te com têas de aranha. Se eu fizesse esta pergunta á minha comadre d. Dorothea, havia de ter uma resposta cabal. Aquillo é que é mulher para explicar tudo como se deseja. As sabichonas de agora lêem muito e não aproveitam nada. Dr. Alfredo quero ter o prazer de apresental-o em casa do meu compadre Pantaleão. Ha de convencer-se de que a na-

tureza illudiu-se quando os creou. O compadre nasceu para ser mulher e a comadre nasceu para ser homem. Que lettrado perdeu-se n'aquella senhora. E' um prodigio de saber.

— Só não sabe governar a sua casa — atalhou com certa repugnancia a brandura de d. Iphigenia.

— Ora não ha ninguem perfeito n'este mundo! Querem que a mulher zire-se em tanta coisa! Ella faz toda a escripturação do marido, traz-lhe os papeis em dia, lê-lhe todos os periodicos; exforça-se por metter-lhe na cachola o que elle não quer ouvir ler, porque elle é curto. Deus do ceu! Que matrona de conta, peso e medida! Faz seus versos, quando quer, escreve suas historias, e tem dado agua pela barba a muito litterato de polpa. Se a sociedade se compuzesse de mulheres atiladas como a minha comadre d. Dorothea....

— Não contaria em seu seio uma verdadeira esposa e mãe de familia — ajuntou d. Iphigenia.

— Porque, snra.? Que mal lhe fez a comadre? Perguntou Roque.

— Porque — respondeu-lhe a mulher — deixa os filhos andarem maltrapilhos, anctorisa os vizinhos a taxarem de pardieiro a sua casa, se

offerece ás zombarias dos que ella reputa seus admiradores, quando os faz rir com extravagancias e destemperos indignos do seu sexo, enclacra e desconsidera o parvo do marido, sem ver que não passa de uma ignorante presumçosa! E viva a litteratura!

— Basta! basta! Que lingua! Misericordia! Não repare nesta critica, meu caro dr., porque minha mulher depois que brigou com a lettra redonda, não admite que ninguem mais pegue em livro. Quero, quanto antes, apresental-o á comadre, e o snr. hade persuadir-se da sinceridade da opinião que formo a respeito de tão importante cabeça. Mas, mudemos de conversa, que a maledicencia ganha cada dia mais uma bôcca — disse o pae do Virginia, tentando em vão disfarçar o seu profundo despeito contra a consorte.

Alfredo por não querer prolongar e azedar aquella discussão entre os dous conjuges, e consultando o relógio, ergueu-se da cadeira de balanço em que estava frente a frente com Virginia; depois tomando o chapéu, dirigiu-se a d. Iphigenia, e disse-lhe, — Para a primeira visita demorei-me de mais. Queira relevar-me a importunação.

— Ao contrario, dar-nos-ha muito gosto, se repetir e prolongar mais as suas visitas. Respondeu-lhe a matrona.

— Ora graças a S. Antonio dos pobres que minha mulher deu provas de que vive comigo ha vinte annos!

Snr. Alfredo esta casa para a sua pessoa está aberta á qualquer hora. Venha de dia e de noite. Quando eu não estiver, ha de encontrar quem lhe faça as honras da casa.

— Muito obrigado — acudiu Alfredo — dê-me por hoje as suas ordens — E despedindo-se de d. Iphigenia, depois de Virginia, a quem atirou o mais expresivo e delicado galanteio que foi magistralmente correspondido pela moça, apertou a mão de Roque de Souza, dizendo-lhe — Até a primeira vista.

— Porque não fica para tomar chá? Perguntou-lhe meio assustado o bom do snr. Roque.

— Porque é tarde e tenho que fazer em casa. Respondeu Alfredo.

— Bem — tornou o marido de D. Iphigenia, faça o que entender, certo de que nesta palhoça toma-se um pouco de agua quente.

— Não faltará occasião. Adeus — E foi sahindo Alfredo, que ainda aproveitou um furtivo

olhar com que envolveu a tentadora belleza de Virginia.

Antes que vá muito distante, a visita, convem notar que Roque de Souza offereceu-lhe chá, para que elle o não acceitasse, pois que o fogão estava apagado, a cosinheira dormia como um frade, quando não resa ou não come, e a herba chinesa, cuja gostosa infusão era tão offerecida, achava-se guardada debaixo de tranca dentro das tavernas indispostas a se abrirem, depois do toque de recolher, para a insignificante venda de um punhado de chá.

Assim é o mundo !

XV

ENTRE A NATUREZA E A CIVILISAÇÃO.

Para onde ia Alfredo Gomes? Nem elle o sabia !

Embriagado de illusões queria expandir-se com o primeiro transeunte, buscava um confidente, fosse em quem fosse.

O excesso de extases produz nas faculdades d'alma o mesmo que a superabundancia de oleo na lampada : vae sumindo-se a luz por demasia de nutrição.

Com ser convidativa para a vida dos mundos ethereos, a paixão não deixa de ser ás vezes uma carga que ameaça fazer estalar o coração mais forte.

E não se pense que só as angustias do ciúme exercem tal pressão n'uma existencia apaixonada: não; porque ha momentos em que a extraordinaria affluencia de jubilos invade por tal sorte os dominios mais reconditos d'alma que o homem, reconhecendo-se acanhado para tanta occupação, expõe-se a morrer de enlevo, se não encontra onde possa derramar uma parte das suas alegrias.

Nem só as penas gastam as molas da materia. Ha prazeres tão violentos, tão inesperados e grandes que assustam, porque podem confundir e até paralyzar as mais bem reguladas funcções do pensamento.

Só não foge das repentinas e exageradas transições quem ignora que é tão perigoso sahir-se do amor para a indifferença quanto da indifferença para o amor.

A muita alegria é para o espirito como o muito sangue é para o corpo; em qualquer d'essas plethoras tão distinctas vae o mesmo risco de vida.

É mais inevitável a embriaguez quando bebemos muito de estomago vazio. O mesmo succede com a soffreguidão d'alma que bebe a longos tragos o amor, porque anda vazia de experiencia.

Alfredo lá ia pela rua, tonto de paixão, n'essa especie de *delirium tremens* produzido pelo philtro que invisivelmente distilla-se de uns olhos e de uma bôcca de fada para um coração incauto e ardente de moço. Os ataques d'esse padecimento são, ás vezes, incuraveis, porque frustram os meios restauradores, precipitando ou aggravando o fim da molestia.

Que seria do mundo e dos homens, se as mulheres sempre dispuzessem de bastante lucidez para bem se aproveitarem de taes obumbramentos de animo!?

Alfredo caminhava sem saber porquê nem para onde.

Quem tenta pelo amor encerrar na cabeça o infinito, não r para no finito que tem debaixo dos pés; e assim o maior gigante de espirito pode ser joguete do menos atrevido pigmeu.

O proprio Filho de Deus, expirando apaixonado pela humanidade, foi o exemplo vivo do

antagonismo que existe do vulgar para o sobrenatural. Enquanto o Divino Cordeiro gemia eternizando a sublime paciência, os Escribas e Phariseos atiravam-Lhe gargalhadas, eternizando a irreparavel culpa.

Portanto não é muito que o homem todo-carne sinta uma doce compensação á sua immutavel obscuridade, suppondo encontrar um automato, quando se esbarra com o homem todo-espírito mas entregue ás tentações do desconhecido.

Assim, por menos que o busque ou promova, toda creatura apaixonada ha de sempre inspirar o motejo da indifferença social.

Se n'aquella hora alguém dicesse isso á Alfredo, elle indubitavelmente responderia :— Que me importa a indifferença dos homens, si eu só procuro valer na consideração de uma mulher?

Outro qualquer, em quem se não exercesse o mesmo ascendente, já teria cansado de andar.

Alfredo, pelo contrario, quanto mais transitava pelas ruas, tanto mais parecia querer devorar o espaço.

Onde encontraria paradeiro aquelle enorme açodamento? No seio do mundo com todas as suas riquezas e vaidades? Impossivel! No pal-

pitante jaspe do regaço de Virginia? E porque não? se o seio da virgem é onde socegam as aspirações mais revoltosas do mundo!

Felizmente antes de nós já houve perspicacia de sobra que disse: — Se quizerem descobrir a origem de todos os crimes e de todas as desgraças humanas, procurem a mulher como causa principal dos conflictos sociaes. —

Sendo assim, que muito é que o mesmo elemento formosura produza dous effeitos — um excitante e outro calmante, segundo a dose em que o tomemos?

Ausentando-se de Virginia, Alfredo trazia comsigo o volcanico anhelos de conhecer um thesouro, divino ao imprimir no alvinitente collo da virgem o primeiro beijo do amor. Mas, se esse impolluto collo de Venus, alvo só attingido pelas brisas, se franqueasse de todo aos avidos labios do febricitante mancebo, para logo toda essa ignifera allucinação converter-se-hia na mais lucida e bemfazeja calma.

Porem já não nos achamos no estado primitivo em que era dado ao homem satisfazer de um momento para outro os mais vehementes desejos.

A humanidade, por melhorar de commodos quando transformava as florestas em cidades,

não sabia que embaraços accumulava contra si mesma.

O habitante de Londres, ouvindo o silvo da locomotiva e vendo o requinte das graças no mais sumptuoso convívio da elegância, é menos feliz, menos senhor de si que o pastor de Virgílio *sub tegmine fagi*.

Parece que a natureza todos os dias vingasse da ostentação com que a despreza o homem que nutre e oppõe contra o seu descanso a sua irrequieta sciencia.

Bem tomada, ainda que tão mal comprehendida vingança!

O costume social é o melhor instrumento com que a natureza se desforça do filho ingrato que a pretere.

A obra do homem serve mais para castigar o seu auctor.

Os outros animaes, como não usam de um guia chamado razão, se escondem para terem mais allivio, se afadigam para serem menos perseguidos. O homem é a unica especie que se esclarece e ostenta para augmentar os proprios males.

O Hercules do progresso! cansado de sobrepujar os Nessos com que de continuo se avista,

maldiz do rigor do destino, quando lhe faltam na tranquillidade do lar os braços abertos e francos da virtuosa e placida Oraphalia!

Queixe-se de si mesmo! Queixe-se do rigoroso recato que ensinaram as praticas abusivas e incoherentes da civilisação.

Se em tudo vai tanto artificio que o homem até para adorar a Deus emprega formalidades, não admira que antes de entregar-se ao homem, fique surda aos brados da natureza e tire vantagem do tempo essa caprichosa preciosidade chamada mulher.

Desde que o preconceito rompeu contra a sociedade de tal modo que o bemaventurado Jacob sujeitou-se a esperar quatorze annos pela escolhida do seu coração, não é muito que nos façam esperar toda a vida as que hoje reputam-se Ra-cheis, por mais que não passem de Lias.

Amamos uma mulher, sabemos que o nosso amor é correspondido e que os paes autorisam a conjugal união; porém é necessario que decorram certos e determinados dias antes de cumprir-se a nossa felicidade.

Em tudo tramites, em tudo ceremonias, em tudo hypocrisias, em tudo acintes á provida e incansavel natureza!

O' creatura, onde irá ter esse afan com que illuminas e fortaleces o mal, fazendo-te cega e insensivel ao eterno bem que te creou?

XVI

« PER AMICA SILENTIA LUNÆ »

Cogitando das privações por que teria de passar, antes que Virginia socialmente lhe pertencesse, o deslumbrado Alfredo, como todos os outros amantes parecidos com Tântalo, andava sem norte e sem rumo.

Armand Duval antes da visita aprazada com *Margurida Gauthier*, divisava em todos os rostos a felicidade. Mas Alfredo não podia ler em todos os semblantes a ventura, porque os poucos entes que encontrava em seu indeterminado transito como que fugiam de olhal-o, ou elle os não via.

Seria que esse divagante encaminhado pelo amor parecesse um espectro aos que só tratavam de entregar-se á influencia do somno?

Fosse como fosse, Alfredo cada vez mais veloz e descuidadamente dirigia-se para o quieto e pittoresco arrabalde de Bota-Fogo.

Que louco andar aquelle! E o infatigavel cami-

nhante olhava só para adiante, como se atrás de si viesse rolando o rochedo de Sizopho.

Éra meia noite!

Da torre do convento de Santo Antonio repercutiam-se e multiplicavam-se nos echos da noite as doze lentas badaladas.

Éra a hora em que para uns surgem os demonios, e em que para outros os anjos baixam á terra.

Acompanhada de anjos ou de demonios era a hora fatidica para todos que a ouvem.

N'essa hora só vibram as lyras como as de Soares de Passos, adejando nas azas da musa consoladora que assim fallava á beatifica solidão;

*Que paz tranquilla! Na amplidão celeste
Campêa a lua com sinistra luz;
O vento geme no feral cypreste,
O mocho pia na marmorea cruz.*

N'essa hora, em que dormem os vivos felizes, verifica-se a triste compenetração de *Eurico*, lacerado por maguas incuraveis e profundas como o oceano...

—« Hypocritas dos affectos humanos! o somno enxugou-lhes as lagrimas.»—

N'essa hora, em que as aves não cantam,

em que o zephiro embala as casuarinas, em que a rosa bebe os prantos da noite, em que a fera descança as garras, em que o mar apenas soluça, em que os astros se expandem, como que para beijarem a face da terra, em que os mortos reanimam-se porque cessou o tropel dos vivos, n'essa hora parece que a natureza patentêa e exprime o seu immenso espirito com o imperio d'essa nudez mais bella e convincente que a eloquencia de todos os homens.

A' meia noite realisa-se a magnifica apotheose do silencio; começa a eloquencia dos tumulos. O cypreste dialoga com a frigida briza; a lua pratêa os cemiterios; e as brancas ossadas estremecem nos osculos da luz, como que temendo uma reencarnação!

A meia noite favorece a lucubração dos predestinados. A cogitação, que descobre ou multiplica prodigios, vale-se da solidão que não perturba e desrespeita o reverenciavel trabalho dos genios. A meia noite è a hora predilecta dos amores saudosos ou mal pagos. Hora propicia em que a terra parece ter uma alma que desce a ter confidencias com a alma do homem /

A' meia noite nasceu Jesus; á meia noite foi preso; á meia noite resuscitou.

Acercando-se do parapeito que serve de mirante a essa linda enseada de Botafogo, Alfredo sustou seus passos, recostou-se para descansar, alongou os olhos pela deslumbrante e poetica bahia, tentando contar os rutilantes lunas d'essa vistosa linha de combustores, que parece um colar de estrellas cahido do ceu sobre as aguas phosphorescentes. O moço contemplava absorto e boquiaberto, a tacita magestade do *Pão de Assucar*, esse gigante granítico de frente escavada quasi a tope-tar nos astros e com os pés mettidos no oceano, como sentinella colossal a proteger o socego da côrte que dormita.

Depois erguendo a cabeça para o firmamento, o espirito de Alfredo entranhou-se n'esse infinito manto tecido de astros. Aquelle silencio da tão contemplativa creatura poder-se-hia bem traduzir n'esta linguagem expressiva e apaixonada:

— O' noite, companheira silenciosa dos tristes, recebe as vividas expansões da minh'alma!

O dominio irresistivel do amor, que en-

trou-me n'alma pelos olhos, fez que eu olhasse com mais attenção para os celestes esplendores. E agora, impregnado dos teus effluvios, ó noite, procuro no teu seio, reverbero de tantos orbes, achar a lucida explicação do misterio que transfigurou-me!

A somma dos mundos que bordam-te o esplendido manto não é maior que a dos meus amorosos anhelos, que no meio da tua augusta placidez me inibem da impassibilidade do somno a que induzes!

Já que dorme essa feiticeira mulher, fechando o coração á effervescencia dos meus transportes, só na tua muda amplidão, ó noite, pode caber e folgar a immensidade do meu amor!

Se a seductora paz, que transpiras, me afigura o somno em que ella me elimina do seu pensamento, o teu doce fulgor lembra-me a suavidade com que a sua imagem angelical estampou-se para sempre em minh'alma.

O calor do dia, teu eterno antagonista, desfecha e vivifica os labios da virgem para encantar-me os ouvidos. A frescura dos teus halitos cerra as palpebras do meu idolo, para

que elle não veja as horrorosas scenas do vício e do crime que desencadêm-se debaixo de tuas sombras, ó noite!

Que fôra da paciencia dos amantes, se a saudade d'elles não se resignasse pela consolação que o teu silencio infiltra nas almas?

Quem diz que ama e te não contempla, é porque tem consciencia de que sua alma não merece reflectir-se em tão grandioso espelho.

És um oceano de sombras e de luzes, ó noite! Cada onda tua é representada pelo ambiente respirado por cada creatura que dorme.

Absorve-me em teu curso, para que nas tuas evoluções minh'alma chegue mais depressa a confundir-se com a d'essa virgem dormente!

Calada e magna testemunha, que me soffres com tanta mansidão, nas tuas inalações beneficadas transmittes a Jehová a fervorosa sinceridade dos meus affectos!

Para que as desgraças da terra agora me não sobresaltem a mente, embebe-me dos teus fluidos, ó noite, até que o somno, teu filho, me envolva e arrebate em suas delicias azas! —

Passados alguns minutos de contemplação mystica e profunda, Alfredo retrocedendo em busca da sua morada, não poudo reprimir a tentação de contornar os lares de Virginia; e por lá passou com a mesma veneração de quem passa diante d'un templo.

Chegado ao seu dormitorio, e apagando a vela, o moço, por mais que procurasse, não conseguiu conciliar o somno.

Diante da sua imaginação havia uma luz que aclarava muito mais que milhões de velas que fossem accesas n'esse pequeno espaço.

Essa luz era o reflexo da imagem de Virginia gravada no pensamento do mancebo.

A fascinação pelo amor tanto alimenta a vigilia quanto o horripilamento pelo remorso. A differença consiste no fundo do quadro: um é todo luzes, o outro é todo sombras espessas.

Alfredo, querendo entreter o tempo até que rompesse o dia, devorou essa obra de Michelet, que é um poema em prosa e que se intitula — *O amor*.

Depois de tão proveitosa leitura, que mal terminou quando o horisonte era enrubescido

pelas mais vivas faixas da aurora, essa transfigurada existencia, vasando n'um pedaço de papel as suas intimas e dominantes impressões em tal noite, foi deliciosamente sorprendida e tomada pelos laços de um somno tranquillo e reparador.

Quem o visse a resomnar diria que o espirito de Alfredo docemente alado, vagueava no paraizo dos sonhos.

XVII

EM SORRISO

O ceu ostentava dos mais deslumbrantes e purpurinos mantos que uma estiva manha pode estender sobre a terra.

Assomava o sol entre rubidos frocos de nuvens, despedindo em cheio sobre a superficie do globo os seus feixes de luz, e aviventando o mar com a ternura de um pae que entre calorosos osculos desperta o filho immerso no mais profundo somno.

Os grandes leuções de brumas, que envolviam os altaneiros cabeços d'essa cadeia de serros que, protege a entrada do Rio de

Janeiro, rasgavam-se e logo sumiam-se para deixarem passar e luzir a indisputavel soberania do astro do dia.

De certa porção do ceu parecia desenrolar-se, vertiginosa, precipite e espumante, uma verdadeira catadupa de sangue, formada pela serie de nuvens precursoras do sol, que espancavam as derradeiras sombras da noite.

De leste para oeste podia-se admirar o portentoso e magnifico painel, tão bem descripto e interpretado pelo vigoroso estro de Franklin Dorea n'este inexcedivel rasgo de imaginação.

*As nuvens são corseis que dispararam
Da arena afogueada que formaram
As faixas do horisonte em combustão;
Freios partidos pelo ar galopam,
Sangue vivo escumando, ora se topam,
Ora em procura do infinito vão.*

Que bello quadro matutino para seduzir e glorificar os inspirados pinceis de Victor Meirelles e de Pedro Americo!

Que livro aberto aos infatigaveis e grandiloquos panegyristas da natureza, aos invejaveis pintores que retratam com os pinceis da phantasia, aos escolhidos de Deus, que o

mundo ignaro deprecia e abate, quando os qualifica de vãos sonhadores, por mais que elles se mostrem, como Homero e Camões, poetas redemptores das glorias da patria e martyres sublimes da musa que abraçam!

N'esse fulgido ceu tropical, n'essa immensa tela divina, profusa e ricamente retocada pelo rosicler de cada dia, melhor se poderia enlevar, maravilhando os homens, a estupenda e callida lyra de Ossian, vibrada pelas saudades de Fingal, pelos heroismos de Cairbar, pelas aventuras dos filhos de Morven, emfim pelos ardores d'alma da Escossia tradicional vasada na prodigiosa mente do bardo — mytho.

O dia convidava ao trabalho com a irresistibilidade da trefega e tentadora donzella, que se aquieta, de braços cruzados junto ao piano, só para que mais avidamente se lhe escute a languida serenata de Gounod:

— *Ton doux chant me rappelle
Le plus beau de mes jours...
Chantez, ma belle,
Chantez toujours!*

E ouvindo o aproveitabilissimo convite do

dia, o agricultor corria para as suas viçoas plantações; o jardineiro saudava, regando-as, suas mudas e odoríferas companheiras; o operario buscava com os aljofares do suor da officina cingir o incomparavel diadema do trabalho; o pescador, atirando ao mar a sua lesta canôa, ia desentranhar das aguas o menos custoso alimento da prole; o pastor espiritual, accendendo as velas do altar, chamava o rebanho para o sagrado sacrificio da missa; a creança, depois de impregnar-se da salutifera benção materna, que lançava-se-lhe em copiosos beijos, tentava arremedar o passarinho doído para fugir da gaiola e enredar-se nas verdes tranças da floresta; emfim tudo respirava amor e actividade no seio venturoso da terra, gostosamente aquecido pelo facho da aurora!

Ricardo Garcia, moço trabalhador, como já dissemos, rara vez era sorprendido no leito pelo dispontar do sol.

Agora estava elle concluindo a versão de uns fragmentos humoristicos francezes, depois de haver retocado um artigo politico para o dia seguinte.

Finda essa imprescindível tarefa, que durou horas, o brioso litterato, correndo ao seu toucador vestiu-se, escovou-se ligeiramente, e mettendo no bolso e-ses papeis recentemente escriptos, sahiu de casa, tomou pela rua do Ouvidor a entregar, n'uma das typographias que ali se encontram, os bellos productos da sua occupação matutina.

Meia hora depois d'essa digressão, Ricardo Garcia entrava no quarto em que dormia Alfredo Gomes.

O diligente rapaz não admittia tanta inercia a taes horas e, pois, foi recorrendo todos os livros da bibliotheca ao seu dispor, dedilhando nas teclas de um velho piano que ali jazia empoeirado, e esganiçando-se na barcarola — *Santa Lucia*, para que o amigo não tivesse justificação plausivel em conservar-se de olhos fechados.

Conchegado ao leito em que jazia o adormecido inabalavel, Ricardo Garcia apoderando-se de um papel que ali se lhe deparou, não poude conter uma estrepitosa gargalhada, e antes de iniciar a leitura exclamou: — Temos poesia! —

Depois, cravando os olhos no papel, leu,

com ares de riso, o que Alfredo escrevera, antes de engolphar-se no somno, e cujo conteúdo era o seguinte :

UM SORRISO

« Um sorriso a deslizar-se dos labios da mulher que amamos! . . . Onde mais grato incentivo ?

« Oh prazer ineffavel ! gozo que não se paga, « felicidade suprema, que apenas carece de « um instante para transportar-nos ao ceu !

« Um sorriso ! Desabrochar de roza que nos « communica os seus aromas, produzindo logo « a irradiação da nossa physionomia ! aurora « que nos acorda e aliena da tristeza ! fulgor « de primavera que nos aviventa o coração ! « ave emigrada do paraizo, que nos recolhe as « maguas debaixo de suas fagueiras e ruti- « lantes azas !

Um sorriso ! Reflexo do Empyreo, que per- « passa em nossos olhos iriando-nos a esphera « d'alma ! franqueza que nos tranmitte a espe- « rança ! insonte sensação que se expande até « nós como um astro que adormenta as aguas ! « tacita manifestação desmentidora da palavra « que nos desanima ! involuntaria precursora « do amor que foge de annunciar-se-nos !

« inesperada commoção do paraizo que se nos
« reabre !

« Oh um sorriso!... um sorriso d'ella!

« E ella sorriu-me, bella, graciosa, amena,
« seductora, modesta como entre a espessa
« folhagem a violeta apenas denunciada pelo
« aroma; como um colibri que esvoaça no
« prado, mal poisando na bonina; como um
« sonho que embevece; como a inopinada idéa,
« que nos acalenta a profunda saudade.

« Oh como é doce bebermos o nectar vi-
« vificante da esperança n'um calice divino
« constituido por labios de mulher!

« N'esse precioso livro, que outros deno-
« minam — bocca de fada — e cujas folhas
« encantadas desfecham-se para nós como
« grandes petalas de rosa rubicunda, oh que
« ventura quando se nos fazem legiveis a can-
« dura de uma alma, a intensidade de um
« recatado amor, as effusões de uma alegria
« virginal!

« De um sorriso tal dimana o elixir da vida!

« Um sorriso tal ou illumina o céu da nossa
« indecisa ventura, ou condensa o inferno da
« nossa irremediavel desgraça!

« Influição magnetica e insuperavel de um

« sorriso! Nos eleva de uma vez ou nos abate
« para sempre; quasi que promove explosões
« como as do Sinai, ou arranca gemidos como
« os do Gethsemani!

« Bemdigo-te, meu anjo, porque n'um sorriso
« consentiste que eu devassasse a pureza de tua
« alma! »

Finda a leitura, murmurou consigo Ricardo Garcia :

— O amor é um grande mestre, mas tambem é innegavel que ás vezes dá com excellentes discipulos. Ora como a penna inexperta de Alfredo foi discorrendo sobre a trivialidade de um sorriso que para outros não passará de uma careta! Se não fosse interrompida pelo somno, a tal dissertação irrisoria e risonha continuaria até á volta de D. Sebastião!

E dando uma palmada no outro, cujo espirito andava bem longe da terra, gritou-lhe :

— Salta d'ahi preguiçoso! Dormir até esta hora. Antes lêr as *Pandectas* ou as *Ordenações do reino*:

Alfredo, espreguiçando-se e abrindo os olhos, quando deu-se cara a cara com Ricardo resmoneou-lhe :

— Acordas com as gallinhas!

— Porque não durmo ao mesmo tempo que os namorados — atalhou Ricardo.

XVIII

PRÓ E CONTRA O CASAMENTO

Logo que Alfredo, reconhecendo não haver outro remédio senão levantar-se da cama, occupou-se nas abluições indispensaveis, os dous rapazes, jogando o espirito com a vivacidade que jamais lhes faltava em chistosas pilherias, dialogaram por este modo :

— Então casaste em breve, meu Alfredo?

— Não, porque faltam-me casa, casaca e ..

— Isto não quer dizer nada ; realisa as tuas bodas servindo-te para ellas do eclectismo de usanças meio asiaticas e meio africanas. Os Hottentotes e os Chinezes são muito mais sabios do que nós. O habito não faz o monge ; e o seio da floresta virgem é o melhor thalamo que a natureza dispoz ao *consummatum est* do hymeneo.

— És um barbaro sem tirar nem pôr, meu Ricardo !

— Ao contrario, sou um homem de coração

e superior aos ridiculos arrabiques da sociedade. A cerimonia de umas nupcias é realmente impagavel !

— Porquê? Nada mais solemne e tocante !

— Dous bonecos mudos, vestidinhos, lustrosos e ao mesmo tempo bisonhos como uns anjinhos de procissão ! Enquanto os circumstantes regalam-se e aproveitam-se do gratuito espectáculo de tão bem estudada inercia e tão ridicula mudez, os dous pombinhos se acariciam com os olhos, a noiva se arrufa como a sensitiva, se percebe ou mal descrimina um furtivo sorriso do noivo que se distráe e tenta nas graças de uma das mais lindas testemunhas do consorcio. Depois toca a musica... fervem as quadrilhas... distribuem-se os cravos... serve-se o chá... delicias-se os convivas... choram os paes dos recém-casados... estes ou deixam-se ficar como dous estafermos, de-pedindo os importunos assistentes, ou consultam os seus relógios para despedirem-se dos insuportaveis perturbadores... e viva a patuscada ! era uma vez um casamento ! Se levassem um filho das brenhas a contemplar tudo aquillo, o selvagem proromperia em gargalhadas ou brandiria o arco para livrar-se de taes doidos.

— Não digas assim, que Deos, representado pelo sacerdote, abencôa a união nupcial.

— Antes não adventures essa proposição, porque Deos não desce a intervir em taes desfructes.

— Então, visto isso, dispensas ou julgas prescindivel a formalidade das manifestações sociaes? No incenso que sobe dos altares, nas musicas que electrizam as almas, nas flôres que ornam o thalamo, e nos sorrisos que circumdam o novo par, não vae a benção cordial da alegria, com que a sociedade prophetisa a felicidade d'essas duas existencias?

— Qual benção! qual alegria! A sociedade é uma caricata de quarenta seculos, que ri quando deve chorar, que chora quando deve rir. Tinha muito mais coherencia, sendo de páo, essa carranca que á porta do theathro figurava na Grecia o genio da comedia. Fallem por mim Juvenal, Boileau, Molière, Balzac e Sardou. Fallas-me da felicidade de duas existencias prophetisada pelas folganças da primeira noite do hymeneo! E quantas almas se têm amortalhado nas galas do thóro para a perpetua desgraça mil vezes peor que uma repentina morte?

— E quantas se têm redimido da desgraça? Quantas deshonras se têm evitado no casamento? Quantas vezes a plenitude do thalamo nupcial tem reparado cabalmente o criminoso desamparo da innocencia engeitada, ou a vergonha trazida pelos brutos instinctos da natureza?

— Mas repara que eu não sou contra o casamento na essencia. Opponho-me sómente às longas e inúteis ceremonias que o precedem e rodeiam.

— Se podesses ser noivo todos os dias, talvez que bem pouco se te dêsse de seres um boneco aos olhos de quem te assistisse as bodas.

— Isso lá não sei.... É bem possível que me enfastiasse do meu papel, por mais delicias e triumphos que elle me produzisse. Diz o proverbio latino : *Nemo contentus sorte sua*. Mas, para ser noivo uma só vez na vida, sujeitar-me a tantas etiquetas e dissimulações de mim para com os outros, dos outros para comigo! Nada; quanto mais aprendo dos homens, menos me identifico e conformo com os seus usos mais solemnes.

— Não ha motivo para tanto!

— Ha-o de sobra. Em tudo apparencias vans, ou o ridiculo misturado com o serio. Ha miserias encasacadas que andam famintas como o conde Ugolino e arrotam abastanças e grandezas de Lucullo. Ha corações que cobrem-se de luto e festejam se interiormente á custa da impassibilidade de um tumulto! Se o tão chorado morto se reanimasse para acalental-as, essas hypocritas saudades seriam capazes de enxotal-o até que o importuno lhes restituísse o socego, tornando-se a encerrar no bem merecido e caro jazigo.

No Rio da Prata vela-se uma noite inteira junto de um feretro. E para que? A original cerimonia, que chama-se *velorio*, é um barbaro festim composto de lagrimas e risos, de imprecções e chacotas, de soluços e segredinhos, de consolações e affagos, de cantares e comes-e-bebes, que tornam o interior d'essa morada mais horripilante, odioso e irrisorio que as scenas offerecidas pela incontinencia da tumultuosa e desmedida crapula. E a familia do morto impõe-se o impreterivel dever de convidar todos os seus parentes e amigos e conhecidos, para que façam còro n'essa especie de lutuosa orgia, porque se o espirito do fallecido não for

acompanhado pelo cortejo de suffragios, que tanto se contrastam, poderá ficar em meio caminho para a eternidade. Melhor procedem os africanos, que em taes occasiões applaudem somente o descanso do companheiro que os ouve de mundos melhores. E vivam as ceremonias civilisadas! Mas, voltemos ao que importa saber: Casas-te logo ou não?

— Estou prompto, mas só me falta uma cousa.

— O que?

— A noiva.

— E Virginia? Que mais queres?

— Alto lá! Roma não se fez n'um dia.

— Mas tambem não queiras comparar a delicadeza d'essa menina com o trabalho que deu uma série de colossos, chamada a cidade eterna.

— Estás hoje afinado como nunca!

— Que queres? ando com o coração desimpedido; posso dar ensanchas ao meu espirito. Tu não podes fazer outro tanto.

— Porque?

— Porque, apesar do *sorriso* de que te impregnaste a noite passada, ficarás mais triste e macambusio do que Heraclito, se a musa não tornar a sorrir-te esta noite, misero escravo de uma bôcca

— Como penetras o fundo do meu coração!
— Ainda não vi cousa mais transparente. Eu bem sei o que são fraquezas. Quando ella olha, quando ri, quando caminha, quando pára, quando levanta-se, quando recosta-se, quando tosse, quando suspira, quando falla, quando emmudece, quando disfarça, quando te exprobra e até quando come, o amor te enche de entusiasmo o coração com as mesmas impetuosas abundancias dos gelos dos Andes que fundem-se ao calor do estio para a enchente das cabeceiras do Amazonas. Quando a ouves cantar, todo embebido nos labios d'ella, pode rolar e cahir sobre ti uma avalanche, que nem terás olhos para evitar o perigo, nem ouvidos para escutar o estrepito com que se despeja a massa colossal! Não é assim, meu novo Abeilard?

— Falla, falla, que não tens que invejar a eloquencia de Mirabeau!

— E quando estás longe d'ella, ai Jesus! reduces o infinito á capacidade de um dedal, a terra a um grão de areia e o homem a nada, fazendo lembrar o desabafo sublime da sanctorosa musa de Castro Alves, quando fugindo ao borbolino social e recolhida na solitaria

habitação de seus antepassados, assim convidava a amizade para fazer-lhe companhia:

*E a terra é como o insecto friorento
Dentro da flor azul do firmamento
Cujos calix pendeu !...*

Estes visionarios apaixonados são mais perigosos que o Theodoro da Abyssinia e o Nero do Paraguay!

— Não, quando ella está longe, repito com Dirceu:

*Eu tenho um coração maior que o mundo,
Tu, formosa Marília, bem o sabes!
Um coração ! e basta ;
Onde tu mesma cubes.*

— Peior ainda, porque figuras o mando com dimensões liliputianas ante a mulher que te avulta aos olhos da phantasia como o colosso de Rhodes.

E assim proseguia aquella animada palestra até que, fazendo-se annunciar um confortavel almoço, gritou Ricardo, depois de tomar longo folego:

— Santa palavra ! Está encerrada a discussão ! Abra-se a bôcca somente para deixar

passar a eloquencia do garfo. Estou em plena pliaze do estomago. Tu, Alfredo, não farias mal, se agora obedecesses á magistral prescripção de Castello Branco, tomando uma bebedeira que, segundo o judicioso romancista, é o melhor purgante d'alma perturbada ou pela demasiada crença, ou pela muita desconfiança. —

XIX

O PIANO E O RECITATIVO

A narração d'esta veridica historia vae tomando um espaço e assumindo proporções a que certamente não nos propuzemos.

Se é mau precipitar os acontecimentos, peor é impacientar a attenção dos leitores com sentenças, exordios e divagações que em outro qualquer logar poderão interessar, porém que no correr de uma obra como esta farão dizer a muita moça bonita e que nos honra com a concentração dos seus buliçosos olhos em tão mal traçadas linhas: Então, quando chegaremos ao fim?!

É natural; a curiosidade fez-se para a

mulher, antes que o nosso pae Adão ficasse com o fructo do peccado atravessado na garganta. A mulher sem curiosidade é o mesmo que o inverno sem frio, a vaga sem espuma e o fogo sem fumo.

As leitoras não precisam de ser adivinhas para bem responderem se Alfredo continuou ou não a frequentar assiduamente a casa de Roque de Souza.

Eram bons os desejos de d. Iphigenia em convidar o mancebo? Pois melhor foi a vontade com que elle respondeu a tão delicado convite em consecutivas e prolongadas visitas

E quem não faria outro tanto?

Virginia era tão meiga e generosa na effusão dos seus dons! sua mãe era tão lhana e paciente! havia tanto acoroçoamento até nas maiores nescedades de Roque de Souza!

Conversava-se, tocava-se, cantava-se, recitava-se ao piano; no jogo da conversação embarcavam-se innocentemente algumas biscoas; e assim discorria, entre faceis e commodos regalos, a longura de uma noite das mais tristes e enfadonhas para tanta gente que vivia n'este mundo de Deos!

Das musicas de Virginia e dos recitativos que tinha de c6r, Alfredo tirava as vantagens que s3 p3de tirar o egoista de amor, que 6 o peor de todos os usurarios, porque n3o ha premios que o satisfaçam.

Mas para que recriminar o moço?

Quem 6 que, podendo, j3 n3o fez, ou n3o far3 o mesmo?

Quem n3o se aproveita da occasi3o merece o desprezo dos seus semelhantes.

Vae cantar o nosso idolo? 6 claro que devemos desejal-o e applaudil-o com mais empenho, se o canto f3r sobre motivos do *Torquato Tasso* ou do *Guarany*, onde 6 o proprio amor quem nos encoraja pela b3cca do objecto amado:

*Ah l'amor chi sembra un giuoco
Puoi devien necessita.*

.
Tutti dobbiamo amare.

Se pedem-nos para que recitemos ao piano, porque n3o havemos de preferir o *Amor e medo* de Casimiro de Abreu, a *Judia de Thomaz Ribeiro*, ou o *Quero fugir-te, mas n3o posso virgem*, de Lobato Pires?

A musica e o piano fizeram-se mais para concertos amorosos do que para os outros concertos.

O que não consegue um piano bem tocado ou uma garganta maviosa, é impossivel de conseguir-se.

Não ha eloquencia demosthenica que exceda a de um piano que geme sob uns dedos electrizados de paixão.

Ha sujeito que, manobrando com um piano, reduz por tal modo a vontade da mais caprichosa moça, que em nada tem que invejar a magia do gaúcho triumphante do potro mais bravo.

Já tivemos ensejo de avaliar a irresistibilidade d'essa maneira de domar.

Queria retirar-se a rapariga e o rapaz não estava pela retirada. Elle pediu... rogou... quasi chorou... e ella inflexivel! Então apoderou-se d'elle uma inspiração e, correndo ao piano, a alma do pedinte fez-se interpretar pelos soluços do teclado que parecia dizer á bella inexoravel — « Não vds, que eu posso morrer de saudade! Fica pelo amor que te consagro, menina dos meus olhos, luz da

minha alma, dona de todo o meu ser! Fica até que se evapore e suma toda a minha existencia nos gemidos que exhalo do coração e que se convertem n'estes accordes do piano que te pede que faques!

É a que parecia inabalavel, já de chapelinho na cabeça e atirando aos hombros a capa, sentiu lá por dentro de si umas cocegas taes que não teve remedio senão tacitamente paraphrazar, em pró do amante, essa resposta de Pedro I em favor da nação brasileira!

Expliquem-se lá taes feitiços!

Tambem o recitativo ao piano é um grande recurso para os apaixonados.

Antigamente que trabalho para transmitir-se uma declaração de amor em fórma de carta! Que receio de que o correio trahisse e fosse interceptado o criminoso papelinho.

Hoje não; supprem-se todas as maiores deficiencias de communicação com a sem-ceremonia, tão festejada, de um recitativo ao piano, em que o pretendente franquêa-se e derrete-se ao pé da pretendida, sem que o perturbem ou desanimem razões de conveniencia

social e interrupções motivadas pela presença dos paes, irmãos e protectores da supradita.

Quando Eugène Pelletan escreveu o seu *Le monde marche*, já o recitativo confirmava em pleno salão a verdade da proposição tão bem corroborada pelo grande socialista francez.

Que moda excellente! Está mesmo pintando aos namorados. Que valvula de segurança!

Ha nada melhor que um *Bernardim* desfazer-se em ternas confissões na presença do seu bem, sendo ainda em cima retribuido por palmas e elogios dos mais receiaveis ouvintes, que não cansam de pedir-lhe que recite mais?

Paes de familia, ainda é tempo, cuidado com o recitativo!

Este aviso, ainda que não fosse tão tarde, estaria longe de prejudicar a Alfredo, porque era justamente Roque de Souza quem mais desafiava o moço dizendo-lhe: — Minha comadre d. Dorothea recita com muita graça, mas o snr. dá-me mais no gôto, quando recita.

Alfredo nadava n'um mar de rosas, ainda que lhe faltasse a convicção de que era amado por Virginia.

Que mais queria elle? Não a via a seu bel-prazer, por mais que nunca se fartasse de vel-a? Não derramava em torno d'esse anjo adorado todas as affectuosidades que promove e santifica o amor? Não sagra-lhe cultos, no altar de sua alma e á vista dos paes da moça, com a tranquillidade do sacerdote, cujo mystico emprego não é interrompido e assaltado por violencias sacrilegas?

Assim é que deviam todos amar, para que de tanta ventura imperturbavel resultasse maior somma de bem-estar entre os homens.

Mas tambem se os paes de Leonora de Ferrara e de Catharina de Athayde tivessem a tolerancia de Roque de Souza, a posteridade não teria lucrado tanto com os melodiosos threnos do cysne de Sorrento e com os inolvidaveis surtos da aguia que nos deixou os *Luziadas*.

XX

O CORAÇÃO E A MULHER

Ha pessoas que amam para offerecerem o seu martyrio em holocausto á gloria a que aspiram por meio do amor.

Extravagante e exótica pretensão!

Só a Christo podem caber as honras da glorificação pelo buscado soffrimento.

O homem que pretende imitar aos pés de uma surda beldade o exemplo do Salvador exposto ás injurias e sevicias da vibora judaica, poderá isentar-se de tudo, menos do epitheto de estulto.

Em que pése aos apologistas e sublimadores do soffrimento pela paixão, nada ha mais ridiculo que um voluntario da paixão pelo soffrimento.

Mais desejamos tudo aquillo que mais se nos difficulta. É justo. Porem, termos consciencia de que já.nais alcançaremos o fructo das nossas privações, e continuarmos a desejar, aggravando a nossa evitavel cegueira em busca do impalpavel, é o que se afigura de mais estranho e de menos admiravel aos olhos da boa e lucida razão.

Preguem como pregarem os mais requintados phantasiadores, é indubitavel que o sentimento do amor originou-se e desenvolveu-se no mundo como o melhor antidotho ás desgraças.

Quem ama procura o gozo. É a mais legitima aspiração da humanidade.

Entra na lista dos doudos culposos quem se

eseravisa pelo amor, sabendo que tal escravidão em nada aproveita e só inspira sarcasmo á liberdade do proximo.

São, porem, dignos de inspirar lastima os animos imprevidentes que se atiram nas armadilhas preparadas pela inconstancia da mulher.

Ha tanta loucura em quereremos forçar impulsos de um coração fememino, quanta pretenciosidade em o nosso adversario que tenta violar-nos o sacrario do pensamento.

O amor que se entrega contra a vontade não tardará a vender-se por gosto ou por desforço.

Se vos julgaes incapazes de comprehendel-a, ainda que vos reputeis aptos para felicitá-la materialmente, não insistaes, cegos de espirito, em pedir acolhimento e piedade ao coração da mulher que vos repelle ou foge!

Quando vos quizerdes arrepender, será tarde, porque, perdendo os brios, a nova adúltera ainda encontrará desculpas no ignobil affeiro de vossas teimas!

Felizmente dan lo-se em alma a Virginia, Alfredo Gomes não se deparava em tão desvantajosas precarias e lamentaveis condições.

Dizem que a mulher, quando obstina-se em

não demonstrar os affectos que entranha em favor de um homem, illude muito mais do que o aspide encoberto na flor, do que a serpe escondida na relva, do que o baixio mascarado pelas ondas.

É falso. Por mais que se poupe a explosões que a desarmem de todo, o orgulho da mulher sempre deixa que lhe presintamos um pouco do amor que ella traz consigo incubado.

Se tal succede com as mais edosas, experientes e dissimuladas, que será da virgem tenra, inexperta e ingenua, que comprime o coração diante d'aquelle que mais a sensibilisa e encanta?

Virginia, ainda que na franqueza de seus modos e de sua linguagem buscasse esconder de Alfredo as doces primicias de uma completa retribuição, parecia, com tudo, não estar mui longe do dia fatal da irreprimivel erupção amorosa, tão almejada pelo moço.

Até a mudez, que em certos momentos se apoderava d'essas duas existencias, após bem nutridos colloquios, estava indicando a favoravel resolução da crise. O silencio como que vinha desmentir as vans palavras que se combatiam, fazendo lembrar a linda maxima do

grande poeta, quando aprecia, como inxcedível psychologista, os calados enlevos de uma verdadeira paixão:

*— Não fallavam os dous, não; as palavras
Da linguagem dos homens são mesquinhas,
São pobres de expressões, quando a alma inteira
Rompe do coração e acode aos lábios.*

A verdadeira regeneração do homem depende unicamente da influencia da mulher que ternamente corrige, incutindo o amor no coração do *Lovelace*.

Gigante do vicio e da indifferença, como vos dobra e transfigura uma creaturinha, a quem basta apenas um sorriso ou um olhar para converter-vos á observancia da virtude!

Passaveis diante de um templo e fagieis de entral-o, para que não fosseis taxado de beato; ao mendigo, que vos implorava uma esmolla, voltaveis grosseiramente as costas, porque desconhecieis a sublime obrigação de soccorrer os desgraçados; negaveis um carinho ao morbido infante que vos estendia os braços, porque a vossa aspereza se incommodava com tanta brandura; não vos commovieis diante de um morto, porque aquella inercia já não

vos podia reconhecer a condescendência; emfim, vós sois soffrer o proximo, e sois tremeis estridulas gargalhadas, porque o vosso coração jazia atrophiado sob a grossa casca da devassidão que vos abroquelava contra os estímulos da caridade!

E agora como sois outro! Como entraes assidua e devotamente nas igrejas! como sois esmollér e cortez para com os mendigos! como festejaes as creanças! como empallideceis e vos descobris diante de um esquife mortuario! como o infurtunio alheio vos arranca lagrimas de commiseração!

Que mudança fizestes de hontem para hoje, só porque passou por junto da vós um rosto de mulher, que ainda não tinheis visto e que vos fez estremecer; porque n'essa fugitiva pulchritude parece que, sem o quererdes, lêstes, estampada por Deus, uma probabilidade de reabilitação, que vos obrigou a ter nojo da propria hediondez!

Recebei dos labios da Eva redemptora o saboroso preservativo, que vos neutralise os influxos do atroz veneno que vos consumia os dominios d'alma!

Fazeis bem em descer da escada do crime

para as azas do amor! Ieis morrer de cansaço, dando em terra como bruta massa, para logo vos pulverisardes e sumirdes ao rijo sopro do olvido!

Agora não! Tranquilisae-vos, que á beira do tumulto vos acompanhará uma lagrima compassiva — prenuncio da grata promessa da eternidade, que volve ao coração dos arrependidos.

XXI

ENTRE O CEU E A TERRA

Alfredo Gomes, antes de sentir o *Deus in nobis* do amor, não era uma creatura saturada de vicios, nem uma d'essas indoles sorumbaticas e merencorias, que entram moralmente na velhice, mal que principiam a adolescencia.

O nosso bacharel, em seus tempos de estudante (bellos tempos em que não ha responsabilidades!) e longe da vigilancia paterna, se mostrava sempre arredio das lubricas, ruidosas e desenvoltas convivencias, sendo pouco affeito aos espiritos tacanhos e pessimistas, que deprimem tudo que se destaca, porque vieram á luz para serem os vivos contrastes do bello.

Compreende-se facilmente um meio termo entre esses dous antipathicos extremos.

Alfredo podia bem representar esse unico meio termo tão consentaneo com o bom senso.

Quod Casaris Casari.

Hoje que des-graçadamente vae-se arraigando a desastrosa moda pela qual muitas vezes o — sublime — chega a ser synonymo do — extravagante; hoje que se quer apontar o verdadeiro sainete do genio na escandecencia da imaginação que mistura com os vomitos do *cognac*, com as fezes da saturnal e após os depravados quadros da impudica *Luciola*, os arrancos de um estro vasado n'um pedaço de papel; hoje que a *Noite da taverna*, *Jacques Rolla*, *D. Juan* e os *Cantos phantasticos* são os principaes estimulantes com que a mocidade, mais doudejante que as mariposas, busca esbrazear as azas do pensamento no fogo do scepticismo para logo descahir no gèlo de precoce marasmo; é sempre reputado um typo commum e medioere todo aquelle que, já contando vinte annos e pertencendo á cruzada intellectual do porvir, retrae-se um pouco do irrequieto e açodado grupo que tenta, com os arrebatamentos d'alma, accelerar as impertubaveis e regulares evoluções do tempo.

Alfredo, sendo um d'esses typos retrahidos sem presumpção, e colhendo de Byron, de Hoffman, de A. de Musset e de Alvares de Azevedo tudo o que em genios taes revela os toques da inspiração divina, tinha para si que a terra em relação aos homens é como o oceano que se não consome e altera em seus movimentos por mais que augmente ou diminúa o numero das branchias que funcçionam dentro d'elle.

E assim pensando, Alfredo Gomes levava esta vida com a tranquillidade que ella nos sugere para aborrecer-nos menos.

Sem ser heretico á guisa de Voltaire, de Strauss, e de Volney, esse moço antes de apaixonar-se por Virginia, raro se apresentava no interior de um templo; mediando as innumeradas conquistas dos pintalegretes, fugia com asco dos bailes; e lamentando o futuro de muitos dos seus coetaneos, olhava com horror para os líridos rostos, aviventados pela bachanal que estrondêa desenterrando mortos e sepultando vivos.

A candida imagem de Virginia, entrahando-se cada vez mais na lembrança de Alfredo, veio, porém, modificar-lhe todas as suas predisposições.

O mancebo agora já se não apavorava tanto das crapulas, porque a pureza da virgem o garantia melhor contra o empestamento d'ellas; já não repugnava a fatuidade dos bailes, porque n'elles havia mais espaço para o seu espirito haurir os halitos balsamicos de um anjo nos febricitantes rodopios de valsa; já frequentava um templo todos os domingos e festas de guarda, porque soube que o seu idolo cumpria fielmente o primeiro dos mandamentos da Igreja na capella que pittorescamente se altêa para o ceu, corôando o lindo morro da Gloria.

E que ha para admirar-se em taes modificações?

A primeira imaginação d'este seculo, definindo a grandiosidade da prece, diz ao mundo civilizado: — « Ha um *eu* no infinito de baixo como ha um *eu* no infinito de cima; o *eu* de baixo é a alma, o *eu* de cima é Deus. Pôr em contacto pelo pensamento esses dous infinitos eis o que se chama — orar. » —

Se a oração, mediante a qual se communicam os dous infinitos, sae de um pensamento occupado por uma feiticeira mulher, não é mais digna de louvores a força de uma

ideia religiosa que, antes de chegar aos pés de Deus, passa pelas tentações de um pulcherrimo rosto, sem que perca a effervescendo culto?

Quando somos felizes pela consecução de victorias mundanas, queremos sempre estar rodeados de amigos que mais nos ajudaram no alcance de taes bens.

E porque, quando nos felicitamos a oração na crença de que mais nos approximamos de Jehovahá, havemos de evitar a inoffensiva presença da creatura que melhor nos comprova a omnisciencia e bondade do Creador?

Para certos entes, consorciados em alma, ainda que o não estejam em corpo, o mais grato respiradouro de purissimas ternuras é o seio immaculado de um templo.

Como não logramos fitar por muito tempo a face do sol, bendizemos e miramos quotidianamente a provida luz do astro no reflexo com que ella doira a face da terra.

Alfredo, em todo o seu ardor orthodoxo, quando retirava os olhos — da imagem de Deus — para volvel-os ao semblante de Virginia, não podia agradecer menos ao poder divino, admirando esse maravilhoso reflexo da divindade, ao qual deu-se o nome de mulher.

Junto de sua bem-amada, diante dos Martyres da Cruz, mais proximo de Deus no sagrado recinto do templo, e orando tambem pela felicidade de seus paes, que influença terrena poderia subtrahir essa consciencia juvenil ao delicioso antegosto do céo no remanso augusto da prece?

Nos fervores d'essa adoração intima e tão bem acompanhada é que se póde confirmar a veracidade do cantor do — *Firmamento*, quando referindo-se ao homem, depois de abatel-o, diz-lhe para o consolar:

— *Alegra-te, immortal, que esse alto lume
Não morre em trevas de um jazigo escasso!
Gloria a Deus que n'um atomo resume
O pensamento que transcende o espaço!*

Agora não pensem os imprudentes namorados que a igreja é o lugar em que mais facilmente se admittem e legitimam as frivolas e bastardas inclinações.

As profundas e antigas paixões differem muito dos affectos que duram como as rosas de Malherbes ou como os entretenimentos de primos com primas.

Os atrevidos ou nescios galanteadores que

servem-se da casa de Deus, como se fosse um theatro, para derreterem-se e cochicharem escandalosamente com as suas ridiculas e mentecaptas loureiras, sejam de lá corridos a esparto, porque o templo não se fez para autorisar nojentos e futeis namoricos.

Já lhes não bastam os logares profanos, em que nutrem-se de insulsos nonadas, sem verem que se gastam para a virtude?

Locupletem-se, fartem-se da impunidade do baile, em que distraem-se dos circumstantes, e, ainda que termine a folia, deixam-se ficar enleitados na sedicã conversação que lhes favorece o derriço, porque entendem que ninguem os vê ou que o tempo deixou de correr para elles.

Mas continuarem tudo isso dentro do sanctuario da prece! Ápage! que alem de profanação é desaforo!

XXII

CONSULTA

Haviam decorrido cinco mezes depois que Alfredo Gomes se avistara pela primeira vez com Roque de Souza em casa de Ricardo Garcia.

Já seria tempo bastante para que o nosso bacharel tivesse o coração tão repleto de amores e desejos que carecesse do bemvindo soccorro proporcionado pela ventura do laço conjugal?

Respondam imparcialmente as boas e illustradas leitoras que, com serem de sexo opposto, nem por isso vivem isentas dessa avultada e doce carga de affectos que não pedem licença para occupar um coração, por mais acanhado que seja.

Cinco mezes alimentados pela mais intensa das paixões!

Cinco mezes de extases só comparaveis ao que experimentam os filhos do Oriente, quando se embriagam e dormem sob os influxos do *hatchis* para em alma transportarem-se aos encantos do paraizo de Mahomet.

Continuar por mais tempo n'aquella ebriedade espiritual, sem ter a convicção de que Virginia pertencia-lhe em corpo e alma, era para Alfredo uma inquietação quasi tão vexatoria como a do supplicio de Tantaló.

Depois de attingir o sublime d'arte no aprimoramento de formas com que tirou do marmore tosco a inimitavel estatua de Galatéea, o inspirado Pigmalião, não tendo mais que aformo-

sentar, descontentou-se de sua obra magnifica, só porque lhe era impossivel transfundir um pouco de sua alma n'aquelle todo grandioso e bellissimo, porem mudo e inerte.

Alfredo, solicitado pelo tropel de vividos anhelos, que lhe assaltavam o pensamento, ás vezes só pela idéa de que Virginia deixaria de pertencer-lhe como esposa, por mais provas de afeição que lhe dêsse a donzella, parecia tão difficil de contentar-se quanto o portentoso estatuario.

É natural. Por mais que adejemos a phantasia aos mundos ethereos, por mais platonismo com que velemos o nosso amor. recalamos sempre no positivismo da materia que reclama em taes occasiões os seus impreteriveis direitos.

Os caprichosos vôos da imaginação que abstrae-se da idéa de corpo, só para não mesclar de sensualismo a pureza da mulher amada, são mais baldados e improficuos que os proprios vôos de Icaro.

Nas concentrações amorosas mais escoimadas de malicia rara é a vez em que, deslumbrados pelas tentadoras formas do idolo, não se inutilisam e fecham os olhos d'alma, para que só funcionem e gozem os olhos do corpo.

Argumentem como quizerem os poetas, apoderados de santo idealismo; mas, por fim reconheçam que perdem seu tempo e andam pregando no deserto, porque essas demasiadas abnegações contra as exigências incessantes da materia não se coadunam com a natureza humana, e são até incompatíveis com a verdadeira índole de tão refolhados e amenos pregadores.

Para que se desmascarem diante dos illusos, basta que os taes gigantes platonicos sejam experimentados por torturas de um supplicio igual ao de *Jacques Ferraud*, ludibriado pelas negações da bella e voluptuosa *Cecilia*.

Alfredo estava decidido a casar-se com Virginia.

Ja não havia razões de conveniencia publica ou particular que o demovessem de tal proposito.

A doce companhia de sua extremosa mãe, e de seus irmãos, que o idolatravam, ja era insufficiente á extraordinaria preocupação do mancebo, e em certos momentos (quem lhe não perdoará!) se lhe afigurava solitaria e taciturna como o vazio dos ermos, só porque não abrangia em seu seio a presença de uma creatura incomparavel.

À família de Alfredo, com excepção de seu pae, — que rara vez deixava os negocios da lavoura na sua fazenda, em Minas Geraes, para vir até a côrte rever e abraçar mulher e filhos — pouco foi preciso para descobrir o segredo que revolucionava o coração do mancebo, accrescendo que em suas irmans possuia elle as mais agradaveis confidentes, ao mesmo tempo que a pessoa de Virginia captava as sympathias da sogra em perspectiva.

Da parte da família de Virginia havia tanto empecilho ao casamento de Alfredo com essa moça quanta repugnancia no mancebo em procurar tão venturoso consorcio.

Roque de Souza estava suspirando por um genro que o salvasse de apuros, e parecia-lhe ter á mão esse thesouro; D. Iphigenia acompanharia de olhos fechados a escolha da filha.

Da parte da família do nosso bacharel só faltava o consentimento paterno, pois que os outros parentes mais proximos, que foram consultados e ouvidos, adheriam com muito gosto á licita e justa pretensão de Alfredo.

Restava, portanto, ao moço pedir e obter a approvação de seu pae, antes que se dirigisse a Roque de Souza.

No dia em que se completaram cinco mezes depois que Alfredo voltou do theatro magnetizado por esse feitiço de quinze annos, escrevia elle a seguinte carta ao commendador Fernando Pereira Gomes :

« Meu muito amado pae,

« Imagino o quanto deve estar Vm. contra-
« riado comigo por eu lhe não dirigir lettras
« minhas ha tantos mezes.

« Sou o primeiro a reconhecer o meu erro;
« mas, invocando a generosidade propria de
« um coração de pae, atrevo-me ainda a pedir
« a sancção de Vm. em favor da causa prin-
« cipal de tanta remissão.

« Seria ingratição e até crime de minha
« parte, se a titulo de um falso e detrimen-
« toso respeito de filho hypocrita, eu me sub-
« trahisse agora á solicitude e lealdade com
« que Vm. de tão longe busca incessantemente
« ler no livro da minha alma.

« Ei-lo pois aberto á franqueza de Vm.
« como ante á misericordia e sapiencia de
« Deus.

« Amo apaixonadamente. Confesso que fora
« melhor não me ter escravissdo tão cedo,

« porém agora é tarde para volver-me á tran-
« quilidade em que me suppoz isento do
« prematuro hymeneu.

« Para que me não damnifique o importante
« passo que vou dar aos olhos da sociedade,
« preciso, antes de tudo, que Vm. não se
« opponha aos meus sinceros e bem fun-
« dados desejos.

« Se as leis humanas emanciparam-me de
« Vm, perante as leis da natureza julgo-me
« cada vez mais debaixo da autoridade
« paterna.

« Uma força irresistivel, que felizmente Vm.
« não desconhece, obrigou-me a entregar-lhe
« o coração, sem que fosse consultado aquelle
« que m'o preparou contra as insinuações do
« mal; mas, custe o que custar, não disporei
« da minha pessoa enquanto Vm. nao
« decidir como bem lhe pareça.

« Assim como posso casar-me, sem desobe-
« decer á recusa de meu pae, assim tambem
« obedecerei á tão competente recusa, sem
« renegar dos brios d'esse coração que já
« não é meu.

« A mulher que almejo para esposa é rica
« de espirito, pobre de dinheiro, obscura na

« ascendencia, mas deslumbrante na formo-
« sura.

« Para querel-a tanto não lhe indaguei do
« berço, indo em cata de braços que jamais
« me assentariam á dignidade propria; estu-
« dei-lhe apenas a indole, no intuito de
« encontrar uma companheira digna do futuro
« que Vm. me deseja.

« Talvez seja engano dos meus olhos ou
« pretenciosidade de minha razão, mas, creio
« que se Vm. a visse e ouvisse, não careceria
« de mais nada para logo cousentir na minha
« escolha, applandindo-me a felicidade.

« Ella chama-se Virginia e é filha do pro-
« prietario Pedro Roque de Souza, que me diz
« conhecer muito Vm.

« Prevenindo a mais positiva objecção que
« o bom senso de Vm. poderia oppor contra
« o meu casamento, saiba que o ministro da
« justiça affiançou, a pessoas insuspeitas e
« de grande valimento para elle, despachar-me
« quanto antes para uma das melhores comar-
« cas disponiveis.

« Ainda que Vm. o auctorise, não realisarei
« as minhas nupcias emquanto o ministro
« não cumprir a promessa, até porque a

« palavra de um conselheiro da corôa regula
« ás vezes com a responsabilidade de um ca-
« daver ou com a soberania de um laçao.

« Aos diminutos rendimentos da minha toga
« juntando o espontaneo auxilio dos pecu-
« niarios recursos de Vm., poderei fazer face a
« maiores dispendios, tomando sobre os hom-
« bros a onerosa carga de pae-de-familia.

« Se não vae muito discernimento nos meus
« anhelos e ponderações, responda Vm. com
« a imperturbabilidade e criterio que o carac-
« terizam, enviando ao mesmo tempo a sua
« benção áquelle que tem a gloria de assig-
« nar-se.

de Vm.

filho submisso, etc.

Fechada esta missiva, quem mais se inte-
ressava por ella foi pessoalmente registral-a
no correio para que chegasse com mais
promptidão a seu destino.

Convem notar que depois de escrever uma
carta de tanta importancia, Alfredo não lhe
poz involucro sem mostral-a á sua terna mãe,
que reforçou o pedido e as razões do filho
com um *post-scriptum* d'aquelles que são ca-
pazes de abrandar uma inexorabilidade como

a da Prussia contra a França na annexação da Alsacia e da Lorena.

XXIII

TACTICA AMOROSA

Que mais queria Alfredo?

Melhores padrinhos não poderia ter: a sua franqueza e a valiosissima informação de sua mãe. Quando se encaminhasse para Roque de Souza encontral-o-hia de braços abertos.

E Virginia? O novo jurisconsulto havia em tudo achado probabilidades a favor da sua pretensão, mas não podia afiançar pelas disposições da pessoa cuja vontade mais importava á favoravel solução do projecto.

Se a filha de Roque de Souza negasse a sua mão, ou se a dêsse para não contrariar o pae, por que decepção não passaria o animo de Alfredo!

Homem ha que se não peja de vincular-se pelo hymeneu, ainda que seja com um tristissimo automato em figura de mulher. Esse ou ama fórmãs e não a alma, ou entende que triumphã , quando arrasta comsigo,

como fiel companheira de toda sua vida, uma pobre mulher a quem deixam apenas a liberdade de esperar a morte, porém que viverá mais oprimida e menos senhora de si do que a peada rez prestes a cair fulminada sob o certo golpe da faca do magarefe!

Alfredo tinha bastante pundonor para não unir-se com a misera escrava de sordidos caprichos, ou não aspirar a uma pretenciosa ridicula, que denotasse ter nojo d'elle, antes de aceitar-lhe a proposta, e desistisse da prolongada reluctancia só por não ficar para tia.

Pensando assim, depois de haver escripto a seu pae, o apaixonado mancebo dizia lá consigo :

— Não, isto não vae bem; é forçoso antes de tudo obter a permissão da pretendida. Sem prevenir esse escolho, ainda que me não estorvem os outros, não ha bonanças que sirvam nos horisontes da vida conjugal. —

Se todos raciocinassem com a sensatez de Alfredo, não occorreriam pelo casamento tantas desgraças e vergonhas, que redundam em desproveito da sociedade quasi sempre incapaz de explical-as e diminuil-as!

N'esse mesmo dia em que foi escripta a carta endereçada ao commendador Pereira Gomes, impetrando-lhe a permissão do consorcio, dirigiu-se Alfredo á casa de Roque de Souza para assegurar-se da predisposição de Virginia.

Esta recebeu o seu habitual thuriferario com aquella affabilidade que a caracterisava e que tanto desarmava, ás vezes, os mais bem planeados assaltos do moço.

Nem sempre se pode ir pela sorrelfa, por que nos arraiaes contrarios anda tudo prevenido e alerta ao primeiro signal; tenta-se manobrar com a artilheria assestada em parallelas, e o terreno desigual e escorregadio não permite a manobra; se se offerece batalha corpo a corpo, o desafiado a recusa; ataca-se de roldão, por todos os lados e com todas as armas, e o assaltado, não se deixando flanquear, defende-se na frente com uma cova de Ohain onde o temerario arrojo se nullifica, sem que se fizesse precisa a infidelidade de um guia Lacoste, ou sobrevenha o inesperado reforço de Blücher.

De recursos identicos dispõe uma atilada mulher, quando responde ao fogo de artilheria

da linguagem, que lhe oppomos á avantajada perspicacia.

Ha situações admiraveis que comprovam a prerrogativa de indole da mulher, cuja instantaneidade vence os artificios do homem, compensando-se d'estarte a falta de meios adquiridos pela instrucção.

Nem ha necessidade das raras argucias e formosuras como as de Cleopatra, Aspasia e Maria Tudor para que os Antonios, Pericles e Fabianos percam a força de vontade e se desorientem ante a inesperada evasiva de uma resposta dada a tempo.

Alfredo, n'essa noite, entrou resolvido a se apoderar da cubicada fortificação, dando-lhe um assalto frente á frente.

Alli não havia meias victorias ; ou tinha que vencer de uma vez ou ser vencido para sempre.

Mas, a fallar pura verdade, os incansaveis soldados que investiram com tanto ardor contra os muros da famigerada Humaitá, nos ultimos impetos não desconfiariam mais do exito do ataque do que Alfredo na primeira investida á imperturbabilidade de Virginia, que em taes momentos estava bem longe de pensar n'um pedido de casamento.

Nem que fosse de proposito a descoroçoar as pretensões decididas de um aspirante a esposo, a bella filha de Roque de Souza influencia então mais tentações e apresentava mais serenidade do que nunca.

Quanta gente boa não ha trepidado ante os obices de tão falsas occasiões?!

Quantas vezes a mais consummada estrategia da elegancia se esbarra com um formidavel entrincheiramento e toca a retirar, atordoada pelo vivissimo fogo de uma fortaleza espiritual, lindamente mascarada por um caminho de flores, com que o inimigo nos prepara a derrota sem alardear muita força.

A mais rude camponeza, ás vezes só com uma palavra e illuminada por um gesto do contendor, burla ou desmancha a têa da conversa mais bem urdida pela malicia do polido cortesão.

Travado o interessantissimo dialogo de Virginia com Alfredo, rematou-se o combate por tal modo que não desagradou ao pretendente.

— Então não faz mnito empenho em casar-se?

— Não. E para quê?

— Mas, se pedirem-n'a em casamento?

- Casarei com quem meus paes quizerem.
— E se fosse eu quem pedisse?
— Não vejo motivo para excluil-o dá regra geral.
— Isto já me consola, porque dá a entender que sou homem como os outros.
— E não é assim?
— Tem toda razão, disse, risouho, Alfredo que, despedindo-se dos paes da moça e por ultimo, d'ella, sahiu com ares de quem não julgava mal empregada aquella noite.

XXIV

CALOR E MAU HUMOR

Meio-dia acabavam de dar todas as igrejas do municipio neutro.

Roque de Souza, entretido com uma revisão de papeis velhos que remexera na secretaria, nem por isso deixara de contar as doze badaladas tangidas do campanario mais proximo de sua habitação.

O dia era callido como sóem ser os de dezembro na insalubre e carregada atmosphera da côrte, mettida entre morros que difficilmente

lhe permitem alliviar-se dos rigores do verão na correnteza dos ventos.

Quanto soffre do calor, que tanto entorpece, quem vive, durante essa estação, na capital do Imperio, por não ter meios de refocilar-se em Friburgo, na Tijuca ou em Petropolis com o seu clima sempre delicioso, com os seus renques de arbustos embellecendo-lhe as ruas, com os seus canaliculos e pontes tão convidativos ao passeio dos habitantes, e com as suas casinhas tão brancas e pittorescamente engastadas na corôa da serra, para que dentro d'ellas supponha a creatura estar menos distante do ceu !

Roque de Souza, extraordinariamente gordo e de um temperamento sanguineo, offegava incessantemente, maldizia a temperatura do estio, e por mais que se pozesse em mangas de camiza a abanar-se com o seu lenço de rapé, não conseguia minorar o peso que o vexava.

Depois de andar mil vezes da sala para a cosinha e *vice-versa*, distrahindo-se com libações que, longe de refrescal-o, activavam-lhe mais a transpiração, o nosso homem sentava-se esbaforido a exclamar como para que o soccorressem :

— Irrha! que é demais! Vive-se aqui n'um forno!...

Reconhecendo alfin que perdia o seu tempo e se afadigava mais com tantas idas e voltas entremeiadas de imprecções, o pae de Virginia entendeu que era melhor abrir gavetas e revistar os seus conteúdos.

Estava occupado n'esse trabalho quando a campainha do corredor deu-lhe signaes de pessoa estranha.

— Quem será a esta hora? disse Roque de Souza erguendo-se e logo dando gritos para que fossem ver quem era.

Não sendo attendido, continuou a soar fortemente a campainha, com o que contrariou-se muito o dono da casa, que exprimiu a sua indignação n'estes termos:

— Arrhe! que não me deixam trabalhar! Que importuno aquelle que não espera que lhe respondam! Aposto que vem salvar o pae da força!-- E assim clamando, fez-se obedecer a toque de cachações por um dos escravos, que correu até a escada e voltou dizendo:

— E' uma senhora coberta de luto que quer fallar com meu senhor.

— Já sei que hoje é dia aziago. Que quererá

essa mulher comigo em horas tão quentes? Perguntou a si mesmo Roque de Souza com visiveis signaes de enfado, mas depois, levado por natural curiosidade, ordenou ao escravo: Abre a porta da sala e faze entrar para lá essa aza preta.

Passados alguns instantes appareceu na sala Roque de Souza, cumprimentando secamente a desconhecida, e avaliando-lhe a condição pela qualidade dos trajos, perguntou-lhe com arrebatamento:

— Que quer de mim a senhora?!

— Sou uma desvalida viuva que perdeu o seu unico filho, morto na campanha do Paraguay e...

Cortaram essa reposta dous fios de lagrimas e uns soluços capazes de penalizar o coração mais duro.

Depois reacalmou se a desgraçada mãe e proseguiu dizendo:

— Meu filho não passou nunca de cabo de esquadra, e como não tinha protectores que se lembrassem de mim, porque n'este mundo nada se alcança sem protecção e...

— Tá tá tá! Basta de historias, minha rica... Tenho muito que fazer. Se seu filho

não passou de cabo de esquadra, a culpa não é minha; se deixou os ossos no Paraguay, culpado foi elle por metter-se em camiza de onze varas. Agora, já que elle morreu, tracte de si, até porque ninguem fica para semente. Observou Roque de Souza que estava sofrego de ver pelas costas a visita.

— Mas, senhor, elle era meu unico arrimo! Tudo que podia ajuntar de seus soldos mandava para mim. Partiu como voluntario, com tanto entusiasmo e a meu pezar, só para ver se, melhorando de sorte, me abrigava melhor. Tornou a viuva.

— E agora que se hade fazer? Que pretende a senhora com toda essa longa-lenga?

— Venho pedir-lhe uma esmola, pois que desde hontem até estas horas nada tenho em casa para comer.

Ponderou humildemente a misera.

— Ora não seja preguiçosa! E-tá ainda tão moça! Vá trabalhar ou bata em outra porta, que eu não sirvo para filho de viuva nem sou o pae de todos—trovejou o desalmado, mostrando a porta á desditosa mulher que logo sahiu debulhada em prantos.

Quando, ao entrar na alcova, encaminhava-

se Roque para a sala de jantar, encontrou-se com Virginia que, com os olhos arrazados de lagrimas, não poudo reprimir esta justa exprobração :

— Com effeito, papae! Como se recebe a miseria que implora a caridade! Vai. não tem medo de ser castigado?

— Peior! peior!... Não ha duvida que estou no meio de santas, por isso tenho andado tanto para trás!

— Mas, papae, que lhe custava... A moça não teve tempo de concluir a sua pergunta, porque o pae, abrindo caminho, retrucou-lhe de um modo reprehensivo :

— Ora não me venhas dar regras. É melhor que vás brincar com as tuas bonecas, aprender as denguiças de tua santarona mãe, não te intromettendo no que me diz respeito.

Ante essa grosseira observação paterna a donzella suspirou, indo logo desafogar-se na infallivel ternura de sua virtuosa mãe.

Mal se tinha assentado Roque de Souza para recommençar o seu divertimento em revistar papeis velhos, eis que retiniu-lhe aos ouvidos

a desassocegada campainha que fez estrondear em toda casa a seguinte lamentação:

— Com seiscentos mil demonios! Parece de proposito! Não sou senhor de meu commodo! Heide metter-me debaixo da terra para que esses importunos cansem de buscar-me!

Inmediatamente accudindo á grade uma escrava para saber quem era, veio de lá dizendo ao senhor:

— É o homem do gaz que vem cobrar...

— Não ha dinheiro hoje. Espere ou deixe-me ás escuras, mas em paz!

O tal cobrador ouvindo bem essa resposta decisiva, mediu de um salto os cinco degraus da escada, promettendo a si mesmo não voltar mais á casa de tão insolente devendor.

Porém, ainda não estava muito longe o empregado do gaz e já tocava no cordel da campainha um outro açodado perturbador do santo ocio de Roque. Felizmente a preta, que estava alerta junto da escada, não deixou que se fizesse perceber lá dentro esse novo toque, recebendo uma carta que entregou sem mais demora ao senhor.

Este, rasgando o fecho da missiva e endi-

reitando os oculos com que revistava os cantos da gaveta, leu, com iniquevocas demonstrações de raiva e pondo-se cada vez mais vermelho que um pimentão, as communicações que lhe eram feitas por intermedio d'esse papel.

Terminada a leitura, o pae de Virginia, batendo com o punho na meza vociferou:

— É de mais! Aquelle peralta não toma caminho de gente! Só quer vadiar! Metti-o n'um collegio a ver se elle vadiava menos, e não quer dar contas de si!...

Roque de Souza estava n'este desabafo contra o filho, quando a escrava interrompeu-o, dizendo-lhe:

— Ahí procura por meu senhor....

Não poudo continuar, porque desorientou-a um grito de Stentor, que chegou até a porta da rua repercutindo n'este gosto:

— Que burro ou diabo será este que ainda vem importunar-me?

— Sou eu, compadre Roque! Não se zangue! Sou eu!.. Respondeu uma voz de taboca rachada, que faria estourar de riso o mais formalizado e carrancudo juiz.

— Quem é que está ahí? Entre!... e logo ajuntou Roque de Souza:

— Até você, compadre Pantaleão?! Tanta cerimonia para entrar!... Valha-me Deus com tal gente!

— Não se altere, por favor, meu compadre, acudiu o recém-vindo, que foi logo tomando assento, descansando o chapelorio, maior que uma sorveteira, apoiando as mãos cruzadas sobre o cabo do cosicado guarda-sol mettido entre pernas, estrondosamente assuando-se e batendo n'uma velha caixa de tabaco para offerecer a pitada do estylo.

— Pois não, compadre! Pois se você entra em nossa casa com tanta cautela que parece querer apanhar-me de surpresa em algum furto ou assassinato!

— Arrelá, compadre! Livre-o Deus que tal succeda, porque por mim não ha que desconfiar. Que quer? educaram-me assim! Não entro em parte alguma sem pedir licença.

— Pois até n'um dia tão quente deixa-se ficar sem quê nem p'ra quê á porta da rua?!

— Haja frio ou calor não mudo de habitos. Custa a aprender, mas quando aprendo, ninguém me transtorna e arrela do caminho traçado. Disse Pantaleão chegando-se com a cadeira para mais perto de Roque e fazendo que a conversação continuasse d'este modo:

— Pois olhe, compadre Pantaleão, oxalá que o madraço do meu filho fizesse outro tanto! Acabo de ler uma queixa do mestre que me diz que o tratante é incorrigível! E, além de vadio, camelorio!

— Deus o ajude, compadre! Paciência! Que remédio se ha de dar agora? Resignação! Tudo muda, compadre!

— E eu porque não precisei de mudar, compadre? Sou hoje o mesmo que era quando nasci. E então?

— Honra seja feita; o seu a seu dono. Não me consta que o pae do meu afilhado Joãozinho fosse lerdo e curto...

— Como o compadre não o ignora, deixo de recordar o meu passado. Não quero que me taxe de gabola. Mas não me esquece o tal peralvilho que eu destinava a ser a gloria da minha geração e que poderia chegar a ser ministro ou desembargador.

— Quem sabe, compadre? Tem-se visto por este mundo tanta coisa!...

— Qual! Agora é impossivel. Ha de ser enxotado do collegio para ir parar n'uma tarimba. E, por fim de contas, gastar eu tanto dinheiro, para quê? Para fazer-se mais um réu de policia.

— Não diga assim, compadre Roque, que ainda hontem um visinho meu, portuguez da gemma e pé de boi, me esteve contando historias que, vindas de outra bocca, me pareceriam cousas da carochinha. Imagine o compadre um que foi moço-de-lambaz e que chega a vestir farda de general e arvorado em barão impõe a quem n'outro tempo nem o quereria para descalçar botas! E outros e outros milagres que se lêem na historia. Mas vamos ao que me trouxe aqui.

— Que temos de novo?

— O compadre já não se lembra de seus atrazados?

— E' verdade, como vae a comadre? Quasi que me esqueci d'ella.

— Não ha mal que lhe entre, compadre! Está boa, obrigado. Mas voltemos à vacca fria...

— Homem que faz você que não se reproduz? Já é tempo de ter um filho para descansar n'elle...

— Bem que tenho querido, porem os doutores dizem que minha dona é arvore que já não dá fructos.

-- Pois olhe, é pena que duas pessoas tão

feitas uma para outra não deixem n'este mundo uma terceira que represente bem as duas.

— Altos juizos de Deus ! Mas... não o interrompendo, compadre, convem dar o meu recado e pôr-me fóra d'aquí quanto antes, porque minha mulher damna-se quando não me vê dentro de casa. Ora se este todo póde inspirar tantas desconfianças ! Eu, um homem sério, que depois de casado morreu para tudo que não seja a consorte e alguma pataca.

— E' assim mesmo ! Caprichos de mulher !

— Deixemos isso para depois, compadre e vamos ao principal. O que me traz aqui hoje é lembrar-lhe aquella nossa lettrinha que se vence depois de amanhã !

— Que é que diz, compadre ? Tão cedo ! Pois não amortisamos aquillo ainda hontem ? Com effeito ! Não ha dinheiro que chegue !

— E' o que lhe parece, mas o tempo vôa e eu não quero que a justiça me pespegue no chilindró.

— Faremos o que fôr possível, compadre, mas dóe muito, quando me lembro que tiramos esse dinheiro para uma especulação que deu em vaza-barris !

— Agora o peor é lembrarmo-nos d'isso. Convem livrarmo-nos quanto antes do peso dos juros, e que o céu não permitta que o fôro nos faça cahir debaixo do *Anno de Nosso Senhor Jesus Christo*. Até outra vista, compadre. Não se esqueça que o negocio é sério. Cada um de nós tem de entrar com trezentos bagos. Adeus, meus respeitos á familia.

E o apressurado Pantaleão teve ainda a cortezia de offerecer a pitada da despedida a Roque de Souza que automaticamente sorveu-a, tendo apertado a mão do compadre, sem lhe poder dizer palavra, porque estava desorientado pela lettrinha tão a tempo lembrada.

Antes que desappareça o snr. Pantaleão, tiremos aqui mesmo o seu retrato.

Era um homem alto, magro e rachitico. Os pés eram inglezas; as pernas tortas, as mãos tinham unhas que mais pareciam garras. A natureza não mente ainda nos seus caprichos mais hediondos. Assim como o *estilo*, segundo Buffon, dá a entender o homem. pode-se afixar que o gráu de rapacidade n'esse bipede se demonstra pela conformação dos órgãos apprehensores.

Pantaleão possuía olhos de lynce, escondidos sob uns oculos côr de fumaça, que, harmonizados com um nariz em fôrma de bico de papagaio, com umas faces chatas e rugosas, com uma hõcca de sapo e com um acaçapado craneo desimpedido de cabellos, davam ao todo a apparencia de um monstro de setenta annos, quando esse corpo não carregava mais que o peso de cincoenta e cinco junciros na mór parte contados por infames usuras e baixezas. Agora ninguem diga que d'essa massa não se formam os hodiernos barões.

E com tão nauseabundo conjuncto vivia casada em segundas nupcias uma espivitada e frescalhona mulher que jactava-se de litterata e dizia amar o bello! Verdade é que ninguem a soffria como Pantaleão, quando ella, por desforçar-se da superioridade moral dos homens, com que tanto se consumia, limpava a mão no rosto da querida metade que ordinariamente lhe ficava mais a geito.

XXV

RIXA CONJUGAL

Depois que tornou a si d'aquella especie de estupor, a que o levou o bem dispensavel aviso que deu motivo á visita inesperada de Pantaleão, Roque de Souza arrancou um profundo suspiro, capaz de achar condolencia no animo de uma proveccta loureira, e, não tendo com quem desabafar-se, poz-se a fallar sósinho por tal molo que parecia haver-se-lhe transtornado o miolo.

Com uns esgares dignos de fazerem arripiar carreira á mais sinistra brucha, e dando á voz as mesmas inflexões com que reza a velha beata, quando é assaltada pelo somno antes de repassar as cento e cincoenta *ave-marias* e os quinze *padre-nossos* do imprescindivel rosario, assim pouco mais ou menos tartamudeava e grunhia o nosso homem.

— Meus peccados! meus peccados! Bem dizia eu que hoje era dia aziago. Nem que estivessem conchavados esses ladrões do meu socego! Um quer esmola, outro exige que se lhe

pague, aquel'outro me envia queixas, e mais outro me vem azoinar com uns ridiculos temores só proprios de quem veste saia! Parece que andam todos com a corda no pescoço! E eu que os ature!? E' demais!... Tudo tem limites... Dou de mão a todas essas vans conveniencias e sumo-me para bem longe, quando menos o pensem. D'esta vez não ha razões e deveres que detenham. A familia soffre? Aguenta-se como poder, que não ha ninguem que faça falta n'este mundo. Sobre-carrego de dividas os meus fiadores? Ora historias!... Não serei o primeiro. Diabo levem as contenplações, os compadrescos e mais quem suppõe tirar grande partido d'elles... O tempo não está para graças. Cada um arranje o que fôr mais de geito e depois estire a canella, que do contrario passa por tolo e...

Não pode acabar o discurso, porque foi interrompido pela campainha.

— E então?! Inda resta duvida?... Vou mandar benzer esta maldita casa, porque andam artes do demo por aqui!... Querem ver que é nova cobrança? Disse Roque de Souza; e já dispunha a chamar a escrava para certificar-se do que era, quando Margarida,

que n'esse instante entrava da rua, apresentou-se com uma carta e entregou-a logo ao senhor, ajuntando.

— Perguntei se tinha resposta, o portador nem me deu tempo de eu saber quem era e d'onde vinha.

— E para que tomaste a carta, negra de uma figa? Perguntou Roque.

— Porque pensei que não fazia mal. Respondeu a escrava.

— Ah! parece-me que vives industriada em alcovitices! Com que facilidade recebeste e me transmittiste a bisca! Mas deixa estar que hei de pôr cobro a tudo isto. E correndo os olhos pelo sobrescripto, Roque de Souza arremessou a carta sobre a meza, exclamando assim:

— Fica-te para ahí!... O meu gostinho é deixar-te fachada toda a vida.—

Depois, franzindo o sobrolho, approximando-se do papel e novamente examinando-o, balbuciou quasi imperceptivelmente e com ares de mofa.

— Quer me parecer letra de moça ou de algum litteratosinho que disfarçou a letra. Andará namoro por aqui? Mas, não..., por-

que não se usa sobrescripto em cartas de tal natureza. Ora seja o que fôr, pouco importa.—

E, dirigindo-se para a sala da frente, o pae de Virginia, foi passar uma revista nos moveis, terminada, a qual, entrou a cantarolar uma chula com os braços cruzados atrás das costas.

Proseguia em tão santo enleio o bom do varão, quando chegou a elle d. Iphigenia, com uma carta na mão, perguntando:

— Então esqueceu-se de lêr, ou não quiz lêr esta carta?

— Já vejo que lhe interessa muito saber. Pois olhe, não ha cousa que mais me aborreça n'uma mulher do que seja a curiosidade. Observou acremente Roque de Souza.

— Santo breve da marca! Já não vive quem fallou em tal! Pensei que fazia um bem, trazendo-lhe o papel, que se podia desencaminhar, e o senhor me recebe com quatro pedras na mão! Ajuntou d. Iphigenia.

— Era só o que me faltava! *Consummatum est!* Temol-a travada. Senhora, não me esgote a paciencia! Deixe-me em paz! Hoje não estou para lamurias e muito menos para di-

chotes, ouviu? Cuide do que é seu, que já não é pouco, e não toque no que me pertence. E pondo as mãos na cabeça, continuou Roque de Souza, alimentando a seguinte disputa com a inoffensiva metade:

— Ai de mim! que isto faz criar cabellos brancos!

— Vinha ainda a tempo a desculpa contra elles!

— E porque não! quando eu poderia morrer sem elles, se não passasse a vida de cão que levo? Ando amortalhado em vida, desde que a senhora entendeu aperriar-me com a sua fleugma. E dizem que dous genios eguaes não fazem liga!

— Desembuxe, que o seu mal é conhecido e velho.

— E diz bem, porque não morro como carneiro. Está sofrega de que eu arrebente n'uma congestão? Pois perde o seu tempo.

— Deus permitta que assim seja.

— Senhora não me tente! Já vae me chegando a mostarda ao nariz.

— Santa Barbara! S. Jeronymo! Acudam-lhe todos os santos. Mas para que tanto barulho, senhor meu marido? Que lhe fiz eu?

— Nada! Foi um pão por um olho. Ora vá rezar, senhora.

— Manda quem póde, obedeço. Porém diz-me o coração que dentro d'esta carta vem para nós alguma cousa importante.

— Quem sabe se não lhe está accusando a consciencia. As beatas de hoje são de tal originalidade, que eu não duvido....

— De que, snr. Pedro?

— De que n'esse papel se encerre um grande atrevimento de algum sujeito autorizado pela imperturbabilidade da senhora.

— Ciumes tão celo? Agora, digo eu, era o que faltava!

— Se o negocio passa a chacota, então veja que não trata com algum Maricas. Isto não é casa de Gonçalo. Tenho meios de fazer-me respeitar. Eu não sou o compadre Pantaleão.

— Nem eu a comadre d. Dorothea, que é a menina dos seus olhos. Quem sabe se esta carta não vem d'ella?

Não lhe conheço bem a lettra...

— Conheço-a eu. Não é d'ella. Está enganada.

— É bem possivel. que não. Quem dispõe

de tanta habilidade para cavallarias altas, não é muito que disfarce ás vezes a lettra.

— Pó-le ser; mas a senhora morda-se de raiva, estoure de curiosidade, certa de que não pescará cousa alguma do que diz este papel. E para não irmos mais longe, temos conversado. Gaguejou Roque de Souza, erguendo-se do sophá arrebatadamente, voltando as costas á mulher, e levando comsigo para a sala de jantar essa carta cujo mysterio tanto sobresaltava a tranquillidade de um lar.

Depois de sentar-se e estirar as pernas n'um canapé, gastando alguns minutos a parafusar n'uma idéa que era um verdadeiro dilate, Roque de Souza, tornando a cravar os olhos na celeberrima carta, não se pode conter, rasgou-lhe o envoltorio para não perder tempo em reconhecer a firma, o que pouco lhe custou, graças ao soccorro dos oculos promptamente assestados no meio da protuberancia nazal.

— Olé! temos namoro por escripto. Ainda acha pouca a franqueza que lhe dou! Ia dizendo baixinho Roque de Souza, quando ao dar com os olhos no endereço da missiva, ajuntou, rindo-se a fartar :

— Ora que injustiça! O moço dirige-se a mim, quando eu cuido que elle se dirige á minha filha! Assim é tudo n'este mundo. Ninguem se livra de uma suspeita. Mas vejamos o que me quer o snr. Alfredo.

E, prendendo um vivo interesse na leitura, o pae de Virginia, assim que devorou o derradeiro periodo, levantou-se do capané, saltando como um louco e garganteando estrepitosamente o *Viva Garibaldi*, com que muito espantou os escravos que lá o apreciavam de dentro.

Terminado o seu rompante musical, Roque de Souza, que não perdia o habito de fallar sósinho, disse, irradiante de alegria,

— Era isto mesmo o que eu queria. Agora estou salvo. Não ha mais que reflectir. Caheu-me a sopa no mel. Não pensei que um dia tão enfadonho terminasse tão bem! Agora mãos á obra que a sorte póde arrepender-se.

E, subindo acceleradamente a escada do sotão, lá dirigiu-se para seu mais lindo aposento, onde continuamente assistia Virginia, distrahida na costura ou nos livros.

XXVI

O PAE E O AMIGO

medio
segue
pedir
pensões

Antes que seja proporcionada aos leitores a entrega d'essa carta, endereçada por Alfredo Gomes a Roque de Souza, recapitulemos um pouco e vejamos o que era feito do moço.

Depois da noite em que Virginia, conversando espiritualmente com a sua mais assidua visita, deu-lhe a entender o como pensava e de que modo procederia, quando alguém pretendesse-a para esposa, Alfredo Gomes, cada vez mais decidido no proposito de mudar de estado, empregou todos os meios licitos ao seu alcance para que o ministro da justiça lhe mandasse lavrar a nomeação de juiz municipal, que fôra tão promettida, e que realisou-se passados alguns dias, refutando cabalmente as desconfianças que no espirito do nomeado pairavam contra a palavra de um conselheiro da corôa.

Com quanto a magistratura brasileira não perceba ainda hoje os ordenados correspondentes a sua importancia e competencia em gravissimos assumptos, ante os quaes o menor

o de malleabilidade da parte do magis-
 o é um grande perigo para a sociedade,
 edo Gomes, satisfeitissimo com o seu
 íro despacho, que não deixava de servir
 base ao tão aspirado consorcio, estava
 sequioso de que lhe chegasse ás mãos a
 resposta de seu pae, até porque já havia
 tempo de sobra para que o correio fosse
 a provincia de Minas e trouxesse noticias
 de lá.

Felizmente o commendador Pereira Gomes,
 ligando o devido apreço á consulta de seu
 filho, que lhe inspirou riso e lagrimas ao
 mesmo tempo, não se fez muito esperar con-
 sentindo, por estes termos, no casamento de
 Alfredo:

« Meu querido filho.

« Perdão a longa preterição que soffri de
 « tua penna, só porque usaste de tanta fran-
 « queza na desculpa.

« Agradeço-te, como homem e como pae,
 a justiça que me fazes.

« Realmente não esperava que tão cedo
 « te lembrasses de ser pae-de-familia, quando
 « a tua bella idade só pedia folgedos e
 « devias estar certo de que n'esta vida ha
 « tempo para tudo.

« Mas, como dizes, que já não ha remedio
« e que a escolhida é digna de ti, segue
« o teu destino, porque eu já começo a pedir
« a Deus que mais tarde não te arrependas
« do passo que vaes dar.

« Longe de mim o pensamento de querer
« desanimar-te com as minhas preces. Bem
« sabes que não se pode contar com a inal-
« terabilidade da ventura conjugal, como se
« conta com a infatigabilidade dos cafezaes
« e dos algodoeiros.

« Quanto aos meus recursos pecuniarios
« postos em favor do novo estado a que te
« atiras, podes ficar tranquillo, porque jamais
« me esquecerei de que sou pae e teu amigo,
« por mais vezes que me faças avô.

« Só te não relevo uma cousa: o obriga-
« res-me a dar com os ossos n'essa ruidosa
« côrte, afim de assistir ás tuas nupcias, em
« occasião de tanto proveito para mim no
« doce remanso d'este aprazível retiro.

« Emfim como entendo que a minha falta
« de comparecimento importaria uma repro-
« vação a tão solemne acto, já não ha remedio
« senão mandar recompor a casaca, descalçar
« os tamancos e disfarçar os habitos de roceiro
« debaixo das vestes de cortezão.

« Produziram-me especial agrado o juizo que
 « fazes das condições precarias da magistratura
 « e os receios que te inspira a promessa do
 « ministro, porque, na verdade, os homens
 « de pasta mystificam tudo, e a toga é hoje a
 « capa que menos abriga, momente se o
 « juiz tenta na sua pessoa refutar o adagio
 « que diz que—a honra salta pela janella
 « quando a necessidade entra pela porta da
 « da rua.

« Adeus, recommenda-me à tua futura; dize
 « à minha mulher e tua mãe que de nada
 « valeram as suas informações favoraveis á
 « petição que me dirigiste, até porque lo-
 « briguei n'esse meio subtil um desejo de
 « ver-me mais depressa junto d'ella, como se
 « eu não lhe guardasse a fé jurada, n'estes
 « ermos em que passo a debellar as formigas,
 « a ouvir o coaxar das rans acompanhadas
 « pelos grilos, e a ler, para chamar o somno,
 « as estereis disputas do parlamento e da
 « imprensa.

« Adeus, meu filho; recebe a benção do
 « teu rabujento.

« pae e amigo, etc. »

Depois de ler e reler gostosamente esse

impagavel chirographo, o nosso bacharel disse de si para si:

— Já falta menos do que faltava! — E dispoz-se a escrever, no dia seguinte, a Roque de Souza, pedindo-lhe a filha em casamento.

Justamente no dia em que Alfredo estava se apurando no escripto dirigido ao pae de Virginia, entrou-lhe pelo quarto Ricardo Garcia, exclamando:

— *Fa caldo horribile*

A essa mesma hora já vimos Roque de Souza praguejando contra o calor e revolvendo os seus archivos.

Apropinquando-se da mesa e vendo que Alfredo não lhe dava attenção Ricardo Garcia, fez-lhe este cumprimento no idioma de Tito Livio:

— *Quommodo vales, amice?*

— Parece que estás hoje atacado de polyglotismo; e eu desejava agora que ou não me interrompessem, ou só me fallassem em bom portuguez. Observou Alfredo Gomes.

— E porque, meu poeta?

— Porque estou a rabiscar um pedido que deve acompanhar-se com todas as formalidades do estylo e na maior elegancia da lingua vernacula.

— E para que pedes com tantos atavios de linguagem?

— Para dar mais importancia ao meu pedido.

— Que desejas conseguir com tantos alambicamentos? Perdoa-me a curiosidade. Redarguiu o patusco Ricardo, que obrigou Alfredo a largar a penna.

— Que desejo conseguir? Nada mais nada menos que a preciosa mão do thesouro humanisado a que hoje aspiro.

— Não está má! Primores de escripta para quem mal sabe assignar o seu nome! Atirar perolas a porcos! Perdes o teu tempo. Não vês que escrevendo a Roque de Souza em lingua de gente, expões-te ao perigo de não seres entendido?

— Não, porque elle mostrará immediatamente a carta á Virginia, que é bastante intelligente e dada a bons livros.

— Mas porque não resumes o teu pedido em quatro linhas cathgoricas?

— Porque não disponho do teu admiravel atticismo.

A minha penna ainda tem muito que gratujar para livrar-se dos circumloquios, sem incorrer em ambiguidades.

— Isto é modestia. Tens alguma leitura dos classicos principaes da nossa lingua e só com elles se alcança a bôa concisão. Não conheces os moldes sublimes de frei Luiz de Souza e do padre Antonio Vieira? Que mais queres?

— O engenho d'elles na producção de taes moldes.

— Queres muito. Es um pobre extraordinariamente ambicioso. Mas fica sabendo, uma vez por todas, que os pedidos de casamento devem ser feitos com o laconismo da proclamação de Bonaparte: — *Soldados! do alto d'aquellas pyramides quarenta seculos vos contemplan!*

Illm. sr. Desejando casar com sua filha, se não houverem inconvenientes, peço-lhe que m'o permitta quanto antes. Nada mais claro e decente!

— Bem ; deixa-me concluir a carta. Distraete com esses companheiros mudos, que jazem na estante, e para outra vez aproveitar-mehei do teu inexcedivel laconismo. Por agora basta de palestra. Disse Alfredo, retomando a penna e concentrando-se de novo n'essa folha de papel que cuidadosamente enchia com boa letra e facil estylo.

Ricardo, vendo que era inutil continuar a chuva de gracejos contra a occupação do amigo, até porque o negocio era serio, boliu em toda a livraria e, dando com um romance de Balzac, exclamou:

— Aqui está o meu homem! Bem poucos escriptores tem comprehendido com tanta graça e perspicacia as fraqueza, do proximo!

Depois de ler algumas paginas e dar mostras de um verdadeiro enleio, ás vezes desatando a rir, o entusiasta do auctor da *Comedia humana* repoz o livro na estante e, com ares de Pytonissa de Endor na tripode fatal, encaminhou-se para Alfredo Gomes, dizendo-lhe:

— Adeus, meu transfigurado pelo amor, que já nem percebes nas minhas palavras um prenuncio das amarguras que vaes condensando contra ti mesmo.

— E porquê? Que sinistros agouros! Porque não hei de seguir o exemplo de tanta gente que preconisa e adopta o casamento? Perguntou Alfredo, um pouco impressionado com a sisudez de Ricardo que respondeu-lhe:

— Porque diz-me o coração que te sahirás mal d'esse repentino deslumbramento que se apoderou de ti, bem contra a minha

vontade. Bem diz a Escriptura que os peiores cegos são os que não querem ver. E tu me pareces um d'elles.

— Mas em que consiste a minha cegueira tão reprehensivel?

— Consiste na irreflexão com que tens deixado de estudar o character de Roque de Souza, que facilmente deixa transparecer á menor prevenção o seu fundo repulsivo.

— Agora é tarde para retroceder. Já participei tudo a meu pae. Amo cada vez mais a minha encantadora Virginia, e se meu futuro sogro dér provas de monstro ou conspirar contra o meu socego, ponho-me longe d'elle, carregando comigo a minha preciosissima joia.

— E se elle não quizer ser teu sogro, que farás?

A esta pergunta Alfredo, empallidecendo e não acertando com uma resposta satisfactoria, suspirou dizendo:

— Será o que a Deus approuver.

— Ora adeus. Fica-te para ahi com o teu sentimentalismo que eu me vou com a minha experiencia. Disse Ricardo, e sahio sem apertar a mão de Alfredo que parecia bastante commovido.

XXVII

SANCTUÁRIO DO PEDOR

Quem escreve estas linhas reconhece que não vae praticar agora uma incivilidade, e muito menos uma profanação, por entrar no intimo e predilecto aposento de uma virgem!

Se fossemos abalizado escriptor como Alexandre Dumas, Paulo Feval, Castello Branco e Pinheiro Chagas, reataríamos facilmente o fio do enredo, sem que nos aproveitassemos de uma irreverencia na opinião de muita gente.

Porém ao mesmo tempo consola-nos a idéa de que os mais applaudidos romancistas, sem que o necessitem e quicá por malicia que logo se lhes perdôa, desprezam muita vez a linha recta para irem, por meio de linhas curvas, surprender a mais recatada formosura, negligentemente vestida e commodamente desgrehada, dentro da sua favorita e placida alcova.

Não somos levado pelo minimo vislumbre de hypocrisia; mas, digamol-o sem rebuços, embora não nos creia o bello-sexo: nem ve-

mos razão para que sejam imitadas a castidade e timidez com que o filho de Jacob fugiu deixando um pedaço da capa nas mãos da mulher de Putiphar, nem louvamos o proceder, de quem, por mera curiosidade, se abalança a penetrar, sem annunciar-se, no recolhimento da humanisada sensitiva.

Para que sobresaltal-a, quando ella vae abrigar-se alli do bulicio do mundo e longe de maliciosas vistas?

Apraz-lhe encantoar-se lá n'essas quatro paredes onde os receios da virgindade se distraem com as irradiações do infinito, onde o mysterio terrestre, que se chama innocencia, conversa com o mysterio sempiterno, que se chama omni sciencia.

Quantos palacios sumptuosos não se reduziriam, se o pudessem, ás dimensões d'esse acanhado recinto, só para abrangerem a desmedida felicidade que n'elle respira e folga?

N'um tão limitado espaço infunde-se uma parte do céu, que faz com que esse aprazivel retiro encerre quasi sempre um *quid divinum*.

Alli ha sempre tempo e logar para dous inoffensivos e gratos visitantes: a brisa e o passarinho. Este alli entra para descansar,

quando se aborrece do vôo, pensando que recobra o seu ninho; aquella, depois que se farta de sorver os halitos fragrantes da rosa e do jasmim, vem branda e voluptuosamente expandir-se no seio alvinitente da donzella, que é o vivido resumo do viço e aroma dos mais delicados vergeis.

Aquella serenidade com que alli delicia-se a imagem do pudor só não perturbam immunidades como a da aragem que sussurra sem delatar, ou a da avesinha que volita e gorgoeia em derredor de todos os canteiros, sem dar odiosa preferencia a nenhum.

Pois não é requintada malignidade, que ás vezes chega a ser crime, o atrever-se o homem a interromper os santos descuidos d'esse recolhimento de virgem, quando a melindrosa Psyche julga-se alli bem isenta, ainda que por instantes, dos botes que arma o espirito malefico da sensualidade, ou quando retrae-se ás miras bastardas da arrogante maledicencia ? !

Oh demonios da cubiça ! A terra é tão grande ; respiraes a longos haustos o fluido que vos conforta os pulmões ; e vos suppondes lesados, só por causa da occupação de

um cantinho de terra, de um pouco de espaço, que de nada vos serve, porque recebe e contém uma atmosphera incompativel com as vossas torpes funcções!

Homens vaidosos que tudo usurpaes! não violeis a habitação particular da virgem, momente nas horas em que ella reza, ou folhêa delectaveis livros para não lembrar-se de vós, ou repouisa confidenciando em sonhos com os espiritos celestes, ou recebe em silencio, como retribuição á sua extrema candura, o derradeiro beijo do sol que se recolhe, beijo que se lhe entranha e grava na consciencia, para que nunca se faça noite na esphera espirital d'essa imbellè existencia!

Attribulae-vos nas continuas lides que estimula o vosso desenfreado orgulho de sciencia e de poder; mas não tenteis contra o descanso de creaturas que não sabem o quanto podem contra vós, e se escondem para derramar uma lagrima que, vista pelos vossos olhos, poderia enrugar e perder para sempre a frescura e imperturbabilidade de um semblante facil de confundir e dissipar, apenas com um sorriso, as vossas iniquas e mais bem reforçadas suspeitas!

Quando esvaziades as conchas, é justo que em perolas vos indemniseis do seio do mar que vos engole os thesouros; é ainda justo que vos regaleis com o resultado dos labores do insecto que exhaure o calice da flôr; honra-vos o empenho com que lograstes descobrir meios de burlar as distancias impostas pelo oceano e os adversos caprichos do vento! Mas commetteis o mesmo imperdoavel abuso, quando sustaes com os pés, porque não o podeis devassar, o sublime trabalho da vegetação; quando roubaes a prole e o ninho ao passaro que não vos cõe na armadilha; quando impedis que seja phalena a crysalida que nasceu com o direito de transformar-se para voar; e finalmente quando ides empestar com as vossas presenças a atmosphera de uma alcova impregnada de uma alama virginal, como as paredes de um vidro que não perde o odor, ainda que se quebre ou esvazie da essencia n'elle contida!

Escravos da materia, não vos intromettaes na estancia privativa de uma pudicicia como a de Suzanna; não tortureis com tão indignos olhos o animo da virgem que, entretida a rever-se nas proprias fórmãs em que tanto

se esmerou a inexcedível estatuaría chamada natureza, é tomada de improviso pelo arrojo de vossa curiosidade perversa!

E oxalá que por tamanho atrevimento soffresse cada um de vós o mesmo castigo a que se expoz o filho de Aristêo, quando apanhou de sobresalto no banho a tão meliódica amante de Endymião.

Se desejamos realisada contra os verdadeiros profanadores essa pena fabulosa, é porque temos plena convicção de que jámais incorreríamos em tão grave falta. Demais, se quem escreve estas linhas vai penetrar na camara de Virginia, instigado pela urgencia que tem de apresentar o desenlace de uma historia; e se, lá entrando, atreve-se a descrever o que viu, é porque está bem certo de que já não pôde surprender a filha de Roque de Souza, apenas involta n'um fôfo roupão, com os mimosos pés folgados n'um chinélinho de tapête e com os cabellos despenteados, mádi-dos e roçagantes, a cobrirem-lhe as alvis-simas e bem torneadas espaduas, que a transparencia da fina cambraia offerencia á vista menos penetrante e lasciva.

O leitor não é destituído de memoria e deve lembrar-se que, adiante de nós, já subiu para o solão, onde habitualmente assiste Virginia, o sr. Roque de Souza que não é muito de galgar escadas, por menores que sejam.

Se o pae, com o aqodamento em que ia, entrou no dormitorio da filha, sem pedir-lhe permissão, é o que pouco nos importa saber.

Para quem respeita essas conveniencias de boa educação basta que tenhamos a segurança de que não achamos a moça tão desprevenida, accrescendo que só lá entramos em alma.

Quando no principio d'este capitulo asseverámos que não iam praticar uma incivilidade em nos introduzir na habitação intima de uma formosa moça, conduzindo ao mesmo tempo até lá os leitores, é porque as cousas estavam de tal sorte preparadas que de modo algum nos assentaria o epitheto do inconvenientes.

Não pensem agora os leitores que disporão de tempo sufficiente para attentarem na qualidade e quantidade dos moveis, no asseio e dimensões d'esse aposento e nos trajos de

Virginia, porque os de Roque de Souza não representam mais que um homem em mangas de camisa.

Se o leito era espaçoso, amaciado por colxões e travesseiros de pennas; se estes eram enfronhados de esguião e renda; e se aquelles eram cobertos por colxas de damasco e lençóes de linho, são observações estas que só aproveitam a quem nunca dormiu n'uma bem preparada cama, em casa de familia hospedeira que enche de carinhos um martyr de longas e penosas viagens.

As pessoas que não attenderam a este capitulo e queiram mais tarde saber se além da cama e seus accessorios, havia um guarda-roupa capaz de preservar da humidade e do pó uma duzia de vestidos de seda; uma commoda com seis gavetões, um decente lavatorio com os seus pertences de falsa porcelana; um espelho e uma caixa de costura, um grande nicho com imagens de pedra e uns quadros mal coloridos, figurando alguma scena descripta por Bernardin de Saint Pierre, por George Sand, ou por Walter Scott, declare-se desde já sabendo que havia pouco mais ou menos tudo isso, até porque

todos nós, segundo a Biblia, somos originados e padecemos da mesma exprobravel curiosidade.

Tratemos pois do que mais nos interessa.

Virginia requintava alli de attractivos. A sua physionomia parecia mais fresca e expansiva do que nunca.

Se Roque de Souza tem subido meia hora antes, talvez que lhe não pudesse fallar, porque essa moça parecia haver sahido á meia hora de um gostoso banho.

Era tanto o calor!

Fazendo-se abstracção de uma camisola branca e de um penteador que tanta graça lhe davam, quasi que se podia rever na filha de Roque de Souza, em tão seductor e ainda rorejante desalinho, a copia da deusa de Cythera nascendo das espumas do mar para atear os fogos do ciume no Olympo.

Aos pés de Virginia jazia um bastidor que acabava de cair-lhe das niveas mãos, com a repentina entrada do bom do seu pae que foi logo dizendo: — Temos muito que conversar, minha filha. —

E' de suppor que a moça, ao mesmo tem-

po que enxugava aos bastos e longos cabellos, estivesse mais uma vez confirmando a poetica asserção de um inspirado talento, que, ha bem pouco, implorando ao bello sexo artefactos para um leilão em favor dos miseros captivos, assim se exprimiu n'um dos topicos mais arrebatadores de sua pathetica epistola :

— « Porque, enfim, as flôres de um bordado nascem melhor sob vo-sas mãos ligeiras, do que os lilazes aos afagos da primavera... Ao vosso halito suavissimo o velludo amoroso rebenta em lirios e em borboletas de sêda.., e o bastidor estrella-se de missangas como se tece de constellações uma noite luxuosa do Equador. » —

Infelizmente Roque de Souza, pela sofreguidão com que invadira a alcova da filha, não deixou que Virginia continuasse a tirar da ponta da agulha siquer um long'quo simulacro d'esses primores de costura, que tão lindamente debuxaram-se na férvida e luxurriante imaginação de Castro Alves !

XXVIII

PAE E FILHA

Roque de Souza tinha muita urgencia em decidir o negocio que sendo-lhe proposto n'aquella carta, vinha pintando aos seus mais vivos desejos.

Conscio de que não perderia no jogo em que parara todo o seu futuro na grande carta que era constituída pela mão da filha, Roque de Souza pouco se lhe dava de que Alfredo Gomes amasse ou não amasse Virginia.

Que perde um pae egoista em que prepara o tamula de sua filha no thalamo a que despoticamente a condemna, sem remissão nem aggravo, comtanto que haja tempo de sobra para que o sordido mercador da innocencia atada pelas convenções sociaes, usufrúa todos os avultados premios do seu capital empregado com tanta confiança e promptidão?

Ha certos paes que negociam admiravelmente com a belleza das filhas. E com

quanto a experiencia tenha demonstrado que é esse um genero mercantil que muitas vezes falha ao mais seguro calculo, nem por isso os depravados negociantes escrupulisam um pouco mais no emprego dos meios attinentes á ignominiosa ganancia!

Elles educam as filhas, não porque o trabalho da educação se lhes afigure como um sagrado cumprimento de dever, que reverte em beneficio da sociedade, cada vez mais necessitada de boas mães de familia; mas porque entendem que só assim dobrará de preço a mercadoria com que desafiam a concurrencia dos vaidosos contractadores.

Bem que hoje não seja tão facil impingirse gato por lebre, convém muito que, em falta de outros attractivos para o consorcio, venha a educação como um esmerado galvanismo com que disfarça-se o valor intrinseco da joia tão offerecida, já que não ha ouro de lei para vender-se.

Quando a prole é naturalmente bonita e graciosa, já se não faz preciso que tanto se afadigue e empenhe o bom do pae-vendelhão para desencartar-se da bisca, porque lá diz de si para si: — A formusura e a graça va-

lem por um grande chamariz. Acudirão muitos pretendentes sem que sejam convidados.

E quando é feia e pobre a rapariga? Como hão de os paes desembaraçar-se de um tal fardo? Então começam os finos espertalhões a pregar moralidade com um modo de argumentar digno de ser applaudido por J. J. Rousseau, Pascal e Montesquieu; porque esses refohados paes-de-familia dizem a quem os queira ouvir: — É preciso educar-se a mulher; só assim teremos sempre boas esposas e mães. Cada um cuide de instruir suas filhas. A formosura esvae-se com o correr dos annos; a educação fica. —

E o dinheiro que se despende com a educação da prole não é infructifero na opinião dos paes espurios, nem se hade perder como agua em cesto roto.

Elles mais tarde cobrar-se-hão dos genros com usura.

Pois custa pouco formar-se um simulacro de Corina! Querem corpo que danse como Terpsychore? Querem mãos que toquem como Sapho e escrevam como Sévigné? Querem bôcca que falle com a verbosidade de Rambonillet e com a erudição de Stael? Querem

garganta melodiosa e afinada como a de Adelina Patti? Querem muita cousa, mas contentem-se com o que existe de melhor no mercado, certos de que não ha ganho que corresponda aos sacrificios dos sollicitos introductores da tão procurada fazenda!

Lucrem o mais que for possivel esses corajosos negociantes que sujeitam-se a todas as concordatas, com tanto que não lhes ocupe a casa e não lhes esvazie as algibeiras uma chusma de filhas solteironas.

O casamento é para elles a verdadeira nobilitação da mulher; e, portanto, é forçoso que ellas encontrem maridos endinheirados, ja se deprehende, até porque virtude e titulos intellectuaes nada pesam na balança do futuro da familia e da conveniencia do sogro que, para indemnisar-se de tão bem calculados gastos, já entendia, antes de Victor Hugo escrevel-o — que o escrupulo é uma manêta para empunhar um sceptro e um eunucho para desposar-se com a fortuna.

E esses miseraveis traficantes da innocencia, que por um engano da natureza lhes cahe debaixo das garras, ainda têm a audacia de protestar contra a energia do poeta independente que lhes brada como Thomaz Ribeiro:

*Negociantes de escravos,
desnaturados, villões!
que em troca de falsos brilhos,
ides vender vossos filhos
nos mais infames leilões!
Nas aneias que vos consomem
de só comprar ou vender,
compraes por soberba um homem,
ou vendeis uma mulher!*

Desta vez se Roque de Souza pretendia lucrar muito com o casamento da filha, Virginia felizmente não perderia coisa alguma em tal especulação.

Só cuidande no proprio interesse, mal sabia a usura do pae que não damnificava a situação da filha.

Hã d'estas coincidencias na ordem social! que às vezes nos persuadem de que em todos os actos humanos não deixa de apparecer uma intervenção divina.

Feitas estas ligeiras ponderações, reproduzamos agora o dialogo entre Roque de Souza e Virginia que, nao obstante a sua finura de mulher e os dotes intellectuaes de que dispunha, nem por isso deixou de sobresal-

tar-se e corar ante as primeiras perguntas que lhe fez seu pae.

— Então armaste a igrejinha deitando-me peneira nos olhos?

Disse Roque, franzindo o sobrolho.

— Eu não, papae... Respondeu Virginia confusa.

— Eu não?—E este pedido que me faz o sr. Alfredo?

— Eu sei... não fui eu quem o autorizou.

— É bôa! E quem havia de ser? Eu também não fui, velhaquinha.... Ingrata que já te queres libertar da minha autoridade para cahires no dominio de um estranho! Ai mundo! mundo! Todas podem medir-se pela mesma bitola!

— Mas eu não sou culpada...

— E se eu não consentisse, heim?

— Consentisse em que?

— Inda te fazes de innocente! Em que ha de ser? No teu casamento com o sr. Alfredo Gomes que me parece andar louco por ti.

O que mais admira é o tempo que basta para chegar-se a tanto! Está no que consiste o tão decantado progresso! Entra um sujeito n'uma casa e, não satisfeito dos agrados que

ahi recebe, ainda quer sahir acompanhado pelo que ha de melhor n'essa habitação, e isto em quanto o diabo esfrega o olho! Parece-me um sonho! Virginia casada amanhã! Uma menina que nasceu hontem!

Falla verdade minha filha, queres, ou é só vontade do maganão?

— Se meu pae quizer...

— Não gosto muito de meias palavras. A questão é de *sim* ou *não*.

— O que papae responder será o que mais me convem.

— Mas repara, louquinha, que não sou eu quem se vae casar com o snr. Alfredo. A fallar a verdade, elle não é mau rapaz, tem com que sustentar-te decentemente, é de boa familia; porque a respeito do mais entendo que não é com romances e poesias que se manda ao açougue. Responde, pois: Gostas d'esse moço?

— Não desgosto...

— Mau, mau! Eu não me entendo com taes evasivas. Pão pão, queijo queijo. Gostas ou não gostas?

— Gosto, porque parece ter boa indole e sempre me tratou com muita delicadeza.

— Agora digo que não ha por ahi nenhum de melhores entranhas, nem de maior delicadeza. Parece esse moço um velho no juizo e nas maneiras! Eu por mim tinha logo respondido que *sim*, mas como gosto de caminhar seguro, vim consultar a tua vontade, desempenhando o papel a que me obrigaste n'esta comedia tão bem disposta pelos dous namorados.

Disse Roque, dando ares de agastado.

— Para que falla assim, papae? Então pagam os justos pelos peccadores?

— É esta carta?

— Já disse que não tenho parte alguma n'ella.

— Pois és quem a tem maior.

— Porque?

— Porque és o objecto principal do tal escripto, e não entraste ahi como Pilatos no credo.

Mas acabemos com isso; cartas na meza e jogo franco. Queres casar com o snr. Alfredo? Eu quero...

— Se é assim, eu tambem quero.

— Huum... Porque não disseste a mais tempo? Se eu quero, tu queres e elle quer, todos querem e tudo se arranja.

— E para que sirvo eu em toda essa função? Perguntou da porta d. Iphigenia que desde principio, escondida, havia acompanhado o dialogo.

— Para que serve a senhora? — disse Roque de Souza, regalando os olhos e estendendo carinhosamente os braços para a sua metade — Para quanto antes preparar o enxoval.

— Então o meu consentimento já nada influe? Perguntou a mãe de Virginia.

— Nada, porque fallou tarde. Se quizer valer alguma cousa, é convir comigo. O projecto já passou em terceira discussão—Responden Roque de Souza.

— E então não parece que eu adivinhava alguma cousa, quando só queria que se lêsse esta carta? Tornou d. Iphigenia, apontando para o papel.

— É verdade, eu fui bem injusto; mas prometto não cahir n'outra. Disse Roque de Souza, voltando-se para a filha, a quem deu a carta, depois de ajuntar:

— Lê com emphase para todos ouvirmos, e depois guarda isso que já me não pertence.—

Virginia quiz promptamente obedecer á de-

terminação paterna, mas, ao começar a leitura, a emoção foi tal que embargou-lhe a voz, o que fez Roque de Souza levantar-se e dizer:

— Agora pegou-se-te a lingua que não ha meio de soltal-a! Peior é insistir. Eu por mim não careço de mais nada para delinear a festa que ao mais tardar, n'estes dous mezes deve receber as bençãos de Deus. —

E foi descendo a escada, enquanto Virginia predispunha-se a recommençar a leitura, reassumindo, com a ausencia do pae, toda a sua presença de espirito, para matar a curiosidade materna.

É assim mesmo em toda parte. Não sabemos se é a semelhança do sexo que faz que as filhas se entendam melhor com as mães.

XXIX

O MALMEQUER.

Mal que deixou-a só d. Iphigenia, depois de satisfazer a mais natural das curiosidades em ouvir a leitura d'essa inesperada carta, Virginia, tirando a mascara do respeito filial, entregou-se aos transportes da mais viva alegria.

A moça não cabia em si de contente.

Sendo mais um divertimento que necessidade para ella, o casamento afigurava-se-lhe como uma impagavel novidade em sua bella existencia.

A moda, as novellas, e suas melhores camaradas iam ser preteridas pela companhia do seu mais novo brinquedo, isto é, do seu futuro marido.

Alfredo Gomes parecia-lhe agora mais digno e credor de suas attenções. Tinha cumprido uma promessa que poucas horas antes merecêra apenas a irrisão de uma creatura de quinze annos.

Era pois um cavalheiro ás direitas; era um coração de provada energia aos olhos da virgem que para logo sentiu-se docemente vencida em sua tibieza infantil.

Mas qual fôra a promessa de Alfredo?

Que motivos a determinaram? Em que consistia ella?

Imagine o leitor um encontro de namorados entre os verdores do Passeio Publico, em noite de plenilunio acompanhado das brisas mais fagueiras e sussurrantes que já conspiraram contra o mais resolute ascetismo.

Imagine o leitor que lá estavam dous entes que não suppuzeram encontrar-se n'essa noite, em horas quasi mortas, porque alevantadas apenas pelo murmurio das ondas que vem quebrar-se d'encontro aquelle poetico mirante, e pelo ramalhar das arvores que bafeja o nocturno respirar da primavera no seio immenso da natureza americana.

Imagine finalmente o leitor que n'esses dous entes juntos não se completavam quarenta annos, fatidica idade em que principiam a despir-se as mais flóridas e arraigadas illuções.

E essas duas creaturas benvindas, e melhor favorecidas pela amenidade d'aquelles placidos sitios, eram Virginia e Alfredo.

Elle era o sacerdote extatico, porque ella era o idolo que descia do altar para nivelar-se com o seu feliz adorador, no meio daquelle magnifico sanctuario que tinha por cupula o céu, por lustres os astros, por incenso os perfumes da noite primaveral, e por musica os compassados e incomparaveis gemidos do mar.

Elle era o unico e afortunado reverbera da aureola da virgindade em que ella se

involvia então, como que para superar todos os encantos da natureza exuberante e resplendente que a cercava.

Quanto mais elle a mirava, mais queria devorar com os olhos todas as espontaneas effusões d'aquelle ambulante e feiticeiro esplendor.

Parecia que o espirito do Infinito, expandindo-se na irradiação das estrellas nanoradas da terra, não tardava a limitar-se para animar ainda mais os extases dessas duas almas embriagadas e confundidas pelos fragrantés halitos da noite.

E elle que, poucos dias antes, dera se por muito feliz em beijar a sombra d'ella como *Ebenzer* fascinado pela graciosa *Derrachette*: elle, mal que se foi tornando alli o venturoso e indisputavel receptaculo dos perfumes d'essa alma virginal, começou a ter ciúmes das folhas que ella colhea, dos repaxos que borrifaram-n'a, do lago em que a sombra della projectou-se, das auras que lhe brincaram nos cabellos, das ondas que ella escutou, do rumor que distrahiu-a, da lua em que descansaram seus olhares e até do peixe-boi attrahido por ella !

E, cada vez mais cioso de tão prodiga inspiração, elle chegou a ter inveja da relva que foi pisada por ella, da pedra em que ella pousou para ouvi-lo!

— E minha mãe? Dizia ella com ares de queixosa e atemorizada.

— Sua mãe confia bastante no affecto que a senhora me inspira, e por isso deixa-nos sosinhos. Não é assim, Virginia? Perguntava elle.

— Sósinhos não, que entre nós está o meu amor proprio de criança, que não se amesquinha ou recua ante os desvarios do mais orgulhoso dos homens.

— Mas, Virginia, eu te amo.

— E que tem isso para que eu esteja longe de minha mãe e para que ella não possa ouvir a nossa conversa?

— Amo-te com o coração tão cheio de puros anhelos, quão rico de estrellas é este céu que nos cobre.

— Falsa presumpção!

-- O primeiro amor não mente...

— Quando contenta-se de ser o unico.

— E tu és, meu primeiro e unico amor.

— Quem sabe?

— Deus que nos ouve e por teus olhos illumina-me o pensamento.

— Felizes os homens, que podem responder só pelo passado ; aquelles que julgam responder pelo futuro são mais arrojados e inconvenientes do que os que negam a existencia de Deus.

— Menos eu, que recebo, nas exhalações de tua alma e nas graças do teu rosto uma lição cabal da divindade e uma prova irrefragavel da inconsciencia ou cegueira dos atheus.

— Phrazes de poeta, deslumbramentos passageiros ; desfazem-se com a mesma facilidade da onda que se deixa levar pelo capricho do vento.

— Mas que alfin se quebra ante a impassibilidade da rocha.

— Então já se tem por onda?

— Sou mais, sou o oceano em lueta constante como fluido.

— Só?....

— Sou a treva que demanda a luz.

— Veja o que é ser poeta! Em poucas palavras o senhor classificou-me de mineral, de electricidade e de luz; só faltou-me ser o calor com que assim tenta enganar-me um homem voluvel como os outros.

— Diga antes—um homem que adora a senhora, desde que conheceu-a, e que mentiria a Deus e a si mesmo, se não dicesse como o poeta:

Meu desejo era ser o teu desejo.

— Pois o meu desejo é pôr um termo a estas zombarias. Minha mãe já deve querer voltar para casa, e as primas não viéram commigo ao passeio para alli ficarem ionje de mim como estafermos.

— Mais uma palavra, uma só, Virginia!

— Já ouvi-o de sobra!

— Porque a minha linguagem lhe causa tédio. Oxalá que eu fosse esse pinta legrete que ainda ha pouco trouxe-a pelo braço a rir-se e franquear-se com a senhora, como se as horas dormissem para ambos!

Eu estava de lonje contemplando aquella felicidade que era um roubo ao meu verdadeiro culto.

— E quem lhe deu direito a ter ciumes de mim?!

— O amor que lhe tenho, porque já houve quem dicesse que o ciume é a pedra de toque do amor.

— Quando não offende o objecto amado.

— Mas, Virginia, todo este meu tormento, que já a incommóda, poderá terminar com uma palavra sua. Diga-me que me ama também.

— Não. Ainda não quero ser escrava.

— Consinta que eu vá pedil-a em casamento.

— Pois não! Agora cabe-me repetir com um poeta que pelo nome não perde:

*Eu tenho quinze annos, não sou linda,
mas por meu bem não tenho amor ainda.*

— Veremos se contraria a bôa vontade de seus paes?

— E o senhor pretende casar-se comigo, ou violentar a minha vontade? Perguntou ella, desatando uma risada.

— Mas então a senhora me odeia?

— Não ha razão para tanto.

— Tem-me indifferença?

— Consulte o *malmequer*.

— E se eu, consultando essa flôr, tiver d'ella uma resposta satisfactoria...

— Não se fie em respostas de flôres — atalhou a moça cravando no seu bello adversario um profundo olhar de ternura, e depois foi correndo para onde estava sua mãe que lhe disse:

— Com effeito, menina, não te fatigas de olhar para as estrellas e para as ondas? O snr. Alfredo já devia estar aborrecido de acompanhar-te! Quem sabe se elle não teria que fazer? —

Que injustiça á paciencia do rapaz, santo Deus!

Alfredo, como que ainda alienado do mundo por esse amoroso colloquio, arrastou-se para junto de d. Iphigenia, porque reconheceu que não tardava a retirar-se a matrona, visto que eram horas de fechar-se o passeio.

— Então que acha d'esta noite, minha senhora? Perguntou o nosso bacharel.

— De rosas, snr. Alfredo. Pena é que não nos consintam passal-a toda aqui!

— Havia de ser bom, e eu em casa a esperar por minhas senhoras!

Trovejou Roque de Souza deitando os bofes pela bôcca, só com subir os poucos degrãos d'esse mirante que tem sido escada do céu para tanta gente.

— Bôa noite, meu caro snr. Alfredo. O snr, parece que advinha, ou tem policia muito fina. Verdade é que segundo o rifão até as pedras se encontram, quanto mais...

— Ainda que assim não fosse, observou Alfredo, saiba o meu amigo que faço do Passeio Publico a minha quinta de recreio, depois de jantar, e, portanto, nada mais facil que este agradabilissimo encontro.

— Resposta de mestre, mas o que não é agradável é que nos deixem trancados aqui. Iphigenia toca a marche-marche.

E lá sahiram todos appressados com receio do guarda-portão, Virginia de braço com Alfredo, d. Iphigenia entre as duas primas que se portaram com a maior descrição em prol dos namorados, e Roque de Souza, fechando o prestito, a espirrar estrondosamente.

Haverá quem se canse por ir *calcante pede* desde o Passeio Publico até o Cattete?

Algum rheumatico, é possível, jamais quem leva pelo braço uma companheira nas condições de Virginia.

Com uma d'aquellas quem não irá até o fim do mundo, e ainda mais em noite assim convidativa?

Quem não poder, ou não quizer ir, inscreva-se no rol dos paralyticos.

Em casos identicos, qualquer amante do

bello repetirá a queixa de Alfredo enleiado pelo braço do seu anjo :

— Que pena que até o espaço como de acinte se encurte contra nós! —

— Mal acabava o moço de proferir taes palavras eis que invadiu-lhe os ouvidos esta exclamação de Roque de Souza.

— Até que enfim, chegamos á casa! Tenho os pés a ver estrellas! Apre! que é um bom pedaço!

Alfredo, a estas exagerações, cahiu das nuvens, vendo-se forçado a desgrudar o seu braço e a restituir a Virginia o leque que havia trocado com ella pela sua bengalinha, durante o trajecto.

Com a celeridade que é só característica da mulher, quando se deixa prender, Virginia segredou aos ouvidos de Alfredo :

— Aqui tem, para que não diga que sou pouco generosa ou que o senhor me fez medo. Sujeito-me ao que decidir esta flôr. —

E entregou ao moço um grande malmequer que inda ha pouco era o feliz captivo do mais alabastrino seio.

— Então, ajuntou Alfredo, deijando o seu thesouro, asseguro-lhe desde já que hei de

triumphar. Prometto corresponder em regra a este preciosissimo oraculo.

— Veremos... ia continuar Virginia, mas cortou-lhe a palavra Roque de Souza que, obrigando a sua gente a tomar casa e levando a mão no ferrolho da porta, disse para Alfredo :

— São horas de dormir ; a cama está pedindo o corpo. Agora se quer subir e descansar, não faça ceremonias.

— Boa noite ! Foi só o que respondeu Alfredo, que revistando o seu malmequer, nem deu pela incivilidade com que era despedido pelo pae de Virginia.

Com que presteza dissipam-se ou convertem-se os arrufos do primeiro amor !

Basta um sorriso que representa o desabotoar de uma flôr chamada bôcca, ou uma flôr que é a mais delicada copia de um tal sorriso.

XXX

PRAZER E VERSOS

Tres dias depois d'aquelle em que dirigiu por carta o seu pedido a Roque de Souza, achava-se Alfredo Gomes em casa do seu futuro sogro que não tardou muito em dar a ultima palavra ao moço a respeito do proximo hymeneu.

Alfredo não cabia em si de jubiloso que estava com a facil acceitação que haviam merecido os seus maiores anhelos. Sentado entre Virginia e d. Iphigenia e ouvindo Roque de Souza, que n'essa noite mostrou-se mais palavroso e affavel do que nunca, o nosso bacharel tinha momentos de verdadeiro extase. Tal era a franqueza com que o tratavam e com que elle retribuia tantas provas inequivocas de cordialidade, que chegava a convencer-se de que já era membro d'aquella familia, desde muitos annos.

Alfredo occupava-se de todos os entes com quem não tardava a ligar-se no mais gostoso parentesco.

O feliz mancebo tinha os olhos cravados

na sua feiticeira promettida, os ouvidos attentos ás chocarrices de Roque e a palavra subordinada á qualquer pergunta de d. Iphigenia.

Do meio d'aquelle grupo expandia-se uma ventura tal que dava para alevantar de novo aos prazeres da existencia todos os corações abatidos pela desgraça, que se approximassem d'essas quatro creaturas alli voluntariamente eliminadas do mundo.

É que a felicidade, quando é grande e irradia d'alma pelo rosto, produz ás vezes um reflexo muito mais extenso que o do astro que nos illumina o planeta.

Nem só a portentosa corpulencia do Niagára, com sua eterna vertigem capaz de derubar os mais bem firmados colossos que se lhe opponham á carreira, tem o poder de prohibir o silencio dos ermos, transmittindo-lhes a sua immensa vitalidade, como que por acinte á mudez com que a noite se impõe ás maravilhas da terra.

Ha prazeres cuja influencia assemelha-se á da famosa catadupa: derramam-se nos espiritos mais sombrios e afastados, impedindo-lhes a taciturnidade da tristeza que é a noite d'alma.

As enormes effusões de alacridade invadem e enchem o deserto do mais improductivo e tristonho pensamento, fertilizando-o logo de esperanças, como as innundações do Nilo que infloram as aridas plagas do Egypto.

Por uma doce compensação à humanidade, tão perseguida por milhares de flagellos continuos, a febre da alegria não se propaga menos que as outras febres contagiosas.

Para ver-se quanto pode a alegria, basta dizer que o sorriso em que se desfarça a dor é tão baldado como o esforço da creança que tenta fazer-se ouvida de um cadaver, ao passo que a ventura, quando é inesperada e excessiva, traduz-so por um sorriso acompanhado de uma lagrima, sem que lhe fique mal essa prompta e eloquente manifestação de qualquer pena.

Alfredo Gomes, quasi que attingindo à plenitude de uma ventura tal, transfundia-se em alma pelo amor na belleza da sua promettida, já experimentando o suavissimo ante-gosto das peripecias do thoro, cuja poesia tem se vertido em tantas e tão apuradas sensibilidades, mas ainda não poude ser expressa ou descripta pela mais viva recordação do genio!

É verdade que o apaixonado moço tinha ainda que esperar dous longos mezes, antes que se cumprisse o seu mais ditoso almejo, Mas tambem a sofreguidão tantalica, inspirada pela tyrannia d'esse tempo, havia de ser amenizada por colloquios, expansões e caricias d'essas que acendram e ainda mais fortalecem os vinculos do tão aspirado consorcio.

Ao futuro marido onde melhor lenitivo que o antecipar-se elle ao gozo da posse, pronunciando apenas uma palavra ou uma syllaba com que se desforça da lentidão do tempo, que até parece desandar para consumir as azas de tanto desejo?

Onde maior consolo que a inoffensiva articulação d'este monosyllabo—tu—quando o homem vingá-se do rigor do passado, transportando-se pela imaginação á liberdade do futuro, só para dizer á mulher que o ama: —*Tu és minha! Tu bastarás á minha gloria. Tu me fizeste comprehender na vida do meu amor a eternidade!*—

O affinco de uma adoração como a de Alfredo, embebido em Virginia, chega a interromper lembranças e preterir affectos que

teriam motivo de taxar de criminoso esse alhêamento de gratos deveres, se só por si já não fosse tão desculpavel e involuntaria a occupação do amor.

No arroubo que foi exaltado pela resposta affirmativa e satisfactoria de Roque de Souza, pode-se bem afiançar que Alfredo Gomes abstrahiu-se, por muitas horas, da existencia de seus paes, de seus irmãos e de seus mais devotados amigos.

Elle tinha consciencia do seu viver só porque sentia entranhar-se-lhe cada vez mais no coração o olhar magnetico de Virginia.

Se Roque de Souza, que tanto palrava, perguntasse-lhe de repente o que lhe estava a dizer, talvez que esse ebrio de amor não acertasse com uma resposta digna de quem tanto parecia attender á mais banal das conversas.

Finalmente Virginia, talvez presentindo maiores embarços da sua parte e da parte de Alfredo, correu para o piano, e assim foi descarrègar pelos dedos no mavioso teclado parte do fluido que até então passava somente para o coração do mancebo.

Foi peor ainda, porque as melodias do

piano, excitando mais as emoções de Alfredo, fizeram com que elle recebesse dentro d'alma os influxos de dous soberanos magicamente identificados : mulher e piano.

Então Roque de Souza tornou-se impagavel, chegando a ponto de querer acompanhar, com a voz rouquenha e descompassada, caprichosas variações de Thalberg sobre motivos da *Somnambula*.

Depois, a pedido de Alfredo, que já mettido em tão grande fogueira inda suspirava por mais fogo de seducções, principiou Virginia a cantar o romance de *Roberto do diabo*.

Houve da parte de Roque de Souza um engano que merece especial menção.

A moça, para lisonjear a ternura de quem a escutava com a veneração que os antigos gregos tinham pelos seus aruspices, quando lhes transmittiam a sentença dos deuses, entendeu melhor substituir o nome de *Roberto* pelo de *Alfredo* e poz-se a gargantear—*Mio Alfredo ! mio Alfredo !* emquanto o pae estava na sala de jantar.

Ora, a Roque de Souza, que logo veio de dentro e não era nada affeito ás bellezas

do idioma de Ariosto, fez especie aquelle *mio*, seguido d'aquelle *Alfredo*, e não socegou senão quando a filha, pondo remate á cantoria, deu-lhe occasião de perguntar, arremedando em seguida a phrase musical de Meyerbeer: — Quem te ensinou isso? Que ridicula estavas n'essa cantilena! Que resposta poderias obter com tão extravagante pergunta: — *Mio, Alfredo? Alfredo, mio?* Ora quem mais vive mais vê, Minha filha! Pois o sur. Alfredo havia de querer que tu miasses cantando?! Deixa isso para os entusiastas das gatas italianas, que cantam miando.

Virginia e Alfredo, prestando o devido acolhimento á tão supina ignorancia, proromperam n'uma gargalhada com que Roque de Souza quasi embatocou; mas, retomando a sua fleugma habitual, esse implacavel inimigo do italiano, disse, muito ancho de si, para os dous amantes que riam-se cada vez mais:

— E esta?! É o carro adiante dos bois! Já se viu?! Eu é que devia rir-me do empenho, que tinhas, de passar a gata. Mas perdão o riso, e para esquecer-me da sensaboria do tal canto, exigo que o meu futuro genro vá recitar ao piano alguma cousa em portu-

guez correcto e puro como o que fallavam meus bisavós.

Alfredo não se fez muito rogar, e, aproveitando o magnifico ensejo, casou o rythmo das seguintes estrophes com a seductora cadencia de um pensamento de Arthur Napoleão habilmente executado pelos dedos de Virginia, que pareciam exprimir, por intermedio do seu piano um — *muito obrigada* — ao commovido recitador :

Eis os versos que arrancaram consecutivos *bravos* ! — de Roque de Souza, bem que não saibamos se foram produzidos por Alfredo ou se elle os decorou de alguma collecção de periodicos pouco divulgados :

« Antes de ver-te fui qual bruto marmore,
 « mas, hoje ardendo em teu ceeste ardor,
 « eu sou a estatua que animaste, ó idolo,
 « ás puras crenças do primeiro amor !

« Só para amar-te quero a vida eterna
 « ó graça terna em que me fórro á dør!
 « A liberdade, que perdi, não choro,
 « — escravo — adoro o meu primeiro amor.

« Nutrem minh'alma os teus fragrantos halitos
 « qual nutre o róscio a desprezada flor;
 « n'um riso teu, que é do peccado antidoto,
 « que effluvios bebe o meu primeiro amor !

« Mais altos postos a vaidade attinja,
« mais louros cinja o marcial valor —
« que á fama, imposta em tão ruidosas palmas,
« prefiro as calmas do primeiro amor.

« Por ti se inflora a laranjeira sôfrega
« de engrinaldar-te!... O vegetal candor
« confunde, ó virgem, n'essa fronte angelica,
« alvo dos beijos do primeiro amor!

« Não turbe a inveja, da inconstancia oriunda,
« gozos que infunda o virginal pudor;
« o mundo as rosas não converta em goivos
« aos ledos noivos do primeiro amor!

« — Filhas da magua — nunca enpanem lagrimas
« nos olhos teus o divinal fulgor;
« primeiro eu morra em teu regaço pródigo
« antes que morras, meu primeiro amor! »

Finda a recitação apaixonada, Roque de Souza pediu uma copia da poesia a Alfredo Gomes, dizendo que morria por essa especie de metrificacão, de que servira-se em tempos melhores para regalar com algumas quadri-nhas de sorte de S. João muitas pessoas reunidas no familiar brinquedo.

A's horas do costume retirou-se Alfredo para os seus lares, indo mais do que nunca impregnado da suavidade de Virginia.

Quando se achou na rua e não lhe pareceu estranho ao coração que n'aquella mesma noite se pudesse realizar o seu hymeneu, ainda que o prohibisse o rigor da sociedade, o nosso bacharel não deixou de concordar com algum dos remoques de Ricardo Garcia, tão avesso ás formalidades sociaes. Mas, á falta de outro remedio, Alfredo Gomes foi consolar-se com o silencio do seu travesseiro até que viesse o somno.

Virginia, quando recolheu-se ao seu leito, lembrou-se muito do recitativo e cravou por alguns minutos um olhar prazenteiro n'um quadro que tinha diante de si, representando dous passaros a beijarem-se ao pé do ninho.

D. Iphigenia, por mais que o tentasse, não podia conciliar o somno; e, presentindo grandes desgraças para a filha, começou a chorar.

Roque de Souza, incommodado pelos soluços da mulher, não se pode conter e, voltando a cara á parede, resmoneou:

— São horas de dormir, senhora. Arrelá! deixe as lagrimas para amanhã!

XXXI

D. DOROTHÉA

Faltavam apenas quinze dias para expirar o prazo marcado á realisação do casamento de Virginia com Alfredo.

O enxoval, cuidadosamente preparado por d. Iphigenia, estava quasi prompto. Virginia occupava os dias a cozer e bordar.

Não era menor em Alfredo a solicitude com que providenciava a respeito das cousas proprias do novo estado que ia tomar.

Só não havia o mesmo empenho da parte de Roque de Souza que, alguns dias depois de annuir ao consorcio da filha, andava macambuzio e frio com todos os de casa e ainda mais com Alfredo que, entretido com a sua noiva, não percebia tal mudança.

O atilamento feminino, ao qual não escapa a transição mais subtil do homem, fez com que d. Iphigenia dêsse logo por esse embezeramento do marido, e indagando-lhe a causa, tivesse em resposta o seguinte;

— Cautela e caldo de gallinha não fazem mal a ninguem. Nem tudo que luz é ouro.—

A descansada matrona, ainda não satisfeita com essa resposta em sentido figurado, insistiu com com Roque para que lhe revelasse tudo em termos mais expressivos e claros; porem o amuado consorte, voltando-lhe as costas, exclamou:

— Ora que minha mulher, quanto mais envelhece, mais abelliuda fica! Que sestro bisbilhoteiro! Apre! Ponho-me quanto antes ao largo e vou parar onde me não attribulam perguntas indiscretas e ociosas.—

E enfiando o paletot macrobio, que se lhe ajustava como a espada na bainha, no dizer de Xavier de Novaes, lá tomou caminho da rua, a resmonear cabisbaixo e aprehensivo, o original progenitor de Virginia.

Conduzamos agora os nossos leitores ao interior de uma casa que, não sendo tão concorrida como a de Sempronia durante a conjuração de Catilina, vae não obstante, influir muito nos ultimos acontecimentos que temos de relatar.

Observamos em nossas narrativas o magistral preceito de Horacio:

— *Lectorem delectando pariterque monendo.*

Nem deve só prender a atenção dos espiritos investigadores e lucidos um museu que encerra grande porção de anomalias em todos os reinos da natureza. Ha domicilios particulares cujo aspecto é mais digno de exame que as maiores exquisitices de certos museus franqueados ao publico.

Um d'esses domicilios é o em que habita o já nosso conhecido Pantaleão, matreiro e apropriado compadre de Roque de Souza.

O leitor não se espante com as raridades que vae descobrir n'essa morada onde, sobretudo, convergirão as suas vistas para a frescalhona e desembaraçada rotundidade da sra. d. Dorothea Minervina Gertrudes Contreiras das Virgens, casada em segundas nupcias com Pantaleão Anastacio Fagundes das Virgens, inalteravel negociante de seccos e molhados, estabelecido com grande armazem n'uma das ruas da cidade velha, futuro barão, e consummado talento na conjugação do verbo *surripio*.

Façamos agora de *Javert*, quando, infatigavel rastreador do crime, ia com os seus adestrados sequazes farejar os escondrijos e passos de um troço de bandidos, quasi impalpaveis como a sombra.

Quadros, como o seguinte, que se prestam às apreciações de quem, por assim dizer, os observa do buraco da fechadura, são quotidianos entre casados da laia da Pantaleão e Dorothea, isto é, convivencia de cão com gata.

Era domingo e a tarde pejava-se de frescas aragens.

Pantaleão, em trajos cazeiros que em nada contradiziam os sordidos habitos do taverneiro, divertia-se então com a sua querida metade n'um jogo de bisea innocente, que lhe custava alguns mil reis, attento que d. Dorothea não era mulher de pegar em cartas por mero e gratuito brinquedo.

Tambem, seja dito de passagem, era esse o unico jogo em que totalmente frustrava-se a finissima astucia do traficante, porque, a consorte, possuindo olhos de lynce, não deo o adversario utilizar-se da mais surrateira esperteza; e, quando elle despeitado por consecutivas perdas, atrevia-se a recalcitrar ou a resistir ao pagamento da quantia parada, então esparramava-se-lhe d'encontro ás ventas e seboso baralho, vigorosamente arremessado pelo certo braço da matrona.

Felizmente n'esse domingo os pareos não prometiam tão positivo desfecho.

Que scena aproveitavel ás musas facetas e aos estyletos acerados de genios satyricos como os de Tolentino e Gregorio de Mattos!

Dentro d'aquella casa-palacio na sala da frente, pardiçeiro nos outros compartimentos, emquanto brincavam á porta da rua os enteados de Pantaleão, mais sujos e esfarrapados que as filhas de *Thénardier*; dentro d'esse vasto ninho de aranhas, pulgas, lacrãos e percevejos, ostentava-se a vida conjugal com a mesma liberdade e desenvolturas que acarretaram a decadencia de Roma, nos tempos nefastos e opprobriosos em que o casamento era o melhor emancipador da mulher tolhida pela vigilancia paterna e que, segundo Tertuliano, desembaraçava-se para os illicitos amores, fazendo voto de repudio mal que celebrava-se o contracto matrimonial, porque o divorcio vinha logo como primeiro fructo do hymeneu.

Mas Pantaleão era uma ostra agarrada á rocha Dorothea.

Quanto mais affrontas recebia, quanto mais chufas lhe atirava a sua acrimoniosa e rebelde

companheira, tanto mais se desfazia e afevorava em carinhos essa disformidade mais enternecida e captiva do que a belleza espiritual de Alcibiades e Pericles desarmada aos pés da seductora Aspasia.

E dizia-se homem aquelle reptil!

E essa mulher, que não se importa de chafurdar-se no lôdo da obscenidade, com tanto que emporcalhasse com doestos o marido, vivia a empregar no desbrío d'elle todos os epithetos de sua facundia injuriosa, com a mesma facilidade com que a bella Cleopatra experimentava os venenos em seus escravos.

Lá se foi o tempo em que a mais leve desavença era pretexto para desquites! Hoje é indubitavel que existem muito mais garantias para a mulher, principalmente quando encontra capachos como Pantaleão.

Se Publio Sempronio abandonou a consorte por ir ao theatro sem licença; se Marco Tullio repudiou Terencia, ao cabo de trinta annos, para com um novo dote solver os seus debitos; se Sulpicio Galba desprezou a sua, por ter sahido de casa sem véu, e se o mesmo Cicero fez outro tanto á Publiola por não a ver

debulhada em prantos com a morte de Tulliola; ha por ali muitos Amphitriões e Midas que acham mais graça nas esposas quanto mais procuram ellas enchovalhal-os, porque esses desfaçados maridos quasi que acceitam a deshonra como um obsequio, como um seguro meio de regalarem-se mais á vontade com as Laises, Messalinas, Chelidons, Præcias e Phrynés hodiernas.

É hoje felizmente já não ha leis que favoreçam o matrimonio protector do adulterio, como um depravado negocio em que a quantidade de filhos regulava o numero de premios ao pae.

Mas em compensação temos que lastimar a falta irreparavel de censores como Tacito e Juvenal, que acontavam com a mesma penna o orgulho dos Cezares, a libertinagem dos Luculllos, a baixeza dos Apicios, a traficancia dos Seyllias, a liberalidade fingida dos Seneas, a cubica dos Metellos, e a usura dos Brutos e dos Cassios.

Alguns traços mais no retrato de d. Dorothéa, e fica, de uma vez para todas, conhecido esse raro perfil de mulher.

A consorte de Pantaleão era uma nedia matrona que já contava os seus quarenta janeiros; mas, pela folgada vida que sempre teve, desde o primeiro marido, e por uma vantagem de constituição, que é bem rara nas mulheres que habitam em climas quentes, parecia dispor de vitalidade e frescor para attingir os sessenta annos com um privilegio de verdadeira agerasia.

Era morena e de estatura elevada; tinha uns olhos rasgados e pretos, que viviam em continuo movimento, como se pertencessem á cabeça de uma louca; n'um pequenino nariz, quasi chato, mas bem arrebitado, a indole caprichosa d'essa matrona denunciava-se a quem não fosse um physionomista como Lavater; o corpo não pareceria malfeito, se não sobresahissem tanto uma cintura fradesca e uma protuberancia de seios que davam para ser repartidos com quem os tivesse atrophia-dos; além de tudo mais que lhe dava uma apparencia mascula, a corpulenta esposa de Pantaleão tinha o labio superior sombreado por um largo buço.

A mulher era viva e ligeira como o azougue; corria-lhe nas veias uma mistura de

sangue africano com europeu; e quando punha as mãos nas ilhargas, crescendo minaz para o marido, era um tigre de saia, que fazia estremecer a quem já não estivesse habituado a baldar as sanhas d'essa originalíssima especie de fera.

D. Dorothea tendia muito aos ardores da vida bellicosa; presumia-se de montar perfeitamente a cavallo e de atirar ao alvo com a precisão do *Comte de Monte-Christo*. Dizia a quem a quizesse ouvir, que a natureza errara em fazê-la mulher.

No auge do enthusiasmo a que chegava em suas mais calorosas discussões a respeito da differença do sexo e das funcções a que está fadado cada um d'elles, terminava por enfurecer-se, gritando para o marido: sr. Anastacio, dê-me as suas calças, tome os meus vestidos e veja para quanto eu presto.

Não obstante esses assomos de Joanna d'Arc e de Debora, d. Dorothea era dada á vida mystica, como qualquer beata inseparavel de amulêtos e da gente de sotaina.

Ella vivia lendo, quando não enchia a casa com atroadores berros ao marido e aos escravos, porque os filhos (coitadinhos!) ins-

XXXII

OS COMPADRES

Fervia pois a jogatina da bisca a dous, e era um gosto ver-se o contraste das amabilidades com que esse par-modelo adubava a recreação domingueira.

— Já não ha meio de livrar-se do camarço. Dizia Pantaleão.

— Faça-se engraçado! Jogue em regra e não pie, meu jogador das duzias. Retorquiu d. Dorothea.

— Mas, minha rica onde se viu isto? Não sou obrigado ao t-unfo. A convenção não foi esta. Só depois de terminado o baralho....

— Ora não me amofine a paciencia. Sempre a mesma cousa!

— Não foi assim que aprendi a jogar bisca; e depois o contracto deve ser observado á risca.

— Qual contracto? Veja lá se desço a entrar em ridiculos ajustes com quem não se farta de agatanhar o que é dos outros.

— Não te enfezes, querida.

— Não se adiante. Depois queixa-se.

— Pois nem consentes que eu brinque?

— Em mesmo sou muito de brinquedos com gente da sua qualidade! Vamos! vamos! espirre para ali o trunfo e não se metta em fazer trapações.

— Mas, senhora, isto assim é um escandalo!

— Vejam quem falla em escandalo! Cale essa bôcca, velho tonto!

— Tudo menos isto! Agora é de mais! A carta foi jogada e não é permittido tornar atrás.

— Era o que faltava! Aproveita-se de tudo este homem! Que miseria! È por mais avidez que mostre, cada vez perde mais.

— Podéra! com taes sophismas quem poderá ganhar?

— Quem não for tão estúpido como quem se atreve a fallar em sophisma sem saber o que significa palavra tal.

— Diga o que bem lhe parecer, mas jogue com lisura. Até que final! Ganhou!

— Venha o dinheiro.

— Lá vae... lá vae. Isto é de faca aos peitos! Vá lá, sem exemplo. Fica o resto para amanhã.

— Menos esta! Perdeu, pagou. Não ha que fiar, nem eu sou de meios pagamentos. — Mas se eu não tenho aqui mais dinheiro miúdo?

— Venha o gráido, que eu tenho aqui bom troco.

— A senhora cuida que o dinheiro se cava ou se encontra pela rua a granel?

— Não quero conversas. Despache o bêcco e suma-se, que já não posso mais atural-o.

A estas ultimas palavras de d. Dorothéa entrou Roque de Souza pela sala de jantar, e, apertando com bastante affectuosidade a dextra da matrona, disse:

— Não briguem meus pombinhos! Não se arrafem por ninharias. Aqui venho eu para reconcilial-os.

— Em boa hora vem, compadre, porque sua comadre só quer me ver o fundo das algibeiras! Observou Pantaleão.

— Não dê ouvidos a este toleirão, meu compadre, poque elle quanto mais velho fica, mais miolo perde.

Atalhou d. Dorothéa, atiraulo um olhar iracundo ao consorte.

— Está bom. Já passou a tormento. Eu

son o anjo da paz, que onde aparece evita que se prolonguem as rixas conjugaes. Tornou Roque de Souza.

— Então que pensa o meu compadre? Que eu dou a honra de travar discussões com qualquer insignificancia encasacada? Perguntou d. Dorothea.

— Sabe que lhe fago muita justiça aos seus talentos, comadre. Respondeu o marido de d. Iphigenia, que parecia agora outro homem.

— Pois, olhe compadre, a minha paciencia tem folego de gato. Minha mulher trabalha para que eu purgue aqui mesmo os meus peccados. Disse Pantaleão.

-- Razão de sobra tem este seu criado para sahir d'este val de lagrimas tão leve como uma penna. Moro com uma santa que ha de acabar por moer-me até os ossos. Agora mesmo saio de casa com receio de arrebentar de raiva. Sou muito infeliz, comadre do meu coração!

— Que diz, compadre Roque!? Perguntou d. Dorothea.

— E' o que lhe digo. Minha mulher não cansa de metter o seu bedelho em tudo. Se

me deito, não me deixa pregar olho com umas lagrimas importunas ; se fico em casa e não tujo nem mujo, só vive atraz de mim a perguntar-me o que lhe não quero dizer ; se ponho me ao fresco e vou dar uma palestra aos meus conhecidos, quando tomo casa, sou recebido como um verdadeiro condemnado ! Ah, compadre Pantaleão, se podessemos fazer uma troca...

— De que, compadre ? Perguntou o marido de d. Dorothéa.

— De que ? De mulheres. A sua indole inalteravel casa-se melhor com a da imperturbavel mãe de meus filhas. Observou Roque de Souza, exhalando um profundo suspiro que não deixou de abalar um pouco as entranhas da mulher de Pantaleão.

— Agora, ajuntou este, só se a comadre enviuvasse...

— É ea morresse, o que Deus não permitirá. Ponderou d. Iphigenia, meneando a cabeça, mordendo os beiços, gesticulando e repetindo as ultimas palavras do marido com um sarcasmo de verdadeira sîmia.

— Misericordia ! Quem mandou-me bolir na casa dos maribondos ? Temos ferroadas sem dó até amanhã. Exclamou Pantaleão.

— Olhe bem para mim, sur. Anastacio ! Busque o seu logar ; diverta-se com os seus eguaes, mas não venha ferir os meus melindres de senhora. Desculpe-me, compadre, este desafogo.

E levantando-se arrebatadamente, com os olhos scintilantes como os da pauthera asanhada e inchando como um baiacú, lá se foi para a sua bibliotheca a enfezada litterata, que por um triz não morre asphixiada de raiva, por mais que tentasse distrahir-se com o primeiro livro que lhe cahiu nas mãos.

— Então compadre, que me diz ? Perguntou Pantaleão baixinho a Roque de Souza, depois que viu a mulher pelas costas.

— Bolhas de sabão, compadre, que ás vezes não deixam de ter alguma graça ; fogo de palha que principia e acaba n'um abrir e fechar de olhos. Gosto mais d'esse ardor que da friesa de minha dona.

— Pois olhe, não lhe louvo o gosto, compadre Roque.

— E' porque não experimentou uma pachorra de mulher, que vae macia e mansamente gastando a paciencia de um christão com a mesma tentação do sapo a escan-

carar as goelas para devorar o magnetizado passarinho.

— Não ha de ser- tanto assim.

— Ora, compadre, dê graças a Christo e mudemos de conversa. Aproveitemos a occasião, agora que ninguem nos ouve.

— Sou todo ouvidos.

— Então que resultado tirou de suas pesquisas?

— Compadre Roque, você tem dom de propheta! Pelo que me noticiaram algumas pessoas de fé e ralacionadas com a melhor gente do commercio de Minas Geraes, posso affiançar-lhe que o tal commendador Fernando Gomes não tem com que pagar os seus minimos credores, pois que deve os cabellos da cabeça e a fazendinha só compõe-se de uma duzia de cafezeiros e de quatro gatos pingados.

— Falla serio, compadre Pantaleão?

— Pois eu sou de brincar com taes assumptos?

— Bem; já sei o que me cumpre fazer. Tão louco ainda não estou que viva para sustentar estranhos. Compadre, sabe que mais, vou fallar claro a minha mulher; e

se ella zangar-se, que se zangue. As informações que tenho, são um aviso da Providencia. Passa fóra!—E já Roque de Souza dispunha-se a sair, quando Pantaleão, impedindo-lhe o passo, disse :

— Não ha tanta pressa, compadre; fique com minha mulher, a ver se ella se accomoda com os seus agrados, enquanto eu vou fechar um negocio que é mesmo pechincha.

Roque de Souza, dando a importancia devida ao convite, satisfez com a melhor vontade possível os desejos e rogos de Pantaleão.

D. Dorothea, a pedido do seu carinhoso e mellifluo compadre, reapareceu na sala, e de onça enfurecida que estava, fez-se logo meiga como uma pomba.

Só Molière e Balzac moralisariam convenientemente os influxos da transição benéfica por que passou a mulher de Pantaleão, quando viu-se livre da presença do marido e a palavra de Roque de Souza abrandou-lhe as iras, entrando-lhe nos ouvidos como os accordes da harpa do rei psalmista no animo de Saul.

Que amenidade entre compadres! Realmente

só o esposo de d. Iphigenia possuía o segredo de transfigurar a caprichosa metade de Pantaleão!

Que doces narrativas! Que bem cabidos escarceus! Que labia de Roque de Souza! Esgotando os proprios recursos e vendo que a sua espirituosa comadre estava de voia, não houve remedio senão o pae de Virginia utilizar-se da copia do *Primeiro amor*, que lhe fôra dada por Alfredo Gomes.

D. Dorothea, extasiando-se com o recitativo do compadre, que tomara a paternidade dos versos para lisongear ainda mais a comadre, deixava-se levar pelos mesmos impulsos da fatalidade a que submetteu-se com tanto goêto a mulher de Melenau, quando sedazida pelo filho de Priamo.

Vamos adiante, assegurando aos nossos leitores que nenhuma desordem proveio do entretenimento de Roque de Souza com d. Dorothea, durante a longa ausencia de Pantaleão, que é dos que sabem guardar conveniencias.

XXXIII

CARTAS

Na tarde seguinte á que fica acima descrita com esses episodios domesticos e informações tiradas por Pantalvão, estava Ricardo Garcia, no gabinete de Alfredo Gomes, matando o tempo com as suas habituaes pilherias, quando entrou um escravo de Roque de Souza com uma carta na mão.

Então Alfredo Gomes, bem longe de sinistros presentimentos, adiantou-se risinho para o conductor a fim de apoderar-se mais depressa do conteúdo d'aquelle manuscrito de importantissima e agradável procedencia.

Mas, com grande sorpresa de Ricardo, a leitura d'essa carta produziu tal commoção em Alfredo que elle, deixando cahir das mãos o papel, atirou-se, pallido, tremulo e fulmiuado, no seu leito.

— Que tens, Alfredo, que novidade ha?! Perguntou, sobresaltado, Ricardo.

— Lê essa carta e n'ella avalia o requinte do cynismo e da infamia. Disse Alfredo, tornando a si d'aquelle inesperado choque.

Eis o que leu Ricardo Garcia, a quem devemos o obsequio de uma copia d'essa missiva cuja integra inserimos aqui, recommendando o primor da contextura e pondo em relevo as bellezas orthographicas.

Deliciem-se os inimigos do purismo com esse modelo epistolar, que supera a elegancia e rarissimos atavios das celeberrimas publicações do dr. Gomes de Freitas.

« Illustrissimo Senhor Alfredo Gomes.

« *Serroustancias* ponderosas que *paço* a expor-
« lhe com a *cerassidade* que sempre me cara-
« cterizou... *forçõ-me á retrosceder* do camiuho
« que levava para *estreitar-me, por via do himi-*
« *neo que o senhor me propoz*, com minha filha,
« nos laços do mais intimo parentesco.

« Desconfiando das *condições* materiaes de
« minha supradita prole, consultei a opinião
« dos peritos que *oscuttando-lhe o interior*, re-
« solveram que a menina é *frauzinazinha* de
« mais e portanto não se deve metter em
« matrimónios emquanto não se descriminar
« a crise da *nobibilidade*.

« Por mais que a menina mostrasse dese-
« jos de *entrar em nupsias* com o senhor eu
« não deixava de reparar na afrontação que

« ella sentia, quando o senhor desapparecia,
 « indo aliviar-se desse peso que se compli-
 « cava por uma *loozinha* nas bonecas que lhe
 « dão prazer antes do senhor conhecer nos.
 « A vista de tres incidentes assustadores,
 « o senhor deve ter bastante penetração para
 « não tornar se meu geuro á força de parali-
 « sar a *ceiva de um arbusto* — que fora de tempo
 « entrando na actividade da *procreação mathe-*
 « ril só poderia dar *frutos pocos ou hesteryli-*
 « sar o mesmo arbusto.

ã É preciso não se contradizer o trabalho
 « da natureza quando não é privilegiada e
 « *exuberante*, pelo que urge que o senhor
 « desista dos seus planos, e não fique meu
 « inimigo por eu dar o dicto por não dicto
 « n'uma coisa tão justificada pelas recomen-
 « dações da medicina domestica e *nacional*.

« Não faltão moças por ahí que estejam
 « em condições mais vantajosas para o senhor
 « e para ellas a respeito da *proporção fisica*.

« Aceite os meus *comprimentos* porque não
 « ha motivo para que eu deixe de ser o
 « mesmo.

Criado e obrigado

ROQUE DE SOUZA. »

— Que te dizia eu, Alfredo? Que infame!

Neste papel esthereotypou-se a indole perversa e estúpida de mais um contraste de d. João de Castro. Não me admira esta sahida; lamento que te fiasses na palavra de um homem como Roque de Souza. Ponderou Ricardo.

— Miseravel! Exclamou Alfredo com os olhos injectados e amparando a cabeça opprimida n'um circulo de ferro.

— Peior é dares importancia a taes accões. Agora todo o desprezo é pouco. Arruma as tuas malas, varre d'alma os teus incautos affectos, que de nada servem, e vae começar a tua carreira na comarca para que fosta nomeado. Disse Ricardo que não sahio de junto do amigo, enquanto não lhe descobriu um certo prenuncio de resignação e sobranceira ao procedimento inqualificavel de Roque de Souza.

Alfredo Gomes, estimulado pelo amor proprio, que em certa dose não faz mal a ninguém, accitou o conselho de Ricardo Garcia e, sem querer mais indagar qual a conducta de Virginia em relação á picardia de Roque de Souza, tomou passagem para o norte do Im-

perio, escreveva á seu pae, contando-lhe o
occorrido, e sahiu do Rio de Janeiro no
firme proposito de só volver a essa côrte
quando cicatrizasse completamente a profunda
ferida aberta por tão mal succedida paixão.

Com as duas seguintes cartas ficam os
leitores inteirados das occurrencias havidas
em casa de Roque, depois da partida de
Alfredo, e poderão ao mesmo tempo apreciar
o estado do coração do moço, em seu triste
retiro.

« Meu Ricardo.

« Fugi para curar-me e acho-me cada vez
peior!

« Não sei mais o que faça para subtrahir-me
« á incessante lembrança d'essa mulher que
« tanto amei e que não sei se ainda amo.

« Ha certas idéas que dominam o pensa-
« mento com adherencia muito mais tortu-
« rante que a da tunica de Nessas.

« Para arrancar o amor que facilmente
« entranhou-se no coração é forçoso que o
« paciente soffra dores mais lancinantes que
« as produzidas pela mordedura de insecto
« venenoso, que não se despega sem deixar
« encravados os dentes.

« Todos os que assistem friamente á tor-
« tura, dizem ao pungido espirito: — Esque-
« ça-se! — É porque não sabem que o lucro
« de certas alienações quer dizer a perda da
« vida.

« Para apagar do meu pensamento a ima-
« gem d'essa mulher, será preciso que se me
« entenebreça com ella para sempre a me-
« moria.

« Ha certos suicidas que, á semelhança dos
« afogados involuntarios, luctam com as aguas
« e pedem soccorro, por mais jubilosos que
« se tenham entregado aos furores da vora-
« gem. Assim é o amor, quando, maltratado
« pela incerteza, tenta aniquilar-se d'encontro
« ao desengano.

« Que ridicula figura estou fazendo, meu
« amigo! Arvorado em juiz quem acaba de
« ser condemnado ao scepticismo pela so-
« ciedade!

« A minha existencia compõe-se de contra-
« postos e torturantes momentos, em que
« procuro sumir-me dos homens, ou em que
« desejo vingar-me.

« Nas alternativas a que me leva essa
« imagem tão gravada, que me atormenta dia

« e noite, sinto que sou mais captivo d'ella,
« quanto mais me esforço por amesquinhal-a
« e extinguil-a no arrebatamento do meu
« despeito!

« Depois volvem-me os instantes de lucidez
« e cuido que ainda posso restituir-me ás
« antigas esperanças.... que sou um perverso
« accusador.... que essa mulher não é com-
« plice do pae.... que ella ainda me ama com
« a mesma ingenuidade com que roubou-me
« para sempre o socego do coração e a liber-
« dade do pensamento.

« Então, impellido pela saudade e depois
« de respirar o perfume dos cabellos da in-
« grata, corro para o retrato que ella me
« deu, e concentro minh'alma n'um prolongado
« olhar sobre esse cartão. Depois de cotejal-as
« durante largos minutos, chego a reconhecer
« que tal copia é muito menos expressiva que
« a que tenho estampada na memoria. Não
« sei o que sinto, não sei o que me exalta
« e humilha ao mesmo tempo, mas parece-me
« ouvir uma voz sobrenatural que me diz:
« —O teu amor é dos que nutrem-se do
« veneno que se lhes inocula!—

« Porém, quando me furto aos lenitivos de

« tão muda contemplação e penso que essa
« mulher já pertence ou amanhã pertencerá
« a outro; quando vejo que não disponho de
« forças para reagir contra a sociedade, favo-
« ravel ao pae que especula com a existencia
« da filha e contra a filha que serve como
« alfaia aos caprichos do pae; oh, meu
« amigo, envergonho-me de mim mesmo,
« porque ainda vivo no meio de tanta impu-
« dencia, e parece-me um evangelho o desafogo
« do bardo ciumento, quando exclama:

« *Fé, bom velho, virtude, amor, constancia*
« *fugiram d'este globo indigno d'elles!*

« N'esta vida, em que fórma-se o paraizo
« de uns a custa do inferno de outros; em
« que o collar de perolas, que enfeita as
« adúlteras pela ambição, representa as la-
« grimas vertidas pela honestidade da esposa
« esbulhada; n'esta vida, em que o throno
« dos felizes se erige sobre o tumulo dos
« desgraçados, e muitas vezes o que devia
« ser braga de galé refunde-se, ao fogo dos
« caprichos sociaes, para galvanisar-se e con-
« verter-se n'um diadema de nobre; n'esta
« vida em que as conquistas da intelligencia
« trabalham para baldar todos os impulsos

« do coração; tenho medo de que a idéa
« fixa, com que me attribuo, faça-me des-
« pertar ámanhan ou com a temeridade de
« um louco sem remedio, ou com os ardis
« de um criminoso insaciavel.

« Bem diz o philosopho genebrez: *Os ho-*
« *mens nascem bons; a sociedade os torna*
« *perversos.*

« Nasci para amar e querem que eu viva
« para o odio, para ser o espantallo das
« venturas alheias!

« Coração espicaçado pela saudade e pen-
« samento amargurado pela duvida não podem
« sustentar o viver de uma triste creatura
« que já se debruça, na primavera da vida,
« para medir a profundez da terra, em que
« se lhe afigura a morte como unico para-
« deiro a tão precoce desalento!

« Ricardo, não se te esgote a paciencia
« com que aturas as minhas inuteis expan-
« sões! Do fundo do retiro, em que a minh'alma
« cegou para a gloria, ainda que este pedido
« te pareça desbrijo ou loucura, rogo-te que
« me dês noticia d'essa linda e tentadora
« mulher que transfigurou para a desgraça

o teu amigo

ALFREDO GOMES.

Ricardo Garcia, não se fez muito esperar de Alfredo com a faceta resposta cuja integramos em seguida:

« Meu caro Alfredo.

« És um egoista!

« Só tratas e cuidas de ti, como se o mundo se resumisse na tua pessoa achacada de *spleen*!

« Com effeito! Escreves-me, e, faltando a todas as regras da cortezia, nem perguntas pela minha saúde!

« Creio que ainda te lembras de mim, só porque te posso fornecer algum lenitivo nas noticias que te envie da mulher, que por desgaaça tua, cada vez mais parece amar!

« Eu, que não sou como a infeliz Dido a lamentar no proximo os males de que se não julgava isenta, disponho ainda de bastante clemencia para indultar-te nas maiores faltas.

« Antes de tudo é justo que eu te corresponda à confiança, já que me déste a honra de escolher-me para teu noticiarista especial e constante.

« Mas, convem notar que por mais inda-

« gador e minudencioso que eu seja, não
« poderei asenhorar-me das occurrencias que
« te interessam, e dar-te copia d'ellas com
« o mesmo apreço que ligas ás pessoas e
« cousas que já não deveriam merecer um
« logar no teu pensamento.

« Releva-me as ommissões em que eu in-
« corra, até porque não ha poder que con-
« verta a minha imaginação, para egualar-se
« com a tua, n'uma especie de portentoso
« microscopio digno, se não fosse impalpavel.
« de satisfazer ás mais delicadas observações
« de Wirchow.

« Isto posto. lá vae o que ha de mais
« importante, desde que d'aqui sahiste mar
« em fora.

« Roque de Souza esteve prestes a ser
« transportado, na barca de Charonte, d'esta
« vida para melhor; porem como vaso ruim
« não quebra com qualquer baque, o nesso
« mais que celebre varão, que parece ter
« folego felino, hoje anda pelas ruas cada
« vez mais joyial e contente da existencia.
« O homem livrou-se maravilhosamente de
« um ataque de congestão cerebral, quando
« já estava desenganado pelos facultativos, e

« o braço do coveiro se dispunha a abrir
« espaço para guardar os despojos d'essa pre-
« ciosidade ambulante!

« Por mais que a busques, não és capaz
« de atinar com a verdadeira causa da en-
« fermidade do teu ex-sogro em perspectiva.

« Enfim, como não desejo impacientar-te
« por muitos segundos, passo a informar-te
« d'essa novidade.

« Mal que voltaste as costas, o pae de
« tua ex-futura, que infelizmente ainda não
« se pode chamar passada, armou um casa-
« mento para a filha com a mesma facili-
« dade com que desarmou o teu com ella.

« A menina, que justifica em taes concor-
« datas a ingenuidade ou, para melhor dizer,
« a inconsciencia dos quinze annos, pres-
« tou-se aos desejos do seu progenitor, sem
« pôr objecção alguma ao empenho com que
« ella pela segunda vez entrava n'um ajus-
« te de consorcio, como se fosse o mais
« comesinho artigo de negocio mercantil.

« O pretendente, que era mais pretendido,
« porque fazia parte de uma ácreditada firma
« commercial como socio de industria, exigiu
« que se realisasse o casamento quanto antes

« e á capucha, ufanando-se muito de que
« o enxoval, disposto para aquella que es-
« tava em vespervas de ser tua esposa, con-
« corresse a favorecer-lhe o açodamento com
« que queria mostrar á sociedade que no
« coração da noiva um homem de commercio
« valia muito mais que um homem de per-
« gaminho.

« Agora não penses que o teu substituto,
« apesar de não ser bacharel em direito, era
« uma figura bisonha e incapaz de occupar o
« vazio deixado pela tua pessoa. Não, meu
« caro, a tal firma, que encheu os olhos
« de Roque de Souza, representava-se n'um
« bello rosto de vinte cinco annos.

« No que toca ao moral e para que desde
« já fiques sabendo que não poderias entrar
« em competencia com o teu successor, basta
« dizer-te que elle deu prompta amostra da
« fazenda excellente que era, fugindo repen-
« tinamente d'esta praça para os Estados
« Unidos, quando reconheceu, ou lhe disse
« ram, dous dias antes de celebrar-se o
« consorcio, que a pessoa de Virginia cousa
« alguma traria que se parecesse dote, pelo
« que o improvisado noivo achou melhor ar-

« ripiar carreira, antes que o encalacrado
« socio viesse tomar contas e grudar-lhe os
« ossos na cadeia.

« Roque de Souza estava a convidar os
« amigos para as nupcias da filha, quando
« lhe chegou aos ouvidos a triste e desola-
« dora nova que quasi arranca-lhe a alma
« do corpo.

« D. Iphinenia, superior na condescendencia
« a Poncio Pilatos, foi logo abraçando a
« filha e vertendo copiosas lagrimas, pouco
« significativas na matrona que certamente
« estimou que a rapariga ficasse em casa a
« lêr, a rezar, a tocar, a cantar *bemditos*
« nas igrejas ou a divertir-se ainda com as
« bonecas.

« Virginia, pelo que me consta por inter-
« medio de pessoas fidedignas, deixou de
« apparecer á janella durante oito dias con-
« secutivos.

« Hoje, graças ao restabelecimento do pae,
« essa moça frequenta os theatros com uma
« assiduidade que não sei ao que mais honra,
« se á tua constancia que supprime o espaço
« pelo pensamento, ou se á fuga do teu
« successor, para quem toda distancia é
« pouca.

« É que me dizes de tudo que ahí vae
« relatado?

« É melhor que aliges no positivismo dos
« autos essa carga muito mais pezada que
« todas as outras, bem que seja impon-
« deravel.

« Se com o esquecimento não podes cau-
« terisar a chaga produzida pela mordedura
« do insecto venenoso que deixou encravado
« o dente, trata de recobrar a vista d'alma
« nos olhos travessos e languidos de alguma
« d'essas galantes provincianas. Só com a
« restauração de tão importantes órgãos po-
« derás encontrar o balsamo que te sane o
« coração, tão profundamente mordido pelo
« primeiro amor.

« Que lucras em descarregar os teus odios
« nos homens que não têm culpa dos teus
« soffrimentos?

« Bem que foste avisado em tempo. Não
« me tomaste os conselhos; agora não te
« vingues da insignificante parte, que se
« chama Roque de Souza, no todo, a que
« pertença, e que se chama sociedade.

« Não caias em prestar outra vez confi-
« ança á persistencia feminina, seja repre-

« sentada pelos quinze annos, ou pelos
« trinta.

« Lembraste-me o sabio de Genebra, e talvez ainda não tenhas lido J. J. Rousseau n'este irrefutavel topico do *Emilio*:

« *O imperio das mulheres não é d'ellas,*
« *porque os homens o tenham querido, porém*
« *porque assim o quer a natureza: elle já*
« *lhes pertencia antes que ellas dessem mostras*
« *de possuil-o. Esse imperio, que reduz o*
« *orgulho do Hercules, e burla a força do*
« *Sansão, é das mulheres e não se lhes pôde*
« *tirar, ainda quando ellas abusem d'elle. Se*
« *algum dia ellas o podessem perder, ha muito*
« *tempo que já teriam ficado sem elle.*

« Tambem te esqueceste, ou não sabes, que
« o autor do *Contracto Social* quer que o
« homem, antes de entregar-se ás paixões
« mais violentas e radicaveis, tenha em su-
« bido gráo o sentimento do amor proprio
« que vem do instincto da conservação.

« Não te cases, meu caro, não te cases,
« ainda que te peça em casamento uma
« sensata matrona, viuva e carregada de
« contos. Deixa isso aos que nasceram para
« observar estupidamente e até com detri-
« mento social o *crescite et multiplicamini*.

« Iludido pela saudade que te magôa,
« não creias que ainda restam no coração
« d'essa mulher, que malfadadamente adoras,
« germens de amor que te aproveitem no
« futuro.

« Quem se fia na persistencia de um co-
« ração de quinze annos bem se parece com
« um ramo cahido d'arvore e derivado por
« limpido e saltitante arroyo. A transparente
« lymphra não deixa de proseguir no seu
« curso e espelhar o azul do ceu, porque
« as folhas, n'uma das voltas, se embara-
« nharam e prenderam á pegadica margem
« da sinuosa corrente.

« O callido Byron, fazendo justiça a todas
« as edades feminis, assim vibrava na lyra
« independente:—*Mulher, os teus olhos são es-*
« *criptos na arêa!*—

« O filho de Alexandre Dumas, equipa-
« rando-se ao pae na propriedade dos similes,
« assim se exprime, sobre o caracter ins-
« tavel das moçoilas:— *Coração de moça,*
« *chrystal puro que reflecte em suas mil facetas*
« *todas as cousas que lhe passam por diante,*
« *mas que não guarda vestigio de nenhuma.*

« Não sejas fraco, pensando que te fazes
« forte.

« Victor Hugo já disse que na desgraça
« que se obstina contra o desejo do amor
« a perseverança é uma fraqueza.

« Toma isto por norma e longe de te
« converteres amanhã n'um *Werther*, n'um *Or-*
« *lando*, ou n'um *Luigi Vampa*. não des-
« prezes estas minhas derradeiras advertencias
« dictadas pela amizade sincera.

« Ama o instincto da liberdade que te
« falla pelo meu socego! Retribue com as
« flores da tua vigorosa intelligencia os
« aromas do ambiente que respira a tua
« juventude! Substitue, na esphera do teu
« pensamento, pela imagem da mulher a
« imagem ineffavel da patria, que póde ser
« mãe, esposa e filha ao mesmo tempo, sem
« que se desnature a belleza de cada uma
« d'essas entidades tão distintas.

« Vale muito mais ser Washington que
« todos os Leandros hodiernos. A ventura
« d'estes chega apenas para encher a vai-
« dade n'um coração que treme do porvir;
« a conquista d'aquelle sobrevive ao proprio
« coração no reconhecimento da posteridade.

« Aqui faço ponto, rogando-te que, se con-
« tinúas a gemer por inuteis phantasias, não

« volvas a pedir allivios e confortos á rude
« franqueza do coração do teu amigo.

« RICARDO. »

XXXIV

EPILOGO

Com a transcripção das cartas anteceden-
tes suppunhamos concluida a nossa tarefa ;
mas, quando iam submettel-a ao juizo do
publico, deteve-nos um ponderoso motivo.

Esse motivo proveio de um encontro que
tivemos com Ricardo Garcia, mezes depois
das supramencionadas occurrencias.

Este capitulo é, portanto, um interessante
appendice que todo consiste nas comunica-
ções que nos fez esse moço, felizmente vivo
até hoje, como as demais pessoas que figu-
ram n'este romance fielmente retratadas, bem
que lhes mudassemos os nomes de baptismo.

Folgamos assás em não ter de registrar
uma certidão de obito onde só escrevemos
para a vida e pela vida.

Nem rabiscariamos uma só pagina das que
ahi ficam, se os acontecimentos, n'ellas refe-

ridos, terminassem com uma scena d'essas, de arripiar o cabello, em que entram prantos e lutos, o panhal e o veneno, emfim a honra cruelmente paga pela morte ou a innocencia exposta para sempre á deshonra.

Aproveitem esses quadros lutosos e horripilantes ao mau gosto de certos escriptores-coveiros que, para commoverem mais no defecho de suas narrativas, não se importam de abrir um epitaphio em cada periodo, com tanto que de uns olhos femininos chegam lagrimas desmentidoras do coração presumido de insensibilidade marmorea.

Sem mais delongas, eis agora o resumo das importantes novidades que soubemos por intermedio de Ricardo, quando iamos dar ao prelo o nosso obscuro livro.

Por mais que tentasse reagir contra os impulsos de seu coração, Alfredo Gomes confirmara, na improficuidade da resistencia, o criterio da maxima de La Rochefoucauld, assim expressa: --- « A ausencia extingue as paixões mediocres e augmenta as grandes, como o vento apaga as velas e atéa os incendios. »

Isto posto, quando menos o esperavam,

livrando-se da comarca e de um montão de autos, graças a uma licença que obteve, o nosso bacharel avidamente restituiu-se ao seio da família.

Mas, se immensa foi a surpresa que causou, menor não foi a que sentiu, por ver d. Iphigenia e Virginia em companhia de sua mãe e irmãs.

— Como se explica isto?— Já estão a perguntar as leitoras.

— Naturalmente — respondemos.

Vendo-se onerado de dividas, não tendo com que solvel-as e mallograda a esperança de topar com um genro coberto de ouro, Roque de Souza sumiu-se, da noite para o dia, deixando apenas á familia a seguinte declaração :

— « Não sei para onde vou, mas Deus é
« grande e o mundo é largo. Ahí ficam
« dous escravos ; os outros vendi para ta-
« par as bôccas de alguns credores e não
« sahir com as algibeiras de todo vazias.
« Teem casa e braços, trabalhem que não
« morrerão de fome. Se não houver juizo,
« adeus, minhas ricas, até o dia do juizo. — »

Imaginar os transees por que passou essa

familia abandonada pelo seu chefe, é comprehender as profundas amarguras da virtude ludibriada pelo vicio.

D. Iphigenia esteve prestes a succumbir de maguas. A desventurada matrona, quasi a precipitar-re no tumulto, sentiu-se docemente amparada pelos braços da filha que, esquecida de si mesma e armada pela fé contra a adversidade, prodigiosamente sobrepoz-se á inexperiencia dos poucos annos para não perder sua extremosa mãe.

Assim é que a exotica plantinha, desentranhada e nutrida do seio da pedra, cresce, cresce, até que um dia o colosso, fendido pelo tempo e abalado pela borrasca, vae a desabar, mas eis que fica suspenso pelo vigor da bella trepadeira que de agradecida se lhe enleirara.

Quando a virtuosa mulher de Roque tornou a si de tão profundo golpe, viu-se em presença de inexoraveis mandatarios que tomaram-lhe a casa e os restantes escravos, hypothecados a credores sem alma pelo mais torpe dos maridos.

Sem pão e sem lar, d. Iphigenia e Virginia iam talvez empregar-se em grosseiros traba-

lhos, para não recorrerem á caridade publica, quando appareceu-lhes, como um anjo tutellar, a veneravel mãe de Alfredo Gomes.

Como recusar o generoso auxilio, se com lagrimas santas esse anjo de piedade rogava que se lhe acceitasse a tão espontanea proposta?

Movida pela intima affeição, que nunca diminuiu, áquella que esteve para ser sua nora, a mãe de Alfredo, logo que soube dos males de d. Iphigenia, decidiu-se a mitigal-os e disse ás filhas: — Vou trazer para nossa companhia essas duas infelizes. —

Que enormidade de lucta no pensamento de Virginia!

Quanto lhe custou ceder ás instancias da caridade, offerecida por quem tinha razões de maldizer n'essa moça a causa maior da inopinada ausencia e dos desgostos de um filho!

Cumpre notar que, não obstante o cumulo de revezes que lhe succederam, Virginia sentia cada vez mais gravar-se-lhe na lembrança a querida imagem de Alfredo.

Entre a obdiencia ao pae, que desmanchou o casamento sem consultal-a, e os despeitos

de Alfredo naturalmente accusando-a sem ouvir-a, a judiciousa donzella achou melhor conservar latente a chamma do seu amor, nutrido pelos influxos de uma promessa divina que lhe segredava ao coração: — Descansa, que elle ainda será teu marido.

E ao passo que Ricardo Garcia, mal informado, ou adrede para desilludir a Alfredo, escrevia a este, dizendo-lhe que ella tanto sentira achar dous noivos consecutivos quanto perdê-los de um dia para outro, a encantadora Virginia divisava, na fuga do marido em perspectiva a que pretenderam sacrificar-a, mais uma probabilidade de coroar-se a ventura do seu primeiro e unico amor.

Com a desappareição de Ro que desfizeram-se os castellos phantasticos da moça.

Tudo estava perdido! O coração da virgem estremeceu de angustia como a avesinha ferida, que agonisa, batendo inutilmente as azas.

Que sublimes esforços! Virginia chorava... chorava, porem mascarando sempre com sorrisos os seus desalentos, abafando soluços, só para não affligir mais a sua mãe.

Aquelle botão de rosa, ainda mal desabro-

chado, orvalhando-se de lagrimas amargas, que são a seiva infundida pela morte, ia em breve em n'irrecher, porque o roscio da esperança já não lhe aljofarava as petalas.

Como de repente fez-se noite dentro d'essa alma tão candida em pleno alvorecer!

E por mais que tentasse distrahir-se para debellar as idéas sinistras do futuro, Virginia recalhia na pungente realidade, como o triste e inexprimivel despertar do cego que esteve por momentos a sonhar com a luz.

Passaram-se longos dias em que o anjo da caridade, disfarçado na pessoa da mãe de Alfredo, empregou linitivos divinos para conseguir estancar as lagrimas e calar os gemidos d'aquelles dous entes que lhe cahiram sob as próvidas azas.

Com a chegada do nosso bacharel, d. Iphigenia, illuminada por uma idéa de justa reparação, recobrou animo, emquanto que Virginia pareceu mais a batida pelo soffrimento...

É que a donzella talvez perguntava a si mesma: Em tanta penuria serei ainda amada? E porque não? se até o revez dera-lhe ao rosto uns toques de melancholia, que o tor-

naram mais bello, e que desarmaram os malfadados resentimentos de Alfredo contra a moça !

O mancebo viera para arrostar o seu algoz-creança e encontrou-se com um anjo-victima ; chegara disposto a petrificar-se para o amor ante a insensibilidade de uma estatua de carne, e sentiu reaccender-se-lhe o coração aos suaves lampejos do olhar de uma formosa martyr.

Sob o mesmo tecto, egualmente afagadas por duas maternidades semelhantes, como poderiam essas duas existencias continuar o disfarçe de tão gratas emoções ?

Baldados caprichos ! Houve um dia em que as duas almas, reatrahidas pelas vicissitudes do infortunio, reconciliaram-se n'um sorriso de mutuo perdão, confundindo-se no primeiro beijo do amor.

— E casaram-se ? Pergunta a curiosa leitura.

Sirvam de resposta as ultimas palavras de Ricardo Garcia, quando nos encontrámos com elle :

As duas velhas, que não perdiam de vista os marrecos em constante idyllio, tiveram

medo da explosão e recorreram aos banhos ecclesiasticos.

Felizmente já não predominavam contra a felicidade dos amantes os calculos perversos de Roque instruido pelas falsas pesquisas de Pantaleão.

Quando o sacerdote appareceu para celebrar o consorcio, não poudo mais unir Virginia com Alfredo, porque já encontrou-os formando um corpo com quatro braços, duas cabeças e dous curações. Vendo reproduzida em quadro vivo o amor assim pintado pela imaginação de A. de Musset, a religião não fez mais que estender a sua benção á ventura inoffensiva, como aquella de que nos falla Garret,

— *Em que adormece a virgindade e expira,
Como expira innocente passarinho
Naza escondendo a languida cabeça.*

— E a que vem *Favos e Travos* como titulo ?

Parece que estou ouvindo a perguntar-me, com ares de critica, uma linda moreninha de intelligencia tão penetrante como uma

setta, de semblante mais luminoso e sereno que a superficie de crystallino lago, esquecido pelas brisas da primavera, n'uma limpida noite de luar americano.

Fôra um crime de nossa parte não responder á pergunta sahida de bôcca tão mimosa, que tem sorrisos dulcificadores de maguas, como se fossem uns favos de celeste mel entornados na seccura das almas amarguradas pelos travos do infortunio.

Favos e Travos são as alternativas por que passaram os dous amantes retratados n'este livro. Ha sempre favos na meiguice de uma virgem e nos enlevos de um amor correspondido por ella.

E sempre cheia de travos a sensação que experimentam os espiritos bons, quando apreciam um deslumbramento como o de Alfredo, escarnecido por uma hediondez moral como a de Roque de Souza.

E quasi sempre de favos e travos compõe-se n'este mundo o alimento das almas generosas que vivem do amor e para o amor.

FIM

NOTA

Por descuido e celeridade na revisão, no começo deste livro passaram alguns erros, como sejam: *basta uma noite fazer* (pag. 10), em vez de *basta uma noite para fazer*; *ferrado* (pag. 11), em vez de *forrado*; *inverosimiveis* (pag. 15), em vez de *inverosimeis*; *travou comigo* (pag. 16), em vez de *travou connosco*; *entrarmos* (pag. 86), em vez de *entrar*, e outros de menor importancia que o leitor intelligente corrigirá.

Escapou-nos tambem a palavra *pretenciosidade* em vez de *pretenção*.

Quando demos com essa hospede importuna, baldado era corrigil-a ou enxotal-a, porque já estava impressa a folha correspondente, e por causa de um erro não era justo o sacrificio de papel e de tempo.

Inimigo de neologismos temos jus ao perdão dos leitores puristas, até porque ha manchas no disco do sól e falhas na melhor agua do diamante.

INDICE

	PAG.
Advertencia	7
I. — O que é o amor	9
II. — Perfis	15
III. — Anjo e mulher	26
IV. — Um pouco do Cassino e da rua do Ouvidor.	33
V. — Visita inesperada em casa de Ricardo Garcia.	40
VI. — Veio buscar lau e sahia tosqueado	46
VII. — Philosophia de Socrates, e theatro de Bellini.	52
VIII. — Fascinação	60
IX. — Embebecimentos vespertinos.	69
X. — Amisade entre dous extremos	74
XI. — <i>Sub umbra noctis</i>	85
XII. — Um inimigo de Buxton	94
XIII. — Recepção affectuosa	104
XIV. — O paraiso entre quatro paredes.	113
XV. — Entre a natureza e a civilisação.	125

XVI. — <i>Per amica silentia lunæ</i>	132
XVII. — Um sorriso.	139
XVIII. — Pró e contra o casamento	147
XIX. — O piano e o recitativo.	155
XX. — O coração e a mulher	161
XXI. — Entre o céu e a terra	167
XXII. — Consulta	173
XXIII. — Tactica amorosa.	182
XXIV. — Calor e mau humor	187
XXV. — Rixa conjugal.	201
XXVI. — O pai e o amigo	209
XXVII. — Sanctuario do pudor.	218
XXVIII. — Pai e filha.	228
XXIX. — O malmequer	237
XXX. — Prazer e versos	249
XXXI. — D. Dorothea.	259
XXXII. — Os compadres	269
XXXIII. — Cartas	278
XXXIV. — Epilogo	296
Nota	306
